ADENILTON TAVARES DE AGUIAR



O DEUS DE TODA A GRAÇA



A REAÇÃO DIVINA DIANTE DA FRAGILIDADE HUMANA

ADENILTON TAVARES DE AGUIAR



O DEUS DE TODA A GRAÇA

A REAÇÃO DIVINA DIANTE DA FRAGILIDADE HUMANA

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Direitos de publicação reservados à
Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição neste formato
Versão 1.0
2015

Coordenação Editorial: Vanderlei Dorneles
Editoração: Vinícius Mendes e Wellington Barbosa
Revisão: Adriana Seratto
Design Developer: Fábio Fernandes
Projeto Gráfico e Capa: Fábio Fernandes
Imagem da Capa: Montagem sobre foto de ©sgursozlu | Fotolia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aguiar, Adenilton Tavares de
O Deus de toda a graça [livro eletrônico] :
a reação divina diante da fragilidade humana /
Adenilton Tavares de Aguiar. – Tatuí, SP :
Casa Publicadora Brasileira, 2015.
2 Mb ; ePub

ISBN 978-85-345-2180-2

1. Deus 2. Graça (Teologia) 3. Personagens
bíblicos 4. Vida cristã I. Título.

15-02389 CDD-230.732

Índices para catálogo sistemático:

1. Graça : Estudo bíblico : Cristianismo 234

Os textos bíblicos citados neste livro foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo outra indicação.

EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

14511/32294

Para Cristiane, Karol e
Lucas, por razões que
não posso explicar: não
por serem particulares o
suficiente para que não
sejam ditas, mas porque são
misteriosas o bastante para
que sejam inefáveis.

AGRADECIMENTOS

Agradecer deveria ser uma tarefa fácil, mas é. No caso desta obra, isso se deve principalmente a duas razões. Primeira, porque, em última instância, um livro não é fruto de um trabalho isolado. Não fossem os muitos autores que me precederam, eu jamais seria um escritor. Além disso, se as pessoas que conheço não existissem ou se não fossem quem são, eu não seria quem sou, e isso mudaria radicalmente a minha forma de ver Deus, as próprias pessoas e a atual ordem das coisas.

Antes de iniciar, devo ainda comentar que há muitas atividades na vida que podemos deixar de fazer simplesmente porque são óbvias, mas nem por isso deixam de ser importantes. Imagine se deixássemos de falar de nosso amor às pessoas que amamos simplesmente porque elas sabem que as amamos, ou se não orássemos mais somente porque é óbvio que Deus já sabe de todas as coisas antes de elaborarmos nossos pensamentos. Chego à conclusão de que a natureza da obviedade diz respeito à necessidade que temos de sermos constantemente lembrados de nossos deveres, por uma razão para lá de óbvia: a fragilidade da memória.

Assim, dou início à minha lista de agradecimentos, consciente de que posso esquecer nomes importantes, mas também seguro de que estou livre das acusações de não ter reservado espaço para agradecimentos, somente porque sei que Deus e as pessoas que enriquecem minha existência sabem que estou agradecido.

Portanto, agradeço a Deus, o Pai, por suprir toda a minha escassez, com Sua infinita riqueza, em Cristo Jesus; a Deus, o Filho, o meu Jesus, a razão maior de eu viver, existir e prosseguir; e a Deus, o Espírito Santo, por interceder além da medida por mim, com gemidos inexprimíveis.

Agradeço a Cristiane, minha companheira de vida, minha adorável e fiel esposa, não apenas por compartilhar minhas alegrias, mas também por tomar parte nas minhas aflições. Agradeço a meus filhos, Karol e Lucas, objetos dos meus mais profundos afetos. Vocês me ensinaram

uma dimensão do amor de Deus, que antes eu não conhecia. Foi mais claro que a lua!

Agradeço a José Martins, meu pai, meu herói e melhor amigo na Terra, por ter me convencido de que o seu viver foi Cristo, e o seu morrer, um lucro. Agradeço a alguém muito especial a quem eu chamo de mãe (os outros a chamam de Neves), por ensinar-me as sagradas letras, e por desenvolver um ministério diário de oração, pela minha vida e ministério. E também a meus irmãos, Marquinho e Nana, por serem quem são (incríveis) e por combaterem comigo nas suas orações a Deus por mim.

Agradeço ao amigo e pastor Charles Fabian. Aquela conversa no carro foi determinante para o título. E agradeço à Faculdade de Teologia do Iaene, na Bahia, por me conceder um ambiente agradável, amistoso e favorável para que eu consiga colocar em prática uma das coisas que mais gosto de fazer na vida: ler e escrever.

Reservei este parágrafo para meus alunos. Sou grato a eles por me fazerem sentir a necessidade de gastar tempo não apenas com livros, mas sobretudo com uma Pessoa; e porque me incentivam – ainda que sem perceberem – a compartilhar o que sei e o que sou, o que me leva à busca por ser alguém melhor.

Finalmente, agradeço a todos os meus irmãos e companheiros de jornada.

INTRODUÇÃO

Ao tratar com nossos semelhantes devemos todos considerar que eles têm paixões iguais às nossas, sentindo as mesmas fraquezas e sofrendo as mesmas tentações.
Ellen White

Dá-me a conhecer, Senhor, o meu fim e qual a soma dos meus dias, para que eu reconheça a minha fragilidade.
Davi

Foi Ed René Kivitz quem chamou a atenção para aquilo que ele denominou de os profetas da autoajuda e suas loucas profecias,[1] com "receitas" prontas que destilam a pretensão de que a felicidade pode chegar por meio delas. Esse tipo de literatura cresce assustadoramente, o que demonstra o nível de fragilidade emocional em que as pessoas se encontram. No fim das contas, esses livros estão tentando vender barato aquilo que, na falta de um nome melhor, nós chamamos de felicidade. Em contrapartida, Kivitz menciona a necessidade urgente de outro tipo de literatura: livros que encontrem as pessoas onde elas estão e as levem para além de seus medos e inquietações, que não se contentem em oferecer respostas triviais com dicas "infalíveis" para que a solteira consiga arranjar um namorado ou outras coisas do gênero. Concordo com ele. É isso que caracteriza o livro que você tem em mãos.

A fim de receber ajuda do alto (e não autoajuda), busco vislumbres de Deus a cada dia por meio de momentos de devoção pessoal. Nessas horas, considero indispensável a parte que as Escrituras Sagradas desempenham. Passo e repasso as páginas de minha Bíblia, uma edição Thompson de 1997, pela mesma razão que abro a janela do meu quarto num dia de intenso calor: receber um pouco de ar fresco que melhore a qualidade do ambiente; mas também a leio pela mesma razão que me olho no espelho.

Também estudo a Bíblia a fim de tentar me desvencilhar das malhas

de uma superficialidade sem precedentes que se tornou característica de nosso mundo. Como disse Richard Foster, em seu livro *Celebração da Disciplina*, “a superficialidade é a maldição de nosso tempo. A doutrina da satisfação instantânea é, antes de tudo, um problema espiritual. A necessidade urgente hoje não é de um maior número de pessoas inteligentes, ou dotadas, mas de pessoas profundas”.[2]

A cada ano tento estudar a Bíblia de uma maneira diferente. Já passei um ano inteiro estudando apenas os evangelhos, bem como já passei um ano inteiro estudando-a a partir de seus temas. Nos últimos anos, tenho estudado as Escrituras a partir de seus personagens, e devo dizer que esta tem sido uma experiência enriquecedora. Este livro é fruto dessa experiência.

A cada vez que estudo um personagem, percebo que a Bíblia não está muito interessada em enaltecer suas qualidades humanas; em vez disso, ela parece deter-se mais nos seus problemas de caráter. Diversos homens a quem admiramos hoje cometeram pecados graves, e a Bíblia não faz nenhum esforço para esconder esses erros. Adultério, incesto, mentira, falsidade, arrogância e assassinato são exemplos de uma longa lista que poderíamos construir. Entretanto, eles estão lá. Podemos encontrá-los nas páginas do Gênesis, nos relatos de Samuel, de Reis e assim por diante. Alguns caíram depois de subir muito alto, por não resistir ao apelo da fama, do sucesso, do poder e das riquezas. E mesmo assim, vemos Deus frequentemente insistindo para habitar no meio do povo. Como pode? Por que Ele Se importa? Inclusive, Ele chegou a pedir que Moisés construísse um tabernáculo, porque queria habitar no meio deles.[3] Que Deus! Quanto amor! A caneta não o pode descrever, diria Ellen White.[4]

Quando penso nos pecados graves cometidos por aqueles homens, fico com a impressão de que a intenção do autor bíblico é colocar a misericórdia e o amor de Deus em alto relevo. Afinal, Ele nos ama a despeito do que somos, dos nossos defeitos, das coisas que pensamos e daquilo que fazemos, mas Sua bondade e misericórdia agem na tentativa de nos levar para além da fraqueza e inquietude humanas. Ele faz isso convidando-nos a conhecê-Lo por meio de Jesus Cristo. Ele Se tornou homem para que pudéssemos saber quem é Deus. Veio habitar

entre nós. Tinha um endereço na Terra. Você poderia ir à Sua casa, caso tivesse vivido naquela época, contanto que essa visita ocorresse antes de Ele iniciar Seu ministério. Ele Se misturou com o pobre, o cansado, o marginal, o leproso, o adúltero, o ladrão. Chego à conclusão de que poderia haver um lugar para mim no meio daquela multidão. Isso não é um vislumbre de Deus, é uma inundação de luz, que me arrebata para perto dEle, atraído pelo brilho irresistível de Sua compaixão e pelo calor desse amor que faz derreter a frieza humana.

Quando Salomão terminou de construir o templo e invocou a presença de Deus, o senso de quem Ele é o levou a uma das declarações mais pungentes das Escrituras: “Mas, de fato, habitaria Deus na Terra? Eis que os Céus e até o Céu dos Céus não Te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei”.[5] A resposta para essa pergunta é bem simples: sim, Deus habitaria na Terra! Para que o nosso minúsculo planeta pudesse contê-Lo, Ele velou Sua divindade. Os escritores do Novo Testamento falam desse evento com segurança em suas palavras. João nos assegura categoricamente: “O Verbo Se fez carne e habitou entre nós, [...] e vimos a Sua glória”.[6] E “da Sua plenitude todos nós recebemos *graça sobre graça*”.[7] O apóstolo Paulo afirma que “Ele, subsistindo em forma de Deus [...] a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens”.[8]

Esse é um dos meus textos preferidos da Bíblia. Ele me diz o quanto Jesus condescendeu com os homens; o quanto Ele estava disposto a fazer qualquer sacrifício a fim de recuperar o ápice de Sua criação; como dizia uma canção antiga, Ele “tornou-Se um de nós”. Jamais poderei compreender plenamente como isso aconteceu. Entretanto, há algo muito claro, Jesus veio para mostrar como Deus é, e isso é o suficiente para mim. Não preciso de divagações e nem quero gastar tempo com aquilo que é periférico, mas às vezes ainda me sinto como Isaac Newton: “Pareço-me com a criança na praia, procurando seixos e conchas, enquanto o grande oceano da verdade está por descobrir diante de mim”.[9] Não quero seixos e conchas. Quero a Verdade, porém não em pequenas doses, mas em sorvos profundos. Embora dentro de mim haja uma certeza de que ela é um oceano insondável, estou convicto de que, enquanto navegar por essas águas, estarei navegando

para além das coisas triviais, e isso não apenas me causa contentamento, como também me deixa ciente de que a vida faz sentido.

Gosto daquele texto em Hebreus que faz menção à nova aliança que o Senhor quer fazer com Israel. Essa aliança tem como objetivo levar o povo ao conhecimento de Deus:

> Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e *firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá*, não segundo a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os conduzir até fora da terra do Egito; pois eles não continuaram na Minha aliança, e Eu não atentei para eles, diz o Senhor. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na sua mente imprimirei as Minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e Eu serei o seu Deus, e eles serão o Meu povo. E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; *porque todos Me conhecerão, desde o menor deles até o maior*.[10]

Enquanto escrevo estas palavras, estou num quarto de hotel em Jerusalém, no sétimo andar, ao lado da janela, observando um pequeno fragmento da vida em Israel. Vejo carros indo e vindo, como uma representação da vida que aquelas pessoas levam. Elas vão e vêm. Será que sabem para onde? Um metrô acaba de passar, apinhado de pessoas que saíram de casa para mais uma batalha diária. O meu coração se dilata em inquietude ao pensar que, desde o menor até o maior, a maioria delas ainda precisa saber de Jesus Cristo, porque nem todas O conheceram. Ele se importa com elas, embora não o saibam. Ele Se compadece de suas fraquezas, mas isso não lhes chega ao conhecimento. Ele seria a razão de sua esperança, mas elas não perceberam que Ele é Deus.

Finalmente, preciso dizer que admiro todos os personagens da Bíblia. E a razão para isso é muito simples. É porque cada personagem é um pouco do que nós somos. Afinal, o medo, a angústia, a dor, o desespero, o sofrimento, a dúvida, o cinismo, a rebelião, a desesperança; enfim, as trevas da vida[11], de alguma forma, estão presentes em todos os homens. Se você jamais vivenciou o que pelo menos uma dessas

palavras quer dizer, eu recomendo que você não continue a leitura. Porém, se, como eu, você quer chegar a uma melhor compreensão de Deus a despeito de todas essas experiências ou por meio delas, então seja bem-vindo, e vejamos, juntos, como o Deus de toda a graça reage diante da fragilidade humana.



[1] Ed René Kivitz, *Vivendo com Propósitos: a Resposta Cristã para o Sentido da Vida* (São Paulo: Mundo Cristão, 2006).

[2] Richard Foster, *Celebração da Disciplina: O Caminho do Crescimento Espiritual* (São Paulo: Editora Vida, 1983).

[3] Êxodo 25:8.

[4] Ellen G. White, *História da Redenção* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 414.

[5] 1 Reis 8:27.

[6] João 1:14.

[7] João 1:16.

[8] Filipenses 2:6, 7.

[9] Citado por Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 133.

[10] Hebreus 8:8-11 (itálicos acrescentados).

[11] Adaptado da sinopse de capa do livro *Médico de Homens e de Almas*, de Taylor Caldwell, 42ª Ed., publicado pela Editora Record.



A GRAÇA QUE PERDOA

Um homem que não admite nenhuma culpa não pode aceitar nenhum perdão.
C. S. Lewis

Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe.
Davi

Ele não conseguiria ficar calado muito tempo. O momento era muito significativo para que se mantivesse em silêncio diante da minha falta de habilidade com aquele novo brinquedo. Na verdade eu fazia pouca ideia de como usar aquela engenhoca que ele estava chamando de funda.

O sol quente de um meio-dia de verão aumentava a minha pressa para me ver livre daquela situação e, ao mesmo tempo, podia deixá-lo impaciente. Mas ele estava calmo. Algo me dizia que a funda não era um fim em si mesma, mas eu queria acertar o lançamento da pedra. O coração daquele garoto de oito anos de idade, arrebatado de curiosidade, estava ansioso para medir a força de uma arma semelhante à que Davi usara para matar Golias.

Estávamos na casa de meus avós maternos. Pela manhã, eu havia cantado na igreja uma música que entoava com bastante frequência, que dizia mais ou menos assim: “Era uma vez um pastorzinho, que se chamava Davi / Ele era pequenino, mas amava a Deus. / Cheio de ousadia e grande fé no Senhor, / passando pelo riachinho, cinco pedras apanhou. / E uma pedrazinha colocou na funda, e logo a atirou. / Girou, girou, girou; / até que na testa cravou / do gigante filisteu que, por terra, tombou / que, por terra, tombou / *tibuf*!” A parte de que eu mais gostava era quando chegava a hora de dizer: “tibuf!” Geralmente, um amigo mais ou menos da mesma idade, porém maior do que eu, ou o meu irmão,

que, na época, tinha quase o dobro do meu tamanho, fazia o papel de Golias. Nesse momento, era difícil manter a reverência na igreja.

Cheguei à conclusão de que era mais fácil cantar do que viver na prática aquela experiência. Ao lado da casa, havia uma pequena barragem que meus avós utilizavam para matar a sede do gado, o que me fazia lembrar o riachinho da música. Fiquei imaginando que se Davi havia conseguido matar o forte e gigante Golias com um brinquedo semelhante ao que eu tinha na mão, não seria difícil ao menos lançar uma pedra para além do curral do gado, e certamente isso faria com que eu me sentisse tão importante quanto Davi. Mas o fato é que um forte sentimento de impotência tomou conta de mim. Não posso deixar de me perguntar se em algum momento daquela memorável luta Davi se sentiu assim. Às vezes tenho a impressão de que não. Pelo menos a narrativa bíblica não deixa transparecer. Aliás, a imagem que eu tinha de Davi era como a da música: “cheio de ousadia e grande fé no Senhor”.

Fiquei desanimado ao perceber que não conseguia lançar a pedra. Todas as vezes que tentava soltar um dos lados da funda, ficava com medo de que, por alguma razão, a pedra voltasse na minha direção ou acertasse em cheio a testa do meu pai, que estava ao lado. Finalmente, ele me olhou com os olhos mais ternos que já conheci. E então percebi que ele fez aquela funda não porque queria me dar um novo brinquedo, mas porque queria me ensinar uma nova lição.

Com bastante calma, explicou-me novamente a técnica para usar aquele “equipamento bélico”. De súbito, como uma inundação de luz, chega-me a impressão de que ele já havia enfrentado diversos Golias – de vários tamanhos, de várias cores, de várias idades – e, então, qual um guerreiro que prepara o seu aprendiz para as batalhas da vida, ele começa a mencionar as estratégias de guerra, como quem domina cada uma delas. Nesse momento, deixei de ouvir com os ouvidos para ouvir com o coração. Para testar se eu havia aprendido, ele tirou do bolso uma “pedra” de papel. Pediu que eu a colocasse na funda e a apontasse em sua direção. E então me senti como Davi. A diferença é que Golias era meu amigo. Aliás, um Golias muito camarada que, mesmo sem ser acertado, tombou para me fazer feliz.

Todas as vezes que minha memória visita aquele episódio, revivo aquelas animadoras palavras. Foi mais ou menos assim:

– Você está apenas começando. Muitos Golias vão aparecer em seu caminho. Você precisa enfrentá-los. Você precisa vencê-los. Eles podem até ser mais fortes do que você, mas, se tiver fé, poderá derrotar todos eles.

Havia uma impostação na voz, uma confiança implícita, como se quisesse traduzir os sentimentos que invadiram o seu coração. Percebi que tudo aquilo era muito importante para ele, e se tornou muito importante para mim: mudou minha vida!

Paradoxalmente, ele não fazia ideia do tipo de Golias que aquelas palavras me ajudariam a enfrentar. Um dia, o telefone toca, e alguém do outro lado fala a respeito de um grave acidente. Um grande amigo estava comigo, que, na época, era o diretor do seminário em que trabalho. É ele quem atende ao telefone e me diz que aquela voz havia silenciado. Como um relâmpago, a mente voltou à cena do parágrafo anterior, e o coração me disse que havia chegado o momento de enfrentar o maior Golias da minha vida. Minha admiração e respeito por Davi se confirmaram para sempre.

Recentemente, minha apreciação por Davi aumentou ao descobrir que a primeira vez em que a Bíblia menciona que uma pessoa se encheu do Espírito Santo, ela se refere a um artista. Seu nome era Bezalel, que significa “o Senhor é a minha sombra (proteção)”. A respeito dele, Deus diz: “E o enchi do Espírito de Deus, de habilidade, de inteligência, e de conhecimento, em todo o artifício, para inventar obras artísticas.”[1]

Como artista, Davi era sem rival, não somente pelas suas mãos hábeis para tocar instrumentos e escrever poemas, mas pela sensibilidade sem a qual nenhum indivíduo pode se tornar um artista. Em face da apreciação que tenho pela arte, sobretudo a música e a poesia, sou obrigado a dizer que ele é um dos meus personagens preferidos.

Gosto de pensar que a vida de Davi tem muito a dizer. O espaço considerável que os autores bíblicos reservaram para contá-la evidencia isso. Você pode encontrar suas histórias em Reis, Crônicas e Samuel. O seu nome é mencionado em Rute, Esdras, Neemias, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oseias,

Amós, Zacarias, Mateus, Marcos, Lucas, Atos, Romanos, 2 Timóteo, Hebreus e Apocalipse. Além disso, o livro de Salmos não seria o mesmo se não fossem suas composições. Alguns dos salmos mais memoráveis na tradição bíblica vieram da pena de Davi. Um exemplo disso é o notável Salmo 23. Em síntese, o nome de Davi é mencionado na Bíblia 1.114 vezes. Como se pode perceber, não estamos falando de uma pessoa comum.

Há muitas lições que podemos aprender da vida de Davi. Para dar um exemplo, uma delas diz respeito ao valor da amizade. Certa vez, fugindo do malvado rei Saul, o jovem buscou refúgio no deserto de Zife.[2] O seu melhor amigo foi ao seu encontro. A razão para que Jônatas fosse fazer companhia a Davi nos chega a partir de uma linda descrição bíblica: "Então, se levantou Jônatas, filho de Saul, e foi para Davi, a Horesa, e lhe *fortaleceu a confiança em Deus.*"[3] Em outras palavras, o melhor amigo de Davi enfrentou com ele o deserto a fim de lhe fortalecer a confiança em Deus! Agradeço a Deus pelos amigos que Ele me deu, que me fortaleceram a confiança quando atravessei algum deserto. Lembro-me, agora, de um amigo de infância, chamado Henrique, que esteve ao meu lado num momento crítico. Eu estava no hospital, recuperando-me de uma cirurgia para retirar um coágulo do cérebro. Ele ia me visitar praticamente todos os dias. Numa dessas visitas, ele me trouxe um texto da Bíblia. Disse que aquele capítulo o ajudou muito quando atravessou um terrível deserto e que acreditava que se o texto foi confortador para ele, também o seria para mim. Trata-se de Isaías 43. Lembro-me de que não consegui ler o capítulo inteiro. Precisei parar no verso 4. Uma forte emoção espremeu o coração e fez com que água jorrasse pelos olhos. Deus falou assim:

> Mas agora, assim diz o Senhor, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque Eu te remi; chamei-te pelo teu nome; tu és Meu. Quando passares pelas águas, estarei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Pois Eu sou o Senhor, teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador; dei o Egito por teu resgate e a Etiópia e Sebá por ti [...] e os povos, pela tua vida.[4]

O respeito e o carinho que sempre senti por Henrique se multiplicaram. Espero ter a mesma sensibilidade quando os meus amigos precisarem de mim. Quero ser como Jônatas foi para Davi, e agir como Henrique agiu comigo. Na verdade, espero que nunca precisem: não quero ver meus amigos no deserto!

Embora tenha prestado atenção na maioria das passagens bíblicas que falam sobre Davi, tive uma experiência devocional edificante em 2007, enquanto fazia a minha jornada bíblica de um ano. Meditando no livro de Atos, acabei me deparando com uma declaração muito intrigante a respeito de Davi. Trata-se do discurso de Paulo em Antioquia da Pisídia. O apóstolo relembra a maneira como Deus conduziu o povo de Israel desde o Egito até Canaã, a providencial intervenção divina destruindo as nações que ocupavam o território de Canaã a fim de que ele fosse entregue aos filhos de Israel. Finalmente, Paulo menciona o desejo do povo de se igualar às outras nações. Eles queriam um rei, e por isso Deus levanta Saul para governar a nação durante 40 anos. É aí que me deparo com algo surpreendente. Em seu discurso, Paulo introduz as seguintes palavras: “E, tendo tirado a este, levantou-lhes o rei a Davi, do qual também, dando testemunho, disse: Achei Davi, filho de Jessé, *homem segundo o Meu coração, que fará toda a Minha vontade.*”[5]

Como bem observou Kelmeth Ulmer,[6] essa é a primeira vez na Bíblia em que encontramos uma afirmação desse tipo: um “homem segundo o Meu [de Deus] coração”. Isso não é dito a respeito de mais ninguém. Se bem que a citação de Paulo tenha combinado duas passagens do Antigo Testamento (1Sm 13:14; Sl 89:20), essas passagens se referem claramente a Davi. Como se isso não fosse o bastante, o texto arremata: “que fará toda a Minha vontade”. Possivelmente essa é uma citação de Isaías 44:28. Paulo toma as palavras: “É Meu pastor e cumprirá tudo o que Me apraz”, e as aplica a Davi. As citações combinadas constroem uma afirmação sem igual.

Não posso deixar de imaginar uma jovem solteira que esteja lendo a Bíblia pela primeira vez: “eu queria me casar com um homem assim”, suponho que diria ela. Também imagino uma senhora, cujo filho está distante de Deus, orando com veemência: “Senhor, eu Te peço que o

meu filho seja um homem segundo o Teu coração, que execute toda a Tua vontade.” Eu mesmo busco confirmações de que Deus pensa tal coisa a meu respeito, mas constantemente me deparo com uma forte impressão de que tenho ainda um longo caminho a percorrer.

O fato é que essa afirmação é única na Bíblia, o que a torna muito significativa. Que critérios Deus teria usado para conferir a Davi um endosso tão invejável? É verdade que o currículo do filho de Jessé fala em favor dele. Afinal, na sua longa lista de realizações podemos encontrar desde coisas simples como tocar uma suave música para espantar o espírito mau de um rei insolente, o que revela a singeleza e implícita confiança de seu coração, a uma luta feroz contra um potente guerreiro a quem mesmo os homens mais corajosos do exército de Israel não tiveram coragem de enfrentar. Davi venceu o gigante Golias, derrotou um leão, conquistou cidades, alargou as fronteiras de seu reino, mas também foi um adúltero, assassino, mentiroso, trapaceiro, egoísta, arrogante, traidor, aproveitador barato, ladrão de mulheres, dissimulado, manipulador e hipócrita! Vou parar por aqui. Se eu estivesse usando esses mesmos adjetivos em relação a outra pessoa, certamente você imaginaria que eu estivesse zangado com ela. Mas não é esse o caso. Ao contrário, como já mencionei, tenho uma forte admiração por Davi; no entanto, não tenho como fazer vistas grossas a seus diversos problemas de caráter.

Quando penso nessa longa lista, quase chego a perguntar: “Será que Deus não viu tudo isso?” A resposta é pura e simples: “Claro que viu!” Então, devo conduzir a pergunta para outra direção: “O que havia de tão especial em Davi que levou Deus a fazer tal afirmação?” Debruço-me sobre o texto para encontrar uma pista, e percebo que a passagem não está falando do coração de Davi, mas do coração de Deus. É Deus quem está dizendo: “segundo o *Meu* coração”. Mas nas entrelinhas encontro outro coração: o coração de Davi, que busca incessantemente o coração de Deus.

Os pecados de Davi

Antes de meditarmos nas lições que podemos tirar da queda de Davi, sinto que será útil pensarmos na profunda devoção que marcou os anos

de sua juventude. Acredito que ele era um homem muito sincero. Creio em suas palavras quando diz, em linguagem poética, que Deus o examinou e nada encontrou.[7] Por mais presunçosa que possa parecer essa afirmação, penso que ela expressa o comprometimento honesto de Davi com sua vida espiritual. Nós só precisamos andar mais dois versos para encontrá-lo dizendo: “Dirige os meus passos nos Teus caminhos, *para que as minhas pegadas não vacilem.*”[8] A propósito, quando leio a Bíblia, observo que Deus valoriza a sinceridade. Por exemplo, quando Abimeleque orou para explicar por que havia tentado tomar Sara como esposa, ele mencionou que agiu segundo a sinceridade de seu coração. E Deus respondeu: “Sei que na sinceridade de coração fizeste isso; daí o ter impedido eu de pecares contra mim e não te permiti que a tocasses.”[9]

Além disso, a busca de Davi por uma relação mais profunda com Deus me ensina que uma real compreensão do que é a vida e do que nós somos nos chega a partir dos momentos que gastamos em reverente meditação. A experiência que ele descreve sobre os seus momentos de reflexão espiritual deve ser também a minha experiência: “enquanto eu meditava, ateou-se o fogo”.[10] Nesse mesmo Salmo, ele escreve: “Faze-me conhecer, [...] para que eu saiba quão frágil sou. [...] a duração da minha vida é nada diante de Ti. De fato, o homem não passa de um sopro.”[11]

O desejo de Davi de conhecer a Deus salta de suas poesias. Em um de seus salmos, ele diz: “Ó Deus, Tu és o meu Deus, eu Te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de Ti; o meu corpo Te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água. [...] Na minha cama, lembro-me de Ti; medito em Ti nas vigílias da noite.”[12] Para ser honesto, tenho a impressão de que Davi jamais imaginou que cairia tão fundo. No Salmo 69, ele pede a Deus que não sejam envergonhados por sua causa aqueles que esperam no Senhor.[13] Em outras palavras, ele não queria dar mau testemunho.

Entretanto, o fato é que Davi sofreu uma queda vertiginosa, e a Bíblia não esconde os detalhes de seu pecado. Embora comumente nos lembremos de suas vitórias com grata satisfação, inevitavelmente esbarramos nos terríveis pecados que ele cometeu. Mas nenhum outro

erro manchou tanto seu caráter quanto o adultério com Bate-Seba. Nenhum outro ato fez a humanidade de Davi aparecer de maneira tão irrefutável.

Fico me perguntando por que essa história está na Bíblia. Leio e releio o capítulo 11 de 2 Samuel a fim de encontrar uma resposta. Há muita gente cética que usa um relato como esse a fim de defender a ideia de que a Bíblia não é inspirada por Deus. Afinal, como um livro pode ser inspirado por Deus e ao mesmo tempo conter histórias de incesto, traição, violência, crimes e tudo mais? Para ser sincero, esta é exatamente uma das razões por que acredito que a Bíblia é a Palavra de Deus. Retirem essas histórias da Bíblia, e ela se tornaria um conto de fadas, uma descrição de experiências inverossímeis sem representação no mundo real. A Bíblia foi escrita para participar do nosso "mundo" a fim de que aprendamos a viver no "mundo" de Deus. Para dizer de outro modo, a Bíblia foi escrita para nos encontrar no lugar em que estamos e nos levar para o lugar onde Deus está. Ela não foi escrita para que nós a questionemos, mas para que nos questione. Embora esses crimes estejam ali, isso não significa que Deus os autorize ou que a narrativa bíblica tenha um discurso apologético em relação a eles. Ao contrário, podemos aprender com os erros que aqueles homens cometeram e, assim, evitá-los.

Então, vejo pelo menos quatro razões para que a Bíblia conte a experiência de adultério de Davi com Bate-Seba: 1) Ela mostra que Davi era tão humano quanto nós, e isso se aplica aos demais personagens bíblicos. 2) Ela mostra que Deus usa pessoas falíveis. 3) Ela nos lembra de nossa própria vulnerabilidade. 4) Ela mostra que ninguém comete um pecado grave da noite para o dia: há passos para queda, os quais precisam ser evitados. Talvez pudéssemos identificar os passos seguidos por Davi: (1) ócio, (2) luxúria, (3) adultério, (4) engano, (5) suborno, (6) acareação e (7) assassinato.

Ao comentar sobre a situação em que Davi se encontrava antes de comenter o pecado que manchou sua reputação, Jesse Hurlbut[14] afirmou:

> [Davi] Estava no topo de sua carreira. Cedo em sua vida, ele

> superou imensas dificuldades. Foi-lhe dito que ele seria rei muito tempo antes de assumir essa posição. Mesmo depois de tomar conhecimento de que seria rei um dia, ele foi perseguido por todo o país e caçado como um coelho pelo rei Saul, o qual lhe tinha um ciúme insano. Davi passou noites em covas. Viveu por um tempo na nação do inimigo. Em determinado momento, fingiu-se de louco a fim de escapar ileso! Mas agora todas essas coisas terríveis haviam passado. Ao contrário, ele era o rei de Israel e a nação estava vivendo o seu momento mais próspero até então. E, contudo, foi precisamente nesse tempo que ele foi provado a ser vulnerável ao pecado da luxúria.

Todos nós conhecemos o provérbio que diz: “Quanto maior o gigante, maior a queda.” De fato, foi grande a queda de Davi, porque ele era grande em Israel. Mas tudo começou com algo pequeno: a simples atitude de ficar dormindo em casa, enquanto outros homens estavam na guerra. Para usar as palavras de Jesse Hurlbut, o primeiro pecado de Davi foi estar “no lugar errado no momento errado”.

Ócio

Já dizia o adágio: “mente vazia, oficina de Satanás”. Poucos duvidariam da veracidade dessas palavras. Mas parece que Davi não atentou muito para elas. O capítulo 11 de 2 Samuel começa dizendo:

> Na primavera do ano seguinte, época em que os reis saem à guerra, enviou Davi a Joabe, e a seus servos com ele, e a todo o Israel. Destruíram os filhos de Amom, e sitiaram a Rabá. Mas Davi ficou em Jerusalém. Uma tarde, levantou-se Davi do seu leito, e andava passeando no terraço da casa real (2Sm 11:1, 2a).

Não vejo maneira melhor de a Bíblia descrever o ócio que Davi estava vivendo naqueles dias. Há diversos aspectos na citação acima que me levam a essa conclusão. Primeiro, como observou Jack Hayford,[15] não havia nem uma razão para que Davi decidisse ficar em Jerusalém. O seu lugar era com o exército. Se ele estivesse no lugar onde deveria estar, a tragédia com Bate-Seba e Urias jamais teria acontecido.

Um silogismo simples pode tornar mais claro o ponto em discussão: (1) Era a época de os reis saírem para a guerra; (2) Davi era rei; (3) logo, Davi deveria ter saído para a guerra. Porém, a Bíblia diz que Davi ficou em Jerusalém. O quadro se torna ainda mais chocante ao analisarmos que o rei enviou Joabe, os seus servos e a todo o Israel. Isso significa que todas as tribos foram envolvidas na batalha.[16] Todos os homens de guerra foram convocados. O rei envia a todos para o campo de batalha, mas ele não dá o exemplo. Acho um tanto abusiva esta atitude de Davi. Ele tem autoridade para fazer ir quem ele quer que vá, e tem autonomia para escolher ficar no palácio.

Segundo, Davi poderia ao menos ter ficado orando pelos seus soldados enquanto eles estivessem em guerra; em vez disso, o texto diz que em "uma tarde, levantou-se Davi do seu leito, e andava passeando no terraço da casa real". Em outras palavras, o rei gastava seu tempo dormindo e passeando, enquanto sua nação estava no campo de batalha.

Tenho a impressão de que alguns cristãos hoje agem como Davi. Estamos em guerra espiritual, mas há muita gente perdendo tempo "dormindo" e "passeando". Não existe um mal intrínseco em dormir e passear. Ao contrário, precisamos do descanso e de horas de lazer. Mas quando a igreja organiza um arrastão missionário, muitos de nós preferimos ficar em "Jerusalém". Alguns acalmam a voz da consciência dizendo algo do tipo: "eu vou ficar orando por eles". Há uma afirmação de Richard Foster que coloca essa questão numa perspectiva correta. Ele observa que "se nosso dever nesse momento é consertar uma porta ou recolher as folhas caídas, então preferir orar e meditar seria 'prejudicial' e 'inútil'".[17]

Esse autor não está dizendo que a oração e a meditação são práticas prejudiciais e inúteis. Ele está apenas reafirmando um princípio bíblico: "Há tempo para tudo debaixo do sol." Mesmo quando a Bíblia nos adverte a orar sem cessar, ela não está querendo dizer que devemos passar 24 horas por dia ajoelhados. Acredito que Davi teria errado mesmo se tivesse ficado em Jerusalém para orar.

No evangelho de Lucas, encontramos Jesus orando diversas vezes. Em alguns momentos, o autor destaca que Jesus orou a noite inteira.

Mas, ao raiar do dia, Ele saía para Suas atividades. A vida de Cristo era dividida entre o monte da oração e o campo missionário. Você pode passar cada página dos evangelhos, e jamais O verá em tempo ocioso. Mas Jesus, certa vez, não chamou os discípulos para “repousar um pouco, à parte, num lugar deserto”? (Mc 6:31). Sim, mas o mesmo verso diz que “eles não tinham tempo nem para comer”. Já ouvi muito gente dizer isso! A maioria das pessoas vive numa corrida tão desenfreada que muitas delas mal têm tempo para comer. Elas precisam de descanso. O repouso é um mandamento e um remédio natural.

Contudo, Davi não estava cansado da guerra. Enquanto seu povo corria risco de morte, ele tirava a sua sesta, deitado em berço esplêndido. Não fosse essa atitude odiosa de ociosidade, e Davi não precisaria ter manchado sua reputação com, talvez, o pecado mais grave registrado na Bíblia.

Luxúria

Lembro-me de uma canção que ouvia na igreja, quando eu era criança. Ela dizia: “cuidado olhinho o que vê / há um Salvador no Céu que está olhando pra você / cuidado olhinho o que vê”. Ainda hoje a letra dessa música me ajuda a afugentar alguma tentação. Ela me vem à memória nos momentos em que eu preciso dela.

Nesses dias, meditando na história da queda de Davi, fiquei imaginando que, se ele tivesse ouvido a mesma canção, talvez isso o teria ajudado a se esquivar da tentação! Não sei. A única coisa que sabemos é que a beleza de Bate-Seba encheu os olhos do rei e lhe cativou a alma.

Fico pensando se o fato de Davi ter visto Bate-Seba tomando banho foi algo acidental ou proposital. O terraço do palácio era mais alto do que as casas vizinhas, e isso dava uma visão privilegiada de seus pátios. Conforme comenta Anderson,[18] em seu livro sobre 2 Samuel, não há razão para que imaginemos que Bate-Seba pretendesse ser vista pelo rei, mas também não há razão para que excluamos a possibilidade de que Davi olhasse curiosamente para os pátios das casas ao lado, a fim de enxergar alguma cena que lhe alimentasse a luxúria. Afinal, como nos

lembra Spence-Jones,[19] “Davi sempre foi um homem de fortes paixões, e o grande harém que ele construiu em Jerusalém, longe de o satisfazê-lo, apenas intensificou sua sensualidade”. Gosto das considerações que o *Comentário Bíblico Adventista* faz sobre esse assunto:

> Quando a tentação surgiu, Davi não a resistiu; antes, desceu do palácio determinado a trazer os maus pensamentos de seu coração à ação. Foi o tentador que sugeriu o pecado, e Davi deveria tê-lo desprezado com um “Retira-te de diante de mim, Satanás” (Mc 8:33). Ao contrário, ele ouviu o sedutor, e obedeceu à voz de Satanás em vez da voz de Deus. Se Davi tivesse parado por um momento, se ele tivesse voltado seus pensamentos para o Céu e orasse, se ele tivesse permitido que sua mente se engajasse com as responsabilidades de seu ofício real ou tivesse se entregado à condução dos assuntos do Estado, a sugestão do inimigo teria sido quebrada. A conduta de Davi neste exemplo é um triste comentário de como o mais piedoso homem pode se tornar quando ele abandona o Senhor, por um momento que seja. A experiência é registrada como uma lição para outros que podem ser tentados também. Não é plano de Deus acobertar o pecado ou desculpá-lo, mesmo quando se trata dos maiores heróis ou santos.[20]

Considero importante, neste momento, estabelecer a diferença entre tentação e pecado. Por apresentá-la de maneira simples, vou utilizar o comentário de Paul Tournier:

> Eu não me esqueço da justa distinção que os teólogos fazem entre tentação e pecado. Apresso-me a expô-la: tentação não é pecado. A prova é que o próprio Jesus foi tentado (Lc 4:1-13). Não importa qual seja a ideia; mesmo a mais ímpia e a mais criminosa pode jorrar de nosso espírito, sem que possamos fazer nada. O mal está em acolhê-la, em cultivá-la e em nos comprazermos nela. Cito as palavras de Lutero: “Não podemos impedir que as aves voem sobre a nossa cabeça, mas podemos impedir que façam aí o seu ninho.”[21]

Talvez, Davi tivesse até tentado afugentar a tentação por meio de algo que chamamos de força de vontade. Mas, como disse Heini Arnold, “enquanto acharmos que podemos salvar-nos a nós mesmos por nossa própria força de vontade, a única coisa que fazemos é tornar o mal que há em nós mais forte do que nunca”.[22] É preciso algo mais eficaz do que simplesmente força de vontade, algo que realmente faça a diferença: é preciso graça!

Em seu livro *O Jesus que Eu Nunca Conheci*, Phillip Yancey comenta que a obra de um escritor católico francês, chamado François Muriac,[23] o ajudou em sua luta contra a tentação sexual. Muriac também lutava contra a concupiscência da carne. Os seus livros mostraram a Yancey que “a autodisciplina, a repressão e os argumentos racionais são armas inadequadas para lutar contra o impulso da impureza”.[24] E que “a impureza nos separa de Deus. A vida espiritual obedece a leis tão verificáveis quanto as do mundo físico [...]. A pureza é a condição para um amor mais elevado – para a posse acima de todas as outras posses: a de Deus. Sim, isso é o que está em jogo, e nada menos”.[25]

A única coisa de que Davi conseguiu se dar conta é que “era esta mulher mui formosa”.[26] A sequência dos fatos provocaria a ruína deste que é um dos homens mais admirados da Bíblia.

Adultério

O relato do adultério de Davi está registrado numa passagem bastante curta. Apenas dois versos foram reservados para falar de seu pecado sexual (2Sm 11:4, 5), entretanto este é um espaço suficientemente perturbador para chamar a atenção de toda a cristandade. Pegue qualquer comentário bíblico de 2 Samuel, e todos eles farão observações sobre esse episódio.

A narrativa é simples e sem rodeios. O autor bíblico não tem qualquer interesse de esconder o pecado do rei. Ao contrário, os versos seguintes vão mostrar que é Davi quem tem todo interesse de acobertar seu pecado. O verso 2 termina dizendo que “era esta mulher mui formosa”. O verso 3 começa dizendo que “Davi mandou tomar informações sobre ela”. Não é preciso muito esforço para imaginar as intenções dele. Fico

chocado ao perceber a pressa com que ele se lança para o pecado.

Imaginemos que Davi tenha pensado o seguinte: “Bom, é possível que ela seja solteira, e, nesse caso, eu posso tomá-la por esposa sem nenhum problema.” Ainda assim ele teria se metido em terreno perigoso, porque isso teria aumentado o envolvimento com suas emoções, tornando mais difícil o retrocesso. De fato, o restante do verso 4 confirma esse raciocínio: mesmo tomando conhecimento de que ela era casada, Davi prosseguiu. Honestamente, acredito que ele estava disposto, desde o início, a tomar esta mulher, mesmo se ela fosse casada.

Outra questão tornou mais grave seu pecado. Ela era casada com um dos seus melhores soldados, talvez o mais escrupuloso, como deixa transparecer o restante do capítulo. Essas eram razões suficientes para que Davi parasse por ali. Mas continuo acreditando que o rei estava obcecado em seus pensamentos e obstinado a executá-los. Na verdade:

> [...] inflamado com seu desejo sexual, Davi faz inquérito sobre a mulher cuja beleza o havia atraído. “E alguém disse: não é esta, etc.?” Ou seja, “Esta é, etc.” (a pergunta negativa é frequentemente usada no discurso ativo). Esta forma de expressão supõe que o objeto ou pessoa mencionada já era conhecida de algum modo.[27]

Explicando melhor, a informação sobre Bate-Seba chega a Davi em forma de pergunta: “Não é esta Bate-Seba, filha de Eliã, mulher de Urias, o heteu?”[28] A mesma informação, numa frase afirmativa, ficaria assim: “Esta é Bate-Seba, filha de Eliã, mulher de Urias, o heteu.” A diferença entre as duas formas é que a primeira dá a entender que Davi já sabia de quem se tratava Bate-Seba. Nesse caso, o rei estaria apenas encenando um teatro a fim de disfarçar suas reais intenções. Por outro lado, é possível que os próprios mensageiros já tivessem levantado suspeitas a respeito das verdadeiras pretensões de Davi.

O fato é que Davi mandou trazer Bate-Seba até o palácio. Ele se deitou com ela e a mandou de volta para casa. Ela concebeu. Em poucos dias, chega a notícia aterradora: a mulher está grávida![29]

Engano, suborno e acareação

Engano, suborno e acareação são os pecados que Davi cometeu a fim de esconder o fruto de seu adultério. Quando uma pessoa cai em pecado, se ela não está disposta a confessá-lo e abandoná-lo, novas transgressões são necessárias para manter o pecado em sigilo.

O engano de Davi consistiu na tentativa de fazer Urias ir para casa a fim de ter relações sexuais com Bate-Seba: “Desce à tua casa, e lava os teus pés.”[30] A. A. Anderson[31] comenta que “‘lavar os pés’ pode se referir simplesmente ao descanso necessário após uma longa jornada, mas pode ser também um eufemismo para intercurso sexual, como deixa transparecer o verso 11”.[32] A intenção de Davi é clara: se Urias tivesse relações sexuais com sua esposa, naturalmente pensaria que o filho era dele.

O relato nos diz que ao Urias sair da casa real, “logo recebeu um presente da mesa do rei”.[33] Em outras circunstâncias eu chamaria isso de gentileza, mas, nesse caso, prefiro chamar de suborno. Honestamente, tenho a impressão de que Urias saiu coçando a cabeça, sem entender o que estava acontecendo. Ao que parece, o presente do rei tinha como objetivo melhorar o humor do soldado, quebrando o “clima” de guerra de modo que o homem fosse para casa com um sentimento de contentamento no coração.

Em todo caso, Urias preferiu não ir para casa. A primeira tentativa de Davi não deu certo. Na segunda, ele iria um pouco além. Para falar a verdade, sinto-me indignado ao saber que Davi, ostentando ares de amabilidade ao oferecer um banquete a Urias, embriagou seu leal soldado a fim de levá-lo à perda de consciência. No entanto, a embriaguez do soldado é mais sóbria do que a sobriedade do rei. Acredito que a essa altura, Urias não tivesse interesse de ir à casa real, tendo em vista que parecia infundada essa súbita gentileza de Davi. Mas, como se negar a aceitar um convite do rei? Sob essa perspectiva, ao mesmo tempo em que a atitude de Davi se demonstra dissimulada, ela também transparece abuso de poder. Às vezes, tenho a impressão de que Davi se tornou vítima da notoriedade que ele alcançou muito cedo na vida. A Bíblia nos conta um episódio em que “os príncipes dos filisteus continuaram a sair à batalha, e sempre que saíam, Davi

alcançava maior *sucesso* do que todos os servos de Saul, pelo que o seu nome se tornou muito *famoso*”.[34] Sucesso e fama; nada mal para um jovem que está iniciando sua carreira. Conforme afirmou Karen Burton Mains, essas são “influências corruptoras que poucos suportam ilesos”,[35] e, ainda assim, como bem frisou Philip Yancey, muitos de nós, os discípulos de Cristo, ainda as desejamos.[36] Bem, o fato é que Urias foi colocado frente a frente com um rei autoritário. Eu chamo isso de acareação.

Às vezes penso no que teria acontecido se Davi tivesse conseguido esconder seu pecado. Talvez sua consciência o acusasse implacavelmente no início, mas essa voz se apagaria com o tempo. E isso poderia ter significado a ruína eterna de Davi. Chego à conclusão de que Deus conduziu os fatos para que o rei não tivesse chance de fuga, para que o seu pecado o confrontasse e que, em meio à sensação de abandono, percebesse a estupidez de sua conduta. O fato é que a segunda tentativa de Davi de acobertar seu pecado também não deu certo. O que mais o rei seria capaz de fazer?

Assassinato

Fraqueza e desespero marcaram a terceira tentativa de Davi de acobertar seu pecado. Analisando friamente a narrativa, é possível ver o rei agindo friamente diante da situação. A carta enviada a Joabe carrega sangue em suas palavras: “ponde a Urias na frente da maior força da peleja. Então retirai-vos de detrás dele para que seja ferido e morra”.[37] Como é fácil de perceber, esse Davi não se parece nem um pouco com aquele que tocava para espantar o mau espírito de Saul. Sua carta nos deixa a impressão de que o próprio senso de humanidade o havia abandonado.

Entretanto, talvez o que mais nos incomode nessa história não seja a frieza de Davi, mas o fato de que seu pecado levou outras pessoas a pecarem também, como é o caso de Joabe. Ainda que discordasse da ordem de seu mestre, seria muito difícil para o comandante deixar de obedecê-la: a influência de Davi se tornou abusiva. Nesse ínterim, muita gente inocente morreu, esse é o caso de Urias e alguns do povo os

quais Joabe colocou perto dos muros da cidade, de onde os flecheiros lhes poderiam alcançar com facilidade.

Henri Nowen comenta que “uma das maiores ironias da história da cristandade é que os líderes sempre cederam à tentação do poder – poder político, poder militar, poder econômico ou moral e poder espiritual –, embora continuassem a falar no nome de Jesus”.[38] Em certo sentido, isso é verdadeiro em relação a Davi, tendo em vista que as guerras nos tempos bíblicos não eram guerras somente entre povos. De alguma forma, eram também “guerras” entre os deuses. A nação vencedora acreditava que o seu deus era mais forte que o deus da nação derrotada. Assim, o rei dirigia seu exército em nome de Deus. A propósito, em Israel, a palavra do rei era, em última instância, considerada como a voz de Deus, e isso coloca a gravidade do pecado de Davi numa dimensão incalculável.

Nesse momento de sua carreira cristã, Davi estava completamente afastado do Senhor. Como afirmou C. S. Lewis, “se você tem a atitude correta diante de Deus, inevitavelmente terá a atitude correta diante do próximo”.[39] Uma fórmula quase inversa desse pensamento seria: se a atitude de Davi não foi correta com o próximo (Bate-Seba, Joabe, Urias e tantos outros), é um sinal de que sua vida não estava correta diante de Deus.

A reação de Deus

A essa altura, como eu, você deve estar achando alguma coisa errada no fato de que Davi tenha sido considerado um homem segundo o coração de Deus. De certo modo, tenho a impressão de que o rei buscou uma forma imediata de remediar seu pecado. Afinal, temos a informação de que ele recebeu Bate-Seba como esposa. Mas a Bíblia é clara em relação a tudo o que aconteceu: “Porém isto que Davi fizera desagradou ao Senhor.”[40]

Como bem observou Kelmeth Ulmer, ser um homem segundo o coração de Deus “significa que você reage ao pecado da mesma forma que Deus reage. Quando ele vê o pecado, trata de removê-lo. Somos homens ou mulheres segundo o coração de Deus quando agimos para

remover o pecado da nossa vida".[41] Esse autor acrescenta que a narrativa do dilúvio é uma demonstração do quanto Deus abomina o pecado. Uma vez que o pecado havia atingido um limite insuportável, o Senhor tomou a decisão de destruir aquela geração.

Há alguns elementos nessa narrativa que chamam a atenção: "Viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente. Então arrependeu-Se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e isso lhe pesou no coração."[42] A frase "toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente" parece representar muito bem a condição espiritual de Davi por ocasião de sua queda. Depois que a luxúria tomou conta do seu coração, ele não conseguiu mais controlar seus impulsos. Pecado se seguiu a pecado. E para esconder um, ele precisou cometer outros.

O texto de Gênesis 6 nos mostra que o pecado do homem causa pesar no coração de Deus. Assim como foi com a geração antediluviana, os pecados de Davi chegaram a um ponto insuportável. Deus não ficaria em silêncio:

> Assim diz o Senhor: Eu suscitarei da tua própria casa o mal sobre ti, e tomarei tuas mulheres perante os teus olhos, e as darei a teu próximo, o qual se deitará com elas, à plena luz do dia. Tu o fizeste em oculto, mas Eu farei este negócio perante todo o Israel e à plena luz do dia.[43]

As cenas seguintes da vida do rei demonstram que, por mais grave que seja um pecado, ele não é mais forte que um sincero arrependimento. Se ninguém na Bíblia cometeu erros tão trágicos como Davi, também não acredito que ninguém tenha demonstrado arrependimento tão profundo quanto ele.

Dois corações e uma ponte

Dois corações desenvolvem os papéis principais dessa história: de um lado, o coração de Davi, que ama o pecado; de outro, o coração de

Deus, que o aborrece. Os dois corações se encontram em posições diametralmente opostas, como se um grande abismo tivesse sido colocado entre ambos. Para que esses corações se encontrassem, algo sobrenatural precisaria acontecer: nós chamamos isso de graça.

Voltando ao relato do dilúvio, encontramos ali um dado curioso: “Noé, porém, achou *graça* aos olhos do Senhor.”[44] Posso afirmar, portanto, que a história da remoção do pecado do mundo é uma história da graça de Deus e de Cristo. Também posso dizer que o evangelho começa no livro de Gênesis. Quando Adão e Eva pecaram, o pecado deixou um vazio, uma nudez de alma, de modo que eles resolveram cobrir-se com folhas de figueira e esconder-se de Deus. Contudo, o Senhor tomou a iniciativa de reatar o relacionamento com o homem pecador, e entrou no meio do jardim para perguntar: “onde estás?”[45] Chamem do que quiserem, mas eu prefiro dizer que isso é o evangelho da graça de Deus, que percorre cada página da Bíblia, de Gênesis a Apocalipse. Ao receberem uma vestimenta de peles providenciada pelo próprio Deus, Adão e Eva testemunharam a morte do primeiro animal, e perceberam, pela primeira vez, que alguém deveria morrer para que eles pudessem viver. Deus colocou uma ponte sobre o abismo provocado pelo pecado, e Jesus caminhou por essa ponte a passos largos a fim de alcançar o coração do homem e levá-lo para perto do coração do Pai.

Essa história da iniciativa divina para alcançar o homem se apresenta diante de mim como um estranho paradoxo, comentado por Paul Tournier nos seguintes termos: “o caminho doloroso da humilhação e da culpa [...] é precisamente o caminho que desemboca na estrada real da graça”.[46] Em todo caso, as pessoas vivem como que em busca de algo que esconda seu tremendo vazio interior. Como disse Charles Holloway, “às vezes quem parece ser a pessoa mais feliz do mundo [...] é a que carrega a maior carga de pecado”.[47] Davi é um belo exemplo dessa inutilidade das tentativas humanas para mitigar a sede da alma. Como muito bem expressou Taylor Caldwell:

> O que procura no homem a significação da vida procura uma desilusão, pois os homens nada são exceto em sua relação com Deus. Não centralizes teu coração na humanidade, pois que ela é quimera,

> miragem. Houve os que glorificavam o homem, os que elevaram a humanidade como um absoluto em si própria; eles declararam, com veemência, que o homem só tem valor em suas manifestações externas. Este ensinamento alcançou quase todos os países civilizados, para mal deles, pois a lei de justiça e misericórdia não tem raízes nos homens, mas em Deus, e sem Ele os homens realmente não podem existir, sem Ele que os fez. O homem é apenas o receptáculo da graça, não é a própria graça.[48]

Davi aprendeu essas verdades a duras penas. O Salmo 51 evidencia sua compreensão de que, sem Deus, o seu caso era sem esperança. O sentimento de culpa lhe trazia a sensação de um vazio interior insuportável. Em desespero, e cercado de temores, Davi se compenetra de sua situação, e um arrependimento profundo, fruto do Espírito Santo, começa a brotar: é nesse momento que a graça se torna uma possibilidade, e ele optou por recebê-la. Como disse Paul Tournier, “os que chamamos de pecadores estão conscientes da sua culpa e, por isso mesmo, mais preparados para receber o perdão e a graça”.[49]

As palavras “transgressões”, “iniquidade” e “pecado” são muito comuns no Salmo 51. Em todo o salmo, o total de referências a seu pecado chega a dez. Se antes Davi tinha feito todo esforço para acobertar sua transgressão, agora ele a confessa a plenos pulmões, numa atitude de sinceridade despretensiosa. A partir dessa ação, ele estava se preparando para reiniciar sua carreira cristã. Como disse Agostinho, “a confissão de obras más é o primeiro começo de obras boas”.[50] É difícil não perceber como estão as emoções de Davi, a dor que dilacera seu coração e seu desejo pungente de perdão e forças para uma vida santificada: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro.”

Quero me deter um pouco nessa seção da oração de Davi. Ele está pedindo a Deus para criar nele um coração puro. O texto em português por si só é belo, entretanto não podemos nos esquecer de que originalmente a Bíblia foi escrita em hebraico (o Antigo Testamento) e grego (o Novo Testamento), e que um pouco de entendimento dessas línguas pode lançar luz sobre a compreensão de determinadas passagens bíblicas.

Se fôssemos traduzir a frase na ordem em que se encontra em hebraico, ela ficaria assim: “um coração puro cria em mim, ó Deus”. Os estudiosos da língua hebraica já perceberam que a primeira posição de uma frase é sempre a que se quer destacar. Há fenômenos semelhantes na língua portuguesa, mas isso é mais intenso na língua hebraica. Portanto, em sua oração, Davi deixa clara sua compreensão de que o problema está no coração. Contudo, há outra lição que podemos apreender a partir do texto original. É que Davi não está pedindo a Deus para “consertar” o coração: ele está pedindo um transplante de coração!

Na expressão “cria em mim”, o verbo utilizado por Davi é o mesmo que Moisés usou para iniciar o livro de Gênesis: “no princípio, criou Deus os céus e a terra”. O verbo “criar” nessas duas situações é a tradução de um verbo hebraico que se chama *bara’*. Há pelo menos dois verbos muito usados em hebraico que em português têm o sentido de criar. São eles *bara’* e *‘asah*. Entretanto, há uma diferença básica entre esses verbos. É que *‘asah* significa criar com material preexistente. Esse é o verbo que Moisés utiliza em Gênesis 1:26: “Façamos (*‘asah*) o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança.” Deus criou o homem do pó da terra. No entanto, quando Ele criou o mundo em seis dias, não usou material preexistente, mas apenas o poder de Sua Palavra. Para falar sobre a criação do mundo, Moisés utilizou o verbo *bara’*. Além disso, todas as vezes que este verbo aparece na Bíblia hebraica, Deus é o sujeito da ação, por uma razão bem simples: somente Ele pode criar do nada.

Com essas informações, é possível imaginar o que se passava na mente de Davi. Quem sabe, poderíamos parafrasear sua oração da seguinte forma:

> Senhor, eu tenho consciência das coisas erradas que fiz. Eu sei que não foi correto ficar no palácio enquanto todo o exército havia saído para a guerra. Aliás, Senhor, a minha indolência foi tão grande que, mesmo sendo a época de os reis saírem para a guerra, eu decidi ficar. Isso desencadeou uma série de coisas. Eu sei que deveria ter repulsado os meus pensamentos luxuriosos em relação à Bate-Seba, mas simplesmente não o fiz. Senhor, olha para mim, eu sou um adúltero! E, para esconder o pecado do adultério, fui longe demais. Na

> verdade, Senhor, eu me tornei um enganador, um trapaceiro, um homem dissimulado, pratiquei extorsão, fiz uso abusivo de poder e, como se não bastasse, matei um homem inocente; aliás, muitas pessoas inocentes morreram por causa do meu pecado, e não apenas isso, outras pessoas também pecaram, como é o caso de Joabe. Senhor, esse é o tipo de coração que tenho! Mas eu não quero que o Senhor conserte esse coração, porque, sinceramente, acredito que ele não tem conserto. Na verdade, estou precisando de outro coração, novo. Por isso, peço que o Senhor o crie para mim. Mas, Senhor, por misericórdia, cria do nada, porque nada é tudo que eu tenho!

Ao dar asas à imaginação, gosto de pensar que Davi amou a Deus com todas as suas forças, mas também com todas as suas fraquezas; e Deus o tratou não segundo os seus pecados, porque eram muitos, mas segundo as Suas misericórdias, porque são infinitas. Paradoxalmente, a maior força de Davi se encontra justamente na sua fraqueza. Isso me faz lembrar as palavras do apóstolo Paulo: “Pois quando estou fraco, então é que sou forte.”[51]

Durante minha adolescência, ouvi com bastante frequência uma canção cujo título é “Forte como um menino”, do Grupo Prisma. O refrão dessa música ilustra um pouco a experiência do pecado e arrependimento de Davi: “Saibam, pois, que ao cair eu oro a meu Deus / Saibam quem é que me levanta se estou só / Espada em punho, estou a chorar / Pois, dentro da armadura, só um menino há.” Onde está a força de uma criança? Está na sua fragilidade! Ela desperta a dedicação, o carinho e o terno cuidado de seus pais. E para onde corre uma criança quando cai? Para os braços de seu pai. Foi isso que Davi fez.

Quando faço um balanço da vida de Davi, rapidamente me vêm à memória as palavras de Allan Redpath: “a conversão da alma é um milagre que ocorre num instante, mas a formação de um homem santo é tarefa de uma vida inteira”.[52]

[1] Êxodo 31:3, 4, Almeida Edição Contemporânea.

[2] 1 Samuel 23:15.

[3] 1 Samuel 23:16.

[4] Isaías 43:1-4.

[5] Atos 13:22.

[6] Kenneth Ulmer, *Anatomia Divina: Conhecendo a Essência de Deus* (São Paulo: Editora Vida, 2004), p. 191.

[7] Salmo 17:3.

[8] Salmo 17:5, ARC.

[9] Gênesis 20:5, 6.

[10] Salmo 39:3.

[11] Salmo 39:4, 5, ARC.

[12] Salmo 63:1, 6.

[13] Salmo 69:6.

[14] Jesse Hurlbut, *David and Bathsheba* em Jerry Newcombe (editor), *The Moral of the Story*: *Timeless Tales to Cherich and Share* (Nashville, TN: Broadman & Holman, 1996).

[15] Jack W Hayford, *Becoming a Leader After God's Heart*: A Study of 1 & 2 Samuel and 1 Chronicles. (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1997).

[16] H. D. M. Spence-Jones, *The Pulpit Commentary*: *2 Samuel* (Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2004), p. 265.

[17] Richard Foster, "Os Mestres Devocionais: um Caso de Amor", em Philip Yancey e James Calvin Chaap (organizadores) *Muito Mais que Palavras: Como os Mestres da Literatura Influenciaram Escritores Cristãos* (São Paulo: Vida, 2005), p. 30.

[18] A. A. Anderson, "2 Samuel", em Bruce M. Metzger, *Word Biblical Commentary* (Dallas: Word, 2002,) p. 153.

[19] H. D. M. Spence-Jones, *The Pulpit Commentary*: *2 Samuel* (Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2004), p. 265.

[20] Francis D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1978), v. 2, p. 646.

[21] Paul Tournier, *Culpa e Graça*: *Uma Análise do Sentimento de Culpa e o Ensino do Evangelho* (São Paulo: ABU), 1985.

[22] Citado por Richard Foster, *Celebração da Disciplina*: *O Caminho do Crescimento Espiritual* (São Paulo: Vida), 1983.

[23] François Muriac ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1952. A Fundação Nobel justificou sua premiação da seguinte forma: "pela intuição espiritual profunda e pela intensidade artística com que, em seus romances, penetrou no drama da vida humana". Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nobel_de_Literatura. Acessado em 28 de Julho de 2012.

[24] Philip Yancey, *O Jesus que Eu Nunca Conheci* (São Paulo: Vida, 2004), p. 112.

[25] Mauriac citado por Philip Yancey, *O Jesus que eu Nunca Conheci* (São Paulo: Vida, 2004), p. 112.

[26] 2 Samuel 11:2, última parte.

[27] John Peter Lange, Philip Schaff, David Erdmann, C. H. Toy, John A. Broadus, *A Commentary on the Holy Scriptures: 1 & 2 Samuel* (Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2008), p. 465.

[28] 2 Samuel 11:3.

[29] 2 Samuel 11:4, 5.

[30] 2 Samuel 11:8.

[31] A. A. Anderson, *Word Biblical Commentary: 2 Samuel* (Dallas: Word, 2002), v. 11, p. 154.

[32] No verso 11, quando Davi pergunta a Urias por que este não foi para casa, recebe a resposta: "Como poderia eu entrar na minha casa, para comer e beber, e *para me deitar com minha mulher*?"

[33] 2 Samuel 11:8

[34] 1 Samuel 18:30

[35] Karen Burton Mains, "Alexandre Soljenitsyn: Uma Visão Moral", em Philip Yancey e James Calvin Chaap (organizadores), *Muito Mais que Palavras*: *Como os Mestres da Literatura Influenciaram Escritores Cristãos* (São Paulo: Vida, 2005), p. 279.

[36] Philip Yancey, *O Jesus que Eu Nunca Conheci* (São Paulo: Vida, 2004), p. 66.

[37] 2 Samuel 11:15

[38] Luci Shaw, "Henri Nowen: a Escalada para Deus", em Philip Yancey e James Calvin Chaap, *Muito Mais que Palavras: Como os Mestres da Literatura Influenciaram Escritores Cristãos* (São Paulo: Vida, 2005), p. 61.

[39] C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2005).

[40] 2 Samuel 11:27

[41] Kenneth Ulmer, *Anatomia Divina*: *Conhecendo a Essência de Deus* (São Paulo: Vida, 2004), p. 203.

[42] Gênesis 6:5-6

[43] 2 Samuel 12:11-12

[44] Gênesis 6:8, ACF

[45] Gênesis 3

[46] Paul Tournier, *Culpa e Graça: Uma Análise do Sentimento de Culpa e o Ensino do Evangelho* (São Paulo: ABU), 1985.

[47] Calvin Miller, "Ray Bradbury: Esperança em Tempos de Dúvida", em Philip Yancey e James Chaap Calvin (organizadores), *Muito Mais que Palavras: Como os Mestres da Literatura Influenciaram Escritores Cristãos* (São Paulo: Vida, 2005), p. 291.

[48] Taylor Caldwell, *Médico de Homens e de Almas: a História de São Lucas* (Rio de Janeiro: Record, 2008), p. 452.

[49] Paul Tournier, *Culpa e Graça: Uma Análise do Sentimento de Culpa e o Ensino do Evangelho* (São Paulo: ABU), 1985.

[50] Citado por Richard Foster, *Celebração da Disciplina: O Caminho do Crescimento Espiritual* (São Paulo: Vida, 1983).

[51] 2 Coríntios 12:10

[52] Citado por Kenneth Ulmer, *Anatomia Divina: Conhecendo a Essência de Deus* (São Paulo: Vida, 2004), p. 91.



A GRAÇA QUE SURPREENDE

Deus tem uma longa tradição de usar o insignificante para conquistar o impossível.
Richard Exley

Quando começaram a cantar e dar louvores, o Senhor pôs emboscadas contra os homens de Amom, de Moabe e do monte Seir, que tinham vindo contra Judá, e foram desbaratados.
2 Crônicas 20:22

Tenho a impressão de que os textos da Bíblia mais difíceis de interpretar sejam aqueles mais conhecidos. Comumente, trazemos esses textos à memória no momento em que precisamos deles. Por exemplo, quem nunca recitou, ainda que mentalmente apenas, as palavras registradas em Isaías 41:10, em um momento de prova: “Não temas, pois Eu sou contigo; não te assombres, pois Eu sou teu Deus. Eu te fortalecerei, e te ajudarei; Eu te sustentarei com a destra da Minha justiça”? Ou, quem sabe, as célebres palavras do Salmo 23: “Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque Tu estás comigo” sejam as que oferecem conforto para alguns cristãos em luta. Cada pessoa, por razões diversas, tem uma experiência pessoal com algum texto da Bíblia.

Como se trata de textos seletos, em geral não nos damos o trabalho de entender seu real significado nem de estudar o contexto em que estão inseridos. Ficamos satisfeitos com o fato de que eles falam ao nosso coração e atendem as nossas necessidades espirituais momentâneas. No entanto, conhecê-los melhor poderia nos levar a uma experiência espiritual mais profunda. Assim, se quisermos realmente entender a Bíblia, há muitas coisas que precisamos eliminar. A primeira

delas é a pressa. O médico cristão suíço, Paul Tournier, faz um comentário interessante a respeito de como Jesus gastava seu tempo:

> Quando abrimos os evangelhos, vemos que Jesus Cristo, cujas responsabilidades eram bem maiores que as nossas, Se mostra menos apressado que nós. Ele tinha tempo para falar com uma estrangeira que encontrou à beira de um poço (Jo 4:1-6). Ele tinha tempo de tirar férias com seus discípulos (Jo 13:5), tempo de admirar os lírios dos campos (Mt 6:28), ou um pôr do sol (Mt 16:2); de lavar os pés de seus seguidores (Jo 13:5); de responder, sem impaciência, às suas perguntas tolas (Jo 14:5-10). Ele tinha, sobretudo, tempo para Se retirar nos desertos e orar (Lc 5:16), e de passar toda uma noite em oração antes de uma decisão importante (Lc 6:12).[1]

Requer tempo para fazer as atividades essenciais da vida. Estudar a Bíblia, sem pressa, é uma dessas coisas essenciais. Há tesouros escondidos nela, que só conseguimos extrair a partir de uma reflexão cuidadosa. Um dos textos a que me refiro está registrado em 2 Crônicas 20:20. Neste capítulo, quero compartilhar algumas impressões sobre esse verso.

Nele encontramos Josafá apresentando uma mensagem contundente ao povo de Judá: “Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas e prosperareis”. Muito frequentemente, utilizamos esse texto para ajudar a igreja a desenvolver uma fé implícita em Deus e nos Seus profetas, tendo em vista que o resultado dessa fé é segurança e prosperidade. Não vejo problema nenhum nisso. Ao contrário, realmente precisamos ensinar a igreja a confiar em Deus. Contudo, ao compreendermos em que circunstâncias Josafá proferiu essa exortação, a nossa mente poderá ser impactada com uma das afirmações mais pungentes da Bíblia.

O capítulo 20 de 2 Crônicas é a história do momento mais difícil da vida desse rei. O relato inicia dizendo que três nações se organizaram em guerra contra Judá: os moabitas, os amonitas e alguns dos meunitas. Um dia, Josafá está em casa, quando lhe chega a aterradora notícia: “vem contra ti uma grande multidão dalém do mar e da Síria”.[2] Não posso deixar de pensar no que eu faria se estivesse no lugar do rei, e

então chego à conclusão de que a Bíblia diria de mim o mesmo que disse dele: “Temeu Josafá”.[3] Haveria apenas uma pequena diferença: “Temeu muitíssimo Adenilton!” E como não sentiria medo? Eram três contra um!

Na verdade, estranhamente me tranquilizo ao saber que Josafá teve medo. A razão para isso é muito simples: se ele não tivesse sentido medo diante de um problema de tamanha magnitude, eu me sentiria insignificante e extremamente pequeno por sentir medo de coisas triviais. Por exemplo, tenho pavor de quase todos os tipos de besouros. Eles me causam arrepios quando estão por perto, e só de pensar neles já é razão suficiente para que eu fique apreensivo.

Mas ao ler a história de Josafá, mais uma vez me vem a impressão de que a Bíblia reconhece as emoções humanas e se preocupa com elas. Tenho observado que as expressões “não temas”, “não te espantes”, “não te assombres” são mais frequentes do que imaginamos. Elas estão espalhadas por todas as partes da Bíblia. É como se Deus estivesse dizendo insistentemente: “Não tenha medo! Não tenha medo! Não tenha medo!” Então, chego à conclusão de que o problema não está em sentir medo, mas no que fazemos com o temor que sentimos, ou, em última instância, no que ele nos leva a fazer.

A busca de Josafá, a busca de Deus

Gosto de pensar em Josafá como um dos homens mais vitoriosos e mais empreendedores da Bíblia, até o momento em que faz aliança com Acazias, um ímpio rei de Israel.[4] Filisteus e árabes lhe pagavam tributo[5]; fortalezas e cidades-armazéns foram construídas durante o seu reinado[6]; e um forte e extenso exército de 1 milhão e 160 mil homens demonstra a sua habilidade de liderança.[7]

Seria muito fácil para Josafá nessas circunstâncias sofrer a tentação de confiar na sua força e sabedoria, mas ele “pôs-se a buscar o Senhor, e apregoou jejum em toda o Judá”[8]. Esse homem tinha uma forte convicção de que não seria pela sua força, mas pela onipotência de Deus que viria a vitória, e não pela sua sabedoria, mas pela onisciência divina, assim como também não seria pelo seu brilhante dinamismo de

se deslocar de um lugar para outro, orientando as construções de fortalezas e cidades-armazéns, mas pela onipresença de Deus.

Às vezes, imagino que a razão pela qual Josafá buscou ao Senhor tão intensamente está relacionada ao medo que ele sentiu. Isso parece muito óbvio para ser comentado, mas há algo no texto que não está tão claro assim. No capítulo 19, o rei sofre uma forte repreensão em face de sua aliança com o ímpio rei de Israel, Acabe. Este propôs uma parceria entre Israel e Judá a fim de enfrentarem a Síria, que, por sinal, estava crescendo em poder e se tornou uma ameaça não apenas para Israel, mas também para Judá. Do ponto de vista humano, essa aliança parecia ser irresistível, mas Deus não ficou satisfeito com a decisão de Josafá. Às vezes, aquilo que nos parece vantajoso pode se tornar um sério prejuízo espiritual. O profeta Jeú questionou a atitude do rei e lhe deu o veredito: “Por isso virá sobre ti grande ira da parte do Senhor”.[9] Desse modo, possivelmente o medo de Josafá tivesse uma razão mais profunda, não apenas o fato de três nações avançarem contra ele, mas o fato de que o seu pecado pudesse ter suscitado tal disciplina. Assim, creio que a busca de Josafá não tem a ver apenas com um pedido de livramento, mas com um pedido de perdão.

A sequência do relato nos oferece o registro de uma das orações mais surpreendentes em toda a Bíblia. Há alguns elementos nessa prece que me chamam a atenção. O primeiro é que, apesar de o mundo estar virtualmente desabando ao redor, ele decide adorar a Deus, reconhecendo Seu poder e soberania. Em meio à tormenta, o rei vai para a igreja orar: “Pôs-se Josafá em pé na congregação de Judá e de Jerusalém, na casa do Senhor, diante do átrio novo”.[10] Essa atitude torna-se mais significativa quando analisamos que um antepassado próximo de Josafá orou no mesmo lugar, e sua oração não é menos digna de nota. Ele era filho de Asa, que era filho de Abias, que era filho de Roboão, que era filho de Salomão. Portanto, Asa era o pai de Josafá, Abias era seu avô, Roboão era seu bisavô e Salomão era seu trisavô. Pois bem, o trisavô de Josafá, ao dedicar o templo que edificou para o Senhor, orou dizendo:

> Quando o Teu povo sair à guerra contra os seus inimigos, pelo

caminho que os enviares, e orarem a Ti, voltados para esta cidade que escolheste e para esta casa que edifiquei ao Teu nome, ouve Tu dos céus a sua oração e a sua súplica e executa o seu direito.[11]

Era exatamente essa a situação que Josafá estava vivenciando. Ele estava para sair à guerra contra os seus inimigos; e orou não apenas voltado para “esta cidade”, ele estava no próprio lugar onde Salomão orou. Salomão pediu para que Deus ouvisse a súplica de alguém que orasse virado para o templo. Ele não fazia a menor ideia, mas estava orando pelo seu próprio trineto, e Deus ouviu as duas preces. Isso é absolutamente surpreendente!

As palavras de Josafá demonstram sua confiança de que Deus tem poder para resolver qualquer situação, por mais difícil que pareça: “Ó Senhor, Deus de nossos pais, não és Tu Deus nos céus? Tu dominas sobre todos os reinos dos povos, e na Tua mão há força e poder, e não há quem Te possa resistir”.[12] Para usar outras palavras, é como se Josafá estivesse dizendo: “Senhor, tudo isso é *fichinha* para Ti”. A situação é semelhante à que encontramos em Isaías 6. A diferença é que ali não é registrada nenhuma oração do jovem profeta Isaías. A nação está vivendo uma situação de extremo perigo e crise. A Assíria estava devastando tudo que encontrasse pela frente, e seria apenas uma questão de tempo para que Judá fosse subjugado. Em meio a essa situação desalentadora, Isaías decide ir para o templo orar. Então, ele vê o “Senhor assentado sobre um alto e sublime trono”.[13] Apesar de toda a força da Assíria, essa visão demonstrou que Deus ainda estava no controle dos negócios da Terra. Outros profetas tiveram visões semelhantes: Moisés (Êx 24:10), Micaías (1Rs 22:19), Amós (Am 9:1), Daniel (Dn 7:9), Ezequiel (Ez 1:1; 10:1-5) e mesmo João, na solitária ilha de Patmos (Ap 4:1-6). Porém, Josafá adorou a Deus mesmo sem tê-Lo visto no trono. O rei sabia que Ele estava lá, e isso era suficiente.

O segundo elemento importante dessa oração diz respeito ao fato de Josafá relembrar as vitórias do passado:

Ó nosso Deus, não lançaste fora os moradores desta terra, de diante do teu povo Israel, e não a deste à semente de Abraão, teu

> amigo, para sempre? Habitaram nela, e nela edificaram um santuário ao teu nome, dizendo: se algum mal nos sobrevier, espada, juízo, peste, ou fome, nós nos apresentaremos na tua presença, diante desta casa que leva o teu nome e clamaremos a ti na nossa angústia, e tu nos ouvirás e livrarás.[14]

Para usar as palavras de Ellen White, Josafá parecia querer afirmar: "Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinos que nos ministrou no passado".[15] Não apenas o rei relembrou que Deus havia removido os moradores da terra, mas reafirmou a confiança dos seus antepassados de que ao orarem diante do templo, ao clamarem em sua angústia, o Senhor os ouviria e os livraria. Para ser mais claro, o rei apresentou um resumo da oração de Salomão na dedicação do templo. Naquela ocasião, o fogo que desceu do céu para consumir o holocausto e os sacrifícios, bem como a manifestação da glória do Senhor, foi o sinal de que Deus havia ouvido a oração de Salomão.[16] Josafá, então, solicita a resposta àquela oração.[17] Outro aspecto importante desse trecho da prece de Josafá tem a ver com o reconhecimento de que foi Deus quem venceu as batalhas do passado e não o povo: "Tu nos livrarás", relembrou Josafá. Essa história me faz lembrar trechos da música "Saved by Grace" (Salvo Pela Graça), cuja letra traz a seguinte afirmação na segunda estrofe: "Como eu poderia dizer que são minhas as vitórias que Deus venceu?" Josafá tinha consciência disso.

Em terceiro lugar, Josafá apresentou o problema atual. Ele inicia essa etapa da oração dizendo "mas, *agora*". Depois de relembrar as vitórias de Deus no passado, com implícita confiança, o rei expõe diante do Senhor a razão de sua angústia: "aqui estão os homens de Amom, de Moabe e do monte Seir, por cujo território não permitiste que os filhos de Israel passassem quando vinham da terra do Egito; de modo que dele se desviaram e não o destruíram".[18] Gosto muito da maneira como Josafá organiza suas palavras. Elas demonstram um senso de que Deus é o grande monarca do Universo e, ao mesmo tempo, é o grande amigo dos seres humanos. A propósito, nos versos anteriores, o rei já havia mencionado que Abraão era "amigo de Deus". Deus mesmo disse isto:

“Porém tu, ó Israel, servo meu, tu Jacó, a quem elegi descendência de Abraão, meu amigo”.[19] De fato, “a oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo”, como disse Ellen White.[20] Ou, como diria Machado de Assis, “a prece é a escada misteriosa de Jacó: por ela sobem os pensamentos ao Céu; por ela descem as divinas consolações”.[21] Somente alguém que tinha a consciência de que Deus é amigo poderia fazer a oração que Josafá fez. Afinal, de outro modo, quem teria coragem de colocar em pauta o fato de que o Senhor não permitiu que os filhos de Israel destruíssem os povos que, nos dias de Josafá, estavam oprimindo Seu povo? Deus ordenou a Moisés que poupasse esses povos por serem descendentes de Esaú.[22] Em outras palavras, Josafá estava dizendo: “Senhor, nós te obedecemos, e, porque te obedecemos, agora estamos com esse problema; portanto, com o Senhor estão as consequências!”

Além disso, Josafá reconheceu sua impotência diante da prova. A situação real era desanimadora. Humanamente falando, havia pouco que Judá pudesse fazer a fim de inverter as circunstâncias. A constatação de Josafá nos chega em tom comovente: “em nós não há força perante esta grande multidão que vem contra nós. Não sabemos o que fazer”.[23] Ao refletir sobre essa afirmação, começo a me lembrar de um período em que eu mesmo passei por duras provas. Posso dizer que entendo os sentimentos do rei Josafá: há momentos em que realmente nós não sabemos o que fazer! Tenho a impressão de que, nessas horas, reconhecer nossa impotência é o primeiro passo para a vitória, porque, se não sabemos o que fazer, esse é o único passo que podemos dar. É nesse instante que uma fé mais profunda se desenvolve, no instante em que alguém decide crer quando já não resta qualquer razão humana para acreditar.

Ainda, Josafá entregou a Deus o futuro. A essa altura de nossa história, somos presenteados com algo surpreendente, algo que beira o inimaginável: “mas os nossos olhos estão postos em Ti”.[24] Isso não é ficção! Alguém realmente reagiu assim. Agradeço a Deus porque essa história está na Bíblia. Ela foi registrada para nosso benefício. Conforme salientaram Leslie Allan e Lloyd Ogilvie:[25]

A crise era terrível e impossível de escapar. Uma vez que se tratava de uma inversão de uma declarada vontade de Deus, Sua intervenção não era injustificadamente alegada. Se “nós” somos impotentes, “nosso Deus” é todo-poderoso. O apelo final, “nossos olhos estão postos em Ti”, é uma linda expressão de fé e esperança, reminiscente do Salmo 123:2.

De fato, acredito que o Espírito Santo nos lembra das confortadoras palavras da Bíblia nos momentos de prova. O Salmo 123:2 finaliza com uma expressão que aponta para uma confiança implícita de que Deus Se compadece do Seu povo: “os nossos olhos estão fitos no Senhor, nosso Deus, até que Se compadeça de nós”. Certamente essa era a expectativa de Josafá. E não era uma expectativa infundada; afinal, como vimos, o rei relembrou as vitórias do *passado*, o que lhe encorajou a apresentar o problema *presente* como insignificante diante do poder de Deus e, por essa razão, entregar-Lhe o *futuro*. Em outras palavras, a oração de Josafá demonstrou sua confiança de que passado, presente e futuro estão nas mãos de Deus. E como não estaria, se Ele é o dono do tempo? Aliás, como diria Agostinho, “antes do tempo existe somente a eternidade, e para Deus a eternidade é um presente que nunca termina”.[26] O problema da maioria dos cristãos é que eles são como os “estudantes que desejam olhar as respostas dos seus problemas de matemática, respostas estas que estão no fim do livro, em vez de resolver os problemas”.[27] Deus, porém, conhece o futuro antes de ele chegar. Tentei expressar essa ideia em um poema que compus no verão de 2007. Atribuí a ele o título “Crepúsculo”. Compartilho-o aqui:

Hoje eu conversei com Deus...
Ele tinha muitas coisas pra fazer,
Mesmo assim, falou comigo;
Não me deu apenas um tempo, dois,
ou a metade de um:
deu-me todo o tempo!
Porque queria me ouvir:
então falei...

do que me aflige;
dos meus sonhos;
do que eu não entendo;
do que até entendo,
mas não parei com tempo suficiente para analisar;
dos meus segredos;
de brinquedos,
que recebi na primavera,
[dos meus medos]
mas não guardei,
para que me alegrassem no inverno;
de minhas vaidades,
das idades,
pelas quais passei;
dos erros que cometi;
dos que espero não cometer;
de bênçãos que ainda quero obter.

Não pedi que removesse as nuvens,
apenas me desse a certeza
de que o Sol continua brilhando,
e marchando
na plenitude de sua força;

mencionei pessoas:
agradeci por Sua existência,
a essência
do viver, do insistir, e prosseguir.

e o tempo passou,
e eu passei.

Mas Ele permanece!

A resposta de Deus

William Craig, em seu livro *Apologética Para Questões Difíceis da Vida*, nos chama a atenção para uma questão que preferimos lançar para debaixo do tapete: se formos suficientemente honestos com nós mesmos, chegaremos à conclusão de que Deus não responde algumas orações. Esse autor comenta que um exemplo clássico disso é a oração de Paulo para que Deus removesse o "espinho na carne". Simplesmente Deus disse "não". A afirmação de que Deus pode responder de três maneiras: "sim", "não" e "espere um pouco" pode servir de consolo, mas não resolve o problema; afinal, quando oramos, queremos receber exatamente aquilo que estamos pedindo e, em geral, temos pressa para receber. Afinal, foi o próprio Jesus quem disse: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois aquele que pede, recebe; o que busca, encontra; e ao que bate, se abre."[28]

Craig tenta explicar que existem algumas razões para que nossas orações sejam impedidas. Ele apresenta pelo menos cinco: (1) pecado em nossa vida; (2) motivos errados ou egoístas; (3) falta de fé; (4) falta de sinceridade e (5) falta de perseverança.[29] Podemos raciocinar que Josafá superou essas cinco barreiras e, por isso, sua oração foi atendida. Mas acredito que Paulo também ultrapassava os mesmos desafios e, ainda assim, sua oração não foi atendida. Então, eu acrescentaria um novo elemento à lista: (6) Deus não atende nossa oração quando o que pedimos diverge da Sua vontade. Mas como saber se o que pedimos está de acordo com a vontade de Deus? Talvez, a única maneira que o Senhor tenha para dizer isso seja exatamente não respondendo a nossa oração. Devo dizer que reconheço que "não" e "espere um pouco" também são respostas, mas também acredito que são uma espécie de sinal amarelo. Elas devem nos deixar em estado de alerta e nos conduzir à reflexão: "por que Deus não me disse prontamente um "sim"? Talvez o "não" seja para mostrar algo errado na nossa vida, ou simplesmente para nos deixar claro que o que estamos pedindo não é Seu plano para nós; quanto ao "espere um pouco", talvez seja para nos levar a uma experiência mais profunda. Como disse Henry

Nowen, “a espera é um período de aprendizagem. Quanto mais esperamos, mais ouvimos falar sobre quem estamos esperando”.[30] É bastante comum perdermos a paciência enquanto esperamos e agirmos por nossas próprias forças; mas Deus sempre tem o Seu modo de fazer as coisas, sempre melhor que o nosso, sempre maior, sempre surpreendente.

A impressão que tenho é a de que Josafá não precisou esperar para ouvir a resposta de Deus. Ao contrário, todo o povo estava ainda na igreja quando o Espírito Santo veio no meio da congregação sobre um moço chamado Jaziel. Honestamente, não vejo maneira melhor de Deus dizer “sim”. Por meio desse rapaz, o Senhor respondeu à oração do povo, e a resposta foi uma mistura de encorajamento, consolo e prenúncio de vitória: “não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão. Pois a peleja não é vossa, mas de Deus”.[31] Acredito que isso era tudo o que o povo queria ouvir. Deus lutaria no lugar deles!

Essa história me faz lembrar um grande desafio que enfrentei quando eu estava com 14 anos de idade. Houve um congresso de jovens na cidade do Recife, no ginásio Geraldão. Naquela ocasião, representantes dos Estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte se uniram para a realização do evento. Na programação, cada dia um pregador-mirim, representando um Estado, deveria apresentar um sermão. O meu clube de desbravadores ficou responsável por apontar o representante da Paraíba. Eu fui o escolhido. Nunca fiquei tão nervoso em toda a minha longa vida de 14 anos! Preparei um sermão para 30 minutos e o preguei em sete minutos que mais me pareceram uma eternidade. Antes de subir ao palco, lembro-me de ter dito a um pastor: “eu não vou conseguir”. Ele fingiu que não ouviu. O fato é que naquele momento o que eu mais queria era que alguém me dissesse: “esta peleja não é sua, mas minha”; e, além disso, pregasse no meu lugar. Mas não foi o que aconteceu. E a razão para não ter acontecido pode ser explicada em um pensamento que li numa Bíblia de estudos chamada “A Bíblia do Executivo”. O pensamento é o seguinte: se um problema pode ser resolvido, ele é problema nosso; mas, se não pode ser resolvido, ele é problema de Deus. Pregar naquele dia era algo que eu podia fazer; por isso, precisei enfrentar aquela situação. Mas, no caso de Josafá, vencer

aquela grande multidão era algo que estava além das forças humanas.

Gosto de pensar que Deus Se preocupa tanto com as nossas emoções e com o medo que sentimos, que Sua resposta no verso 15 e início do verso 16 é enfatizada no verso 17, numa repetição que, para mim, só é necessária em face do desejo de Deus de acalentar o coração dos Seus filhos em luta. Preparei um quadro para que isso fique mais claro.

Verso 15: não temais nem vos assusteis	Verso 17: não temais nem vos assusteis
Verso 15: a peleja não é vossa, mas de Deus	Verso 17: nesta batalha não tereis de pelejar
Verso 16: amanhã descereis contra eles	Verso 17: amanhã saí-lhes ao encontro

Embora Deus tenha afirmado de maneira contundente que eles não tinham de pelejar, a mensagem é clara no sentido de que eles tinham de obedecer. Há algo que o povo podia fazer: “amanhã descereis” e “saí-lhes ao encontro”. Charles Swindoll disse: “Quando entro em pânico, fujo. / Quando fujo, me perco. / Quando me perco, Deus espera. / Quando eu *espero*, Ele combate. / Quando Ele combate, eu aprendo”[32]. Nessa citação, é possível apreender que o período de espera é, de fato, um período de aprendizagem. Mas a história de Josafá deixa claro que essa espera não é uma espera ociosa. O ponto de partida para a ação de Deus é o limite da força humana. Aonde o homem pode chegar, Deus apenas o acompanha; afinal, foi isso que Jaziel disse ao povo: “amanhã saí-lhes ao encontro, e *o Senhor será convosco*”. Porém, quando o homem não consegue ir mais, então Deus vai em seu lugar.

A resposta de Josafá: uma canção na noite

A resposta de Josafá é uma resposta de fé e obediência. Se a ordem era: “amanhã saí-lhes ao encontro”, era exatamente isso que ele estava disposto a fazer. O texto nos diz: “Pela manhã cedo levantaram-se e saíram ao deserto de Tecoa”.[33] Aqui o grande líder de Judá se levanta

diante do povo e nos presenteia com as tocantes palavras: “Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis”.[34]

Na sequência, ele e o povo decidiram cantar dizendo: “rendei graças ao Senhor, pois o Seu amor dura para sempre”.[35] Sinceramente, um exército inteiro cantando é algo que, para mim, é difícil de imaginar. Não consigo parar de me perguntar como eles conseguiram fazer isso. Como alguém pode cantar em circunstâncias tão probatórias? Philip Yancey faz um interessante comentário sobre essa questão ao afirmar:

> A tática de Josafá pode parecer mais adequada para um culto na igreja do que para um embate num campo de batalha, mas ela funciona. Esse brilhante momento de fé nacional se destaca no diversificado registro histórico. Com sua oração pública e exemplo pessoal, o rei Josafá mostra o que pode acontecer quando um dirigente deposita total confiança em Deus.[36]

Ainda não haviam obtido a vitória, mesmo assim cantaram. Gosto de pensar que eles cantaram em face da promessa. Deus havia dito que lutaria por eles, e eles acreditaram nisso. A fé era tudo o que tinham no momento, fé em Deus e em Seus profetas. A propósito, o nome do profeta que Deus levantou para encorajar o povo significa “Deus vê”. Esse é o significado do nome Jaziel. Desse modo, a mensagem chegou clara para o povo: “Deus está vendo tudo”. Ele sempre vê. E pensa em todos os detalhes.

A experiência de Josafá nos mostra uma das funções da música, talvez a mais importante: “assim como os filhos de Israel, jornadeando pelo deserto, suavizavam pela música de cânticos sagrados a sua viagem, Deus ordena a Seus filhos hoje que alegrem a sua vida peregrina”.[37] Além de profeta, Jaziel era músico. O texto diz que ele era “filho de Zacarias, filho de Benaia, filho de Jeiel, filho de Matanias, *levita*, dos *filhos de Asafe*”.[38] Como descendente de Asafe, Jaziel herdou o talento para a música e o dom de profecia:[39]

> Davi, juntamente com os capitães do exército, separou para o

> ministério alguns dos filhos de Asafe, de Hemã, e de Jedutum, *para profetizarem com harpas, alaúdes e saltérios*. Esse foi o número dos homens que realizaram este serviço: dos filhos de Asafe: Zacur, José, Netanias e Asarela. Os filhos de Asafe estavam sob a direção de Asafe, que *profetizava* sob a direção do rei.[40]

O cântico de Josafá se torna ainda mais significativo ao percebermos que a música começou no dia anterior à saída para o deserto, ou talvez na noite anterior. Assim que Jaziel terminou de anunciar a resposta de Deus para os moradores de Jerusalém, eles fizeram duas coisas: primeiro, adoraram a Deus;[41] segundo, louvaram em alta voz.[42] É isso que eu chamo de uma canção na noite. Na noite escura, quando os olhos humanos não conseguiam ver saída, eles cantaram, e começaram a ver com os olhos da fé.

Mas que tipo de fé é essa? É uma fé que não tenta controlar Deus para que faça nossa vontade, mas se posiciona para fazer a vontade dEle; é uma fé que não é capaz apenas de suportar algo, mas de transformar isso em glória;[43] é uma fé que não sabe para onde está sendo levada, mas conhece e ama quem a está levando;[44] essa é a fé que conduz à vitória! Josafá e o povo creram no momento em que a fé se tornou mais difícil e menos provável. Segundo Philip Yancey, é nesse momento que a fé é mais necessária.[45]

Pensando dessa forma, acredito que a exortação de Josafá para que o povo cresse em Deus e nos profetas, bem como a promessa de segurança, assume um significado que vai além de minha compreensão. Afinal, do ponto de vista humano, Josafá e a nação tinham apenas razões para lamentação e choro. Como puderam cantar? Eu não sei. Só sei que “quando começaram a cantar e dar louvores, o Senhor pôs emboscadas contra os homens de Amom, de Moabe e do monte Seir, que tinham vindo contra Judá, e foram desbaratados”.[46] Primeiro, os moabitas e amonitas destruíram os meunitas; em seguida, eles se destruíram entre si.[47] Chego à conclusão de que a razão para esse cântico não teve origem na força humana. George MacDonald disse certa vez que “se estamos seguros de Deus, estamos seguros de tudo”.[48] Creio que foi por isso que cantaram.

William Craig[49] conta uma experiência vivenciada por um ex-colega seu ao visitar periodicamente um asilo para pessoas com algum tipo de deficiência física. Certo dia, ao andar por um corredor que ainda não havia visitado, ele se deparou com uma senhora que lhe chamou muito a atenção. Seu nome era Mabel. Ela era cega, quase surda, tinha um câncer em uma de suas faces e havia passado os últimos 25 dos seus 89 anos naquele lugar, solitária. Era dia das mães, e ele lhe deu uma flor. Mas ela perguntou se poderia dar a flor a outra pessoa. Com a permissão e ajuda do ex-colega de Craig, ela entregou a flor a alguém, dizendo: “isto vem de Jesus”. Naquele momento, ele percebeu que Mabel era uma pessoa diferente. Ele passou a visitá-la uma ou duas vezes por semana, durante três anos. Em uma dessas visitas, ele lhe perguntou: “Em que você pensa quando eu estou aqui?” Ela respondeu: “penso em Jesus”. Ele acrescentou: “O que você pensa sobre Jesus?” Ela disse: “Penso sobre quão bom ele tem sido para mim. [...] Ele tem sido tremendamente bom para mim. [...] Ele significa tudo para mim.” Craig disse que, naquele momento, ela começou a cantar uma velha canção, que, em português, começa assim:

Cristo é tudo para mim: viver, sonhar, cantar;
É minha força, meu bordão, sem Ele, que penar!
Quando em pesar a Ele vou, pois meu Jesus jamais falhou.
Quando em pesar, faz-me alegrar; Cristo é meu!

Como ela pôde fazer isso? Como ela conseguiu cantar? William Craig diz que aquela senhora tinha poder; por isso, cantava. Concordo com ele. É o poder que vem da fé. É o poder que permite uma pessoa se manter constantemente em atitude de adoração, aconteça o que acontecer. Josafá e Mabel não são pessoas comuns: são aquele tipo descrito pelo livro de Hebreus: “dos quais o mundo não era digno”;[50] pessoas que compreenderam aquilo que William Temple expressou muito bem: “Adorar é avivar a consciência pela *santidade de Deus*, alimentar a mente com a *verdade de Deus*, purgar a imaginação pela *beleza de Deus*, abrir o coração ao *amor de Deus*, consagrar a vontade ao *propósito de Deus.*”[51]

Não sei como terminou a história de Mabel. Craig não nos conta. Mas a atitude dela é a de uma pessoa vitoriosa, que estará na eternidade. Quanto a Josafá e seu exército, a Bíblia diz que “quando olharam para a multidão, viram somente corpos mortos, que jaziam em terra; nenhum tinha escapado”.[52] Eu resumiria esse verso em apenas duas palavras: “vitória completa”. Essa história me faz lembrar as seguintes palavras de Taylor Caldwell: “Se uma nação não tem Deus, terá de cair, mas se uma nação tem Deus, nem todos os poderes do mal, nem todos os exércitos podem sacudir seus fundamentos. Não. Nem mesmo que o mundo inteiro se organize contra ela.”[53]

Eles voltaram a cantar, mas agora era uma música de triunfo. A Bíblia diz que eles se reuniram num vale ao qual deram o nome de Beraca,[54] que, literalmente, significa “bênção”. Josafá chamou aquele lugar de vale da bênção, a fim de celebrar a grande vitória que Deus concedeu sobre seus inimigos.[55]

Ao voltarem para Jerusalém, eles foram direto para o templo.[56] Que lição para nós: uma lição de gratidão! Eles entraram ao som de música, com alaúdes, com harpas e com trombetas. O medo agora estava do outro lado, do lado das nações vizinhas: “veio o temor de Deus sobre todos os reinos daquelas terras, quando ouviram que o Senhor havia pelejado contra os inimigos de Israel”.[57] Gosto de pensar que ao mesmo tempo em que o episódio deixou apreensivos os povos vizinhos de Jerusalém, ele ratificou a confiança de Josafá de que Deus pode fazer o impossível. Às vezes, Deus resolve nossos problemas da maneira mais inusitada; quando menos imaginamos, a graça nos surpreende!

Enfim, a alegria foi maior que a angústia; o riso, maior que o choro; e o medo deu lugar à paz: “e o reino de Josafá teve paz, pois o seu Deus lhe deu repouso em redor”.[58] Josafá experimentou essa paz. Ela também pode ser nossa!



[1] Paul Tournier, *Culpa e Graça: Uma Análise do Sentimento de Culpa e o Ensino do Evangelho* (São Paulo: ABU), 1985.

[2] 2 Crônicas 20:1, 2.

[3] 2 Crônicas 20:3.

[4] 2 Crônicas 20:35-37.

[5] 2 Crônicas 17:11.

[6] 2 Crônicas 17:12.

[7] 2 Crônicas 17:13-19.

[8] 2 Crônicas 20:3.

[9] 2 Crônicas 19:2.

[10] 2 Crônicas 20:5.

[11] 2 Crônicas 6:34-35.

[12] 2 Crônicas 20:6.

[13] Isaías 6:1.

[14] 2 Crônicas 20:7-9.

[15] Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-Rom]), v. 3, p. 162.

[16] 2 Crônicas 7:1.

[17] Francis D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1978), v. 3, p. 264.

[18] 2 Crônicas 20:10.

[19] Isaías 41:8.

[20] Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 257.

[21] Machado de Assis, *Helena*. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000079.pdf>. Acesso em 28 de março de 2013.

[22] Deuteronômio 2:4, 5, 9, 19.

[23] 2 Crônicas 20:12.

[24] 2 Crônicas 20:12.

[25] Leslie Allen e Lloyd J. Ogilvie, *The Preacher's Commentary Series: 1, 2 Chronicles* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1987), p. 285.

[26] Citado por Philip Yancey, *Decepcionado com Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2004), p. 207.

[27] Ibid., p. 222.

[28] Mateus 7:7, 8.

[29] William Lane Craig, *Apologética Para Questões Difíceis da Vida* (São Paulo: Vida Nova, 2010).

[30] Luci Shaw, "Henry Nowen: a Escalada Para Deus", em Philip Yancey e James Calvin Chaap, (organizadores) *Muito Mais que Palavras: Como os Mestres da Literatura Influenciaram Escritores Cristãos* (São Paulo: Vida, 2005), p. 70.

[31] 2 Crônicas 20:15.

[32] Citado por Kelmeth Ulmer, *Anatomia Divina: Conhecendo a Essência de Deus* (São Paulo:

Vida, 2004), p. 49.

[33] 2 Crônicas 20:20.

[34] 2 Crônicas 20:20.

[35] 2 Crônicas 20:21.

[36] Philip Yancey, *Sinais de Graça* (São Paulo: Mundo Cristão, 2011), p. 374.

[37] Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 167.

[38] 2 Crônicas 20:14.

[39] David Noel Freedman, *The Anchor Bible Dictionary* (Nova York: Doubleday, 1996), v. 3, p. 613.

[40] 1 Crônicas 25:1, 2.

[41] 2 Crônicas 20:18.

[42] 2 Crônicas 20:19.

[43] William Barclay, citado por Philip Yancey, *Decepcionado com Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2004), p. 163.

[44] Oswald Chambers, citado por William P. Young, *A Cabana* (Rio de Janeiro: Sextante, 2008), p. 223. Li esse livro em face da febre que acompanhou o seu lançamento; um pouco por curiosidade e outro tanto pelo interesse de orientar a juventude com a qual me relaciono no trabalho e que estava me fazendo perguntas sobre ele. Não concordo com sua perspectiva teológica em relação à Divindade. No entanto, aqui e ali é possível encontrar lindos pensamentos como este.

[45] Philip Yancey, *Decepcionado com Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2004).

[46] 2 Crônicas 20:22.

[47] 2 Crônicas 20:23.

[48] Citado por Philip Yancey e James Calvin Chaap (organizadores), *Muito Mais que Palavras: Como os Mestres da Literatura Influenciaram Escritores Cristãos* (São Paulo: Vida, 2005), p. 173.

[49] William Lane Craig, *Apologética Para Questões Difíceis da Vida* (São Paulo: Vida Nova, 2010), p. 119-121.

[50] Hebreus 11:38.

[51] Citado por Richard Foster, *Celebração da Disciplina: O Caminho do Crescimento Espiritual* (São Paulo: Vida, 1983) (itálicos acrescentados).

[52] 2 Crônicas 20:24.

[53] Taylor Caldwell, *Médico de Homens e de Almas: A História de São Lucas* (Rio de Janeiro: Record, 2008), p. 64.

[54] 2 Crônicas 20:26.

[55] Francis D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1978), v. 3, p. 265.

[56] 2 Crônicas 20:28.

[57] 2 Crônicas 20:29.

[58] 2 Crônicas 20:30.



A GRAÇA QUE CONSOLA

Deus nos promete alegria, mas não segurança; uma vida plena, mas não indolor; promete o riso que acompanha a plenitude da fé nos amorosos desígnios divinos, mas também as lágrimas.

Madeleine L´Engle

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Jesus

Uma das coisas que mais gosto de fazer quando leio a Bíblia pode ser resumida na pergunta: “Se eu fosse Deus, o que teria feito nessa situação?” A resposta é quase sempre trágica e a minha atitude hipotética se mostra, com uma frequência maior do que eu desejaria, bastante diferente das ações de Deus. Um exemplo disso é o chamado de Jeremias. Se eu fosse Deus, não creio que teria chamado um rapaz inexperiente, inseguro, ostentando medos, suscetível à angústia, ao desânimo e ao desespero e oriundo de uma pequena vila chamada Anatote. Pois bem, esse é o homem que Deus escolheu para ser um profeta internacional! Sinceramente, você o escolheria? Qualquer resposta rápida apenas provaria que a pergunta não foi levada suficientemente a sério. Afinal de contas, o que Deus viu em Jeremias?

O chamado de Jeremias torna-se ainda mais surpreendente ao pensarmos que a condição de Israel era das mais desafiadoras: apostasia aberta, odiosa rebelião e idolatria insolente tornaram-se a agenda do momento. Os profetas profetizavam falsamente,[1] os pais lançavam os filhos ao fogo em homenagem a outros deuses,[2] o sensualismo e a prostituição atingiram um limite insuportável.[3] Confiar no próximo tornou-se algo tão perigoso que a recomendação contra tal

atitude foi pronunciada de uma forma perceptivelmente enfática:

> Guardai-vos cada um do seu amigo; de irmão nenhum vos fieis. Pois todo irmão não faz mais do que enganar, e todo amigo anda caluniando. Zomba cada um do seu próximo, e não falam a verdade. Ensinam a língua a proferir mentiras; andam-se cansando em praticar a iniquidade. [...] Flecha mortífera é a língua deles; fala engano. Com a sua boca fala cada um de paz com o seu companheiro, mas no interior arma-lhe ciladas.[4]

Recordo-me, neste instante, de um conhecido jargão: “Quem tem amigos assim, não precisa de inimigos!” A existência de homens justos na cidade era algo em tão evidente escassez que a constatação desse fato feita pelo próprio Deus nos chega num tom de comovente solicitude, que me faz lembrar o diálogo entre Deus e Abraão sobre a destruição de Sodoma: “Dai voltas às ruas de Jerusalém, olhai, informai-vos, buscai pelas suas praças. Se achardes alguém que pratique a justiça e busque a verdade, eu perdoarei a esta cidade”.[5] Deus não destruiria Sodoma se tivesse achado ali dez justos.[6] E não destruiria Jerusalém se tivesse achado ao menos um: parece que as coisas estavam piores por aquelas redondezas.

Embora algumas pessoas se apresentassem como adoradoras de Deus, o coração estava dividido. Invocavam o nome de Deus, mas ainda juravam falsamente.[7] A ação de buscar a verdade, apresentada no verso 1 do capítulo 5, é um exemplo da dissonância espiritual vivida pelo povo. O verbo traduzido como “buscar” tem um significado enfático em hebraico. Algo do tipo: “buscar de todo o coração”. Portanto, havia pessoas em Jerusalém que até chegavam a ter algum tipo de envolvimento com a verdade, mas Deus queria homens que a buscassem sem reservas, de todo o coração.[8] Então, conduzo minha pergunta inicial para outra direção. Não quero mais saber o que eu faria se fosse Deus, mas o que Deus faria se fosse homem. Se fosse esse o caso, então lhe perguntaria: “Você está seguro de que esse é o homem certo para esse momento?” A história de Jeremias – como todas as histórias de Jesus no Novo Testamento – me mostra que o Senhor não

está buscando pessoas excepcionais. Ele está buscando pessoas comuns, que sabem que são comuns, mas que fazem coisas excepcionais.

O fato é que Deus não apenas chamou Jeremias, mas o chamado chega com uma veemência que não é encontrada na experiência de outros profetas: "*Antes que Eu te formasse no ventre*, te conheci, e antes que saísses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta".[9] Chego à conclusão de que não havia uma razão óbvia para que Deus chamasse Jeremias. Não foi porque ele tivesse habilidades para dar estudos bíblicos ou para apresentar bons sermões. Afinal, o profeta nem existia quando Deus o escolheu!

Thomas Constance comenta que há sete pontos a serem destacados na vida e chamado de Jeremias: (1) Deus o conhecia; (2) Deus o santificou; (3) Deus o ordenou; (4) Deus o enviou; (5) Deus o dirigiu; (6) Deus o encorajou; (7) Deus falou por meio dele.[10] O que me chama a atenção nesse comentário de Thomas, é que ele coloca em evidência o fato de que Deus é sempre o ponto de partida, de que Ele sempre toma a iniciativa, e isso assume um significado muito mais amplo ao pensarmos que, a despeito de todos os esforços divinos, encontramos constantemente do outro lado a resistência humana.

A resistência de Jeremias: a insistência de Deus

A resposta imediata de Jeremias ao chamado divino nos diz muito a respeito de sua personalidade: "Então disse eu: Ah! Senhor Deus! Não sei falar; não passo de uma criança".[11] Vamos tentar imaginar as palavras de Jeremias de outra forma: "Senhor, honestamente falando, não acho que seja uma boa ideia esse negócio de eu ser um profeta internacional". Modéstia, falta de fé ou simplesmente reconhecimento de sua limitação para a obra proposta; que nome daríamos à reação dele? A pergunta que não queria calar na sua mente é a mesma que fazemos diante de uma tarefa que se afigura além do limite das nossas forças: "Por que eu?" Entretanto, que razões tinha Jeremias para resistir ao chamado? Creio que a melhor maneira de responder a essa pergunta é dizer que o profeta tinha a impressão de que sua personalidade,

marcada pela timidez e sensibilidade emocional, além da pouca idade, seria um empecilho ao trabalho, dadas as circunstâncias em que se encontrava a nação.

Uma breve descrição sobre as principais características do caráter de Jeremias pode ser extraída do comentário de Philip Graham Riken:

> Os rabis o chamavam de “o profeta chorão”. […] Quando Michelangelo o pintou no teto da Capela Sistina, ele o apresentou numa postura de aflição extrema. Ele se parece com um homem que chorou tanto que não lhe restam lágrimas para derramar. Sua face se volta para um lado, como um homem que foi atingido por muitos golpes. Seus ombros estão curvados para frente, sobrecarregados pelos pecados de Judá. Seus olhos também estão inclinados para baixo, como se não mais suportasse ver o sofrimento do povo de Deus. Sua mão cobre sua boca. Talvez não lhe reste mais nada a dizer.[12]

De fato, encontramos Jeremias chorando diversas vezes ao longo de seu livro. No capítulo 4:19, ele chora por causa da calamidade que está para vir sobre Judá, um choro intenso e mais pungente que a própria dor. Chego a me emocionar ao ler suas palavras: “Ah! Entranhas minhas, entranhas minhas! Eu me contorço em dores! O meu coração ruge, não me posso calar. Pois tu, ó minha alma, ouviste o som da trombeta e o alarido da guerra”. Nichol comenta essa passagem, dizendo que este é um “choro de profunda angústia. Os hebreus consideravam as entranhas como a sede das mais fortes emoções. Esse verso consiste de uma série de exclamações angustiosas dando vazão a uma dor extrema que beira o desespero”.[13]

Um pouco mais adiante, Jeremias está chorando novamente: “Oh! Se eu pudesse consolar-me na minha tristeza! O meu coração desfalece dentro em mim”.[14] Dessa vez, à semelhança do que Jesus fez, o profeta está chorando sobre a cidade, por causa dos pecados do povo. Um pouquinho à frente, ele diz: “estou quebrantado pela ferida da filha do meu povo; ando de luto, e o espanto se apoderou de mim”.[15] Tenho a impressão de que a construção da narrativa nos confunde. Às vezes, fico em dúvida se o choro é de Jeremias ou do Senhor. De fato, o choro é de

Jeremias; no entanto, o profeta reflete o sentimento de Deus. Desse modo, o choro de Jeremias me faz lembrar que existe consternação no Céu a cada vez que eu saio da linha. Mas fico assombrado quando volto ao texto e percebo que o povo também chora. Sua lamentação aparece nas seguintes palavras: “Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos.” Se existe uma lição que podemos aprender do livro de Jeremias, é que o pecado causa sofrimento, que este é um mundo de lágrimas, que aqui precisamos sepultar pessoas que amamos. Enquanto escrevo essas palavras, não posso parar de pensar numa colega de trabalho que acabou de falecer, deixando o esposo, uma filha jovem, que herdou da mãe o dom da música e cuja canção jamais será a mesma, e dilacerando o coração de uma doce menina que, mal tendo iniciado a vida, já se depara com a realidade da morte. É comovente a pergunta do profeta: “Não há bálsamo em Gileade? Ou não há lá médico?”[16] Temos aqui duas perguntas retóricas as quais requerem respostas afirmativas e, ao mesmo tempo, enfáticas: claro que há! Gosto do comentário de Ellen White fazendo alusão a esse texto:

> Há muitas pessoas a quem a esperança abandonou. Restituí-lhes a luz. Muitos perderam a coragem. Falai-lhes palavras de ânimo. Orai por eles. Há os que necessitam do pão da vida. Lede-lhes da Palavra de Deus. Há muitos enfermos da alma, os quais nenhum bálsamo terrestre pode alcançar nem médico levar cura. Orai por essas almas. Levai-as a Jesus. Dizei-lhes que há Bálsamo e Médico em Gileade.[17]

Contudo, diante do sofrimento, geralmente sentimos a sensação de abandono. Jeremias questionou: “Não está o Senhor em Sião? Não está nela o seu rei?”[18] Afinal de contas, onde está Deus no momento em que sofremos? Os porquês nesses momentos parecem uma espada a traspassar a alma. Trata-se de um intenso conflito que se trava no coração: ficamos no limite entre a fé e a dúvida. No caso de Jeremias, não mais do que de repente, uma fé implícita dá lugar a uma avalanche de incertezas. O capítulo 20 de seu livro bem que poderia receber um título do tipo “no limite da fé” ou “altos e baixos em frações de segundo” ou qualquer coisa do gênero. A mudança radical de sentimentos nos

deixa no mínimo intrigados: “Mas o Senhor está comigo como um poderoso guerreiro (v. 11); [...] Cantai ao Senhor! Louvai ao Senhor! Ele livra a alma do necessitado da mão dos malfeitores (v. 13).” Até aí parece que está tudo bem. No entanto, o verso seguinte demonstra que Jeremias parou o carro, deu marcha à ré e pisou fundo no acelerador conduzindo o veículo em direção contrária e a toda velocidade. Uma ação de graças bruscamente dá lugar a um lamento que muito se parece com o de Jó:

> Maldito o dia em que nasci! [...] Maldito o homem que deu as novas a meu pai [...]; por que não me matou na madre? Por que minha mãe não foi minha sepultura, ou não permaneceu grávida perpetuamente? Por que saí da madre para ver trabalho e tristeza, e para que se consumam na vergonha os meus dias? (v. 14, 15).

Para ser bem honesto, não posso dizer que entendo os sentimentos de Jeremias, porque jamais me senti assim. E dou graças a Deus por isso. O máximo que posso fazer é me lembrar das palavras de alguém que vivenciou emoções semelhantes. Estou me referindo a C. S. Lewis. Em 1940, ele publicou uma obra sob o título *O Problema do Sofrimento*, na qual escreve: “A tentativa de comparar ‘ser’ e ‘não ser’ termina em simples palavras. ‘Seria melhor para mim que eu não tivesse nascido’ – de que forma ‘para mim?’ Como poderia eu, se não tivesse nascido, tirar proveito de minha não existência?”[19] A vida tranquila de Lewis lhe permitiu fazer uma análise, a meu ver, fria, a respeito do sofrimento humano, sem, ao que parece, qualquer tipo de envolvimento emocional com o que está escrevendo. Mas basta vir a calamidade para que as coisas mudem de figura. Vinte anos depois, ao perder a esposa, ele escreve:

> Nesse entretempo, onde Deus está? Este é um dos sintomas mais inquietantes. Quando você está contente, tão contente que não tem qualquer sensação de precisar dEle [...], você será recebido de braços abertos – ou pelo menos assim parece. Mas vá até Ele quando você precisa desesperadamente de ajuda, quando qualquer outra ajuda é

em vão, e o que é que você recebe? Uma batida de porta na cara, e o som, vindo de dentro, de passar uma tranqueta na porta, e depois mais uma outra. Depois disso, silêncio. Não adianta aguardar. Quanto mais você espera, mais enfático se tornará o silêncio.[20]

Tenho observado que a dor exerce uma intensa influência sobre todos nós. Em pouco tempo aprendemos com ela o que de outro modo levaríamos anos para aprender, ou talvez nem conseguíssemos de outra forma. José pode ser mencionado como exemplo. Ao ser vendido por seus irmãos a uma caravana de ismaelitas, “por algum tempo, ele entregou-se a uma dor e pesar incontidos. Mas, na providência de Deus, mesmo essa experiência seria uma bênção para ele. Aprendeu em poucas horas o que de outra maneira anos não lhe poderiam ter ensinado”.[21] José precisou apelar para o único auxílio que tinha à disposição. Em sua angústia e desespero, apelou para Deus. E foi profunda a sua experiência espiritual. Retornando a C. S. Lewis, na sua última palestra, que recebeu o nome de “O Novo Homem”, ele disse: “Olhe para você, e você vai encontrar em toda a longa jornada de sua vida apenas ódio, solidão, desespero, ruína e decadência. Mas olhe para Cristo e você vai encontrá-Lo, e com Ele tudo o mais de que você necessita.”[22]

Centenas de anos antes de Lewis, Jeremias também encontrou a Cristo, e também lhe escapou qualquer outro senso de necessidade. A certeza de que nem tudo na vida acontece da maneira como nós gostaríamos levou Jeremias a fazer uma das orações mais tocantes que já li nas Escrituras:

Iludiste-me, ó Senhor, e iludido fiquei; mais forte foste do que eu, e prevaleceste. Sirvo de escárnio o dia todo; cada um deles zomba de mim. Sempre que falo, grito proclamando violência e destruição. Pelo que se tornou a palavra do Senhor um opróbrio para mim, e ludíbrio o dia todo. Mas se eu disser: Não me lembrarei dele e não falarei mais no seu nome, sua palavra me é no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos. Estou fatigado de contê-lo, e não posso mais.[23]

O profeta esperneia diante de Deus, reclama com Ele, apresenta seus lamentos ao Senhor, mas jamais O tira de cena. A dor do momento não consegue afastar Jeremias de Deus e também é impotente para afastar Deus de Jeremias. Mais do que qualquer outro personagem bíblico, Jeremias disseca suas emoções; ele não esconde nem um detalhe. Ele dá forma aos sentimentos, pondo-os em relevo em suas variadas cores e matizes. Ele se sente à vontade para dizer tudo que pensa, e é assim que ele faz. Uma má compreensão do caráter de Deus poderia levar alguém a indagar: "Por que Deus não fulminou o profeta diante de tamanha petulância?" Eu prefiro chamar isso de transparência; ou, para usar uma palavra mais comum, sinceridade. Afinal, como disse Keith Miller, "Deus respeita as nossas revoltas, reticências, desobediências, pois somente essas coisas conferem sinceridade ao nosso testemunho, às nossas confissões e à nossa adoração. [...] Quem jamais disse não a Deus, não pode sinceramente dizer-lhe sim".[24]

A escritora americana Kathleen Norris, em seu livro *The Cloister Walk* (A Caminhada no Claustro) conta como a leitura do livro de Jeremias tocou sua vida, sobretudo o capítulo 20, durante um período de um ano e meio em que esteve em um mosteiro nos Estados Unidos: "A voz de Jeremias é atraente, muitas vezes em um nível esmagadoramente pessoal. Certa manhã, eu estava tão desgastada pela montanha-russa emocional do capítulo 20 que, depois das orações, caminhei para o meu apartamento e voltei para a cama".[25] Ela acrescenta que "a indignação de Jeremias com a maneira como os inimigos o ridicularizam se ergue, assim como o temor e o pesar". A impressão que temos é a de que Jeremias quer ir para a sua cama e ficar debaixo das cobertas, e de lá não sair mais. Conforme Philip Ryken mencionou, essa é a noite mais escura do profeta.

Contudo, assim como um náufrago se agarra a um pedaço de madeira a fim de manter-se sobre a superfície, Jeremias apegou-se a Deus. Não posso esquecer sua devoção: "Sua palavra me é no coração como fogo ardente, encerrado em meus ossos", a qual se assemelha à de Davi: "[...] a minha dor se agravou. Acendeu-se dentro em mim o meu coração, e enquanto eu meditava ateou-se o fogo".[26] E então questiono

minha própria devoção.

A história de Jeremias me ensina ao menos duas importantes lições. A primeira é que os nossos pesares devem ser levados a Deus e não a outras pessoas. Afinal, quem poderia nos confortar tão ternamente? E quem poderia aliviar nosso coração com tanto afago? Não precisamos esconder de Deus nossos pesares. Jeremias é um exemplo a ser imitado. A segunda é que não preciso me martirizar ao olhar para trás e perceber que a minha jornada cristã foi marcada por altos e baixos. Afinal, isso faz parte da experiência humana. Gosto do comentário que Guest e Ogilvie fazem sobre esse assunto:

> Nós podemos ouvir o suspiro do profeta: “Louve ao Senhor, contudo eu desejaria nunca ter nascido.” Que estranha mistura de altos e baixos [...] Mas eles ressoam com o som e a emoção da humanidade. Será que há uma expressão mais perfeita da inconsistência humana? A sua vida de oração parece cheia de contradições? Então se junte à multidão de santos que vieram antes de nós. Estamos em boa companhia. Essas são as confissões integrais de um dos melhores deles. Em última instância, ele não está procurando felicidade; antes, ele está buscando obediência. Jeremias podia ser tão sincero, porque sabia que Deus é tão soberano![27]

À medida que vou lendo esse livro da Bíblia e o contraponho a outros com histórias não menos relevantes, percebo que podemos confiar no Deus de Jeremias. O seu amor e paciência para com a humanidade vão se apresentando em imagens particularmente vívidas, as quais no seu sentido mais amplo podem ser definidas como a graça de Deus, que, para usar as palavras do apóstolo Paulo, excede todo o entendimento[28]. Porém, esse Deus do profeta também requer obediência, e nos ensina a desenvolvê-la, às vezes, a preço de duras penas. Nesse sentido, o livro de Jeremias contém uma síntese da mensagem dos evangelhos, mas em forma de metáforas. É o que veremos a seguir.

O evangelho em metáforas

A autora britânica Luci Shaw, num artigo em que analisa brevemente a vida e obra do holandês Henri Nowen, considerado por muitos um dos mais profundos escritores cristãos de nossa época, comenta alguns percalços que vivenciou até que pudesse desenvolver com tranquilidade a sua atividade de escritora. Ela afirma: “Sou uma poetisa. Talvez não o fosse sem os altos e baixos.”[29] Creio que os altos e baixos também fizeram de Jeremias um poeta. Encontramos em seu livro diversos recursos retóricos: metáforas, hipérboles, comparações, paradoxos e trocadilhos são alguns exemplos. Um trocadilho que, em especial, me chama a atenção, é encontrado no capítulo 5: “Como vós me deixastes, e servistes a deuses *estranhos na vossa terra*, assim servireis a *estrangeiros*, *em terra que não é vossa.*”[30] Tais recursos facilitam a compreensão da mensagem.

Gosto dessa expressão poética de Jeremias. Concordo com o poeta e professor de literatura inglesa, Robert Siegel: “a poesia me faz descobrir a vida, e a vida, a poesia”.[31] A sensibilidade poética de Jeremias atribui um nível de beleza a suas afirmações que de outro modo não seria alcançado. Por exemplo, as hipérboles que ele emprega quando está falando de sua angústia são tão expressivas que chegam a despertar em nós um senso de solidariedade: “Oxalá a minha cabeça se tornasse em um manancial de águas, e os meus olhos em uma fonte de lágrimas! Então choraria de dia e de noite os mortos da filha do meu povo.”[32] Não dá para imaginar uma cabeça se tornando um manancial de águas nem tampouco olhos que chorem de dia e de noite como se as lágrimas fluíssem de uma fonte inesgotável. Mas parece que é isso que ele quer dizer: “Apressem-se, e levantem o seu lamento sobre nós até que os nossos olhos se desfaçam em lágrimas, e as nossas pálpebras destilem águas.”[33] Essa mesma ideia aparece mais adiante: “amargamente chorarão os meus olhos, e se desfarão em lágrimas, porque o rebanho do Senhor foi levado cativo”.[34]

O professor de exposição bíblica Roy Zuck, em seu livro *A Interpretação Bíblica*,[35] comenta que expressões desse tipo acrescentam vida ao texto, chamam a atenção do leitor, tornam os conceitos abstratos ou intelectuais mais concretos, são registradas com mais facilidade na memória, sintetizam uma ideia e estimulam a reflexão.

Explorei bastante esse assunto em meu livro *Retórica e Teologia nas Cartas de Paulo*.[36]

Chamamos tais expressões de figuras de linguagem. Elas aparecem frequentemente nas canções que ouvimos, nos poemas que lemos, nos textos que escrevemos e, não raro, nas nossas conversas cotidianas. E são tão comuns na Bíblia, que o teólogo inglês Ethelbert William Bullinger (1837-1913), em seu livro *Figure of Speech Used in the Bible* [Figuras de Linguagem Usadas na Bíblia], chegou a catalogar quase 200 figuras de linguagem diferentes em toda a Escritura, as quais aparecem com cerca de 600 diferentes nuanças.[37] Dentre elas, a metáfora é uma das mais comuns e ricas em significado e expressividade e é definida por esse autor como uma declaração de que uma coisa representa outra. Por isso, é também chamada de comparação ou representação.

No livro de Jeremias, as metáforas surgem na medida em que avançamos na leitura. Afinal, o que significam a vara, a panela, o cinto de linho, a garrafa de vinho, o vaso e a botija do oleiro, o celibato de Jeremias, os dois cestos de figos, as brochas, os canzis e o campo? Dentre essas, talvez o vaso do oleiro seja a mais fácil de interpretar – possivelmente porque ela tem sido tema de sermões e músicas – e, por isso, vamos deixá-la para o fim. Entretanto, cada uma delas é como se fosse um quadro do amor e da justiça de Deus, bem como de suas misericórdias, consolações e esforços para atrair seus filhos errantes.

Essas metáforas podem ser divididas em quatro grupos. No primeiro, estão aquelas que são apresentadas a Jeremias em visão; no segundo, aquelas que são representadas por objetos os quais Deus ordenou que o profeta comprasse; no terceiro, aquelas que são representadas por objetos os quais Deus ordenou que ele usasse e, na última seção, falaremos a respeito do vaso do oleiro, a qual é, a meu ver, uma metáfora que não se encaixa em nenhum dos grupos mencionados.

A vara, a panela e os cestos de figos

As metáforas da vara e da panela aparecem em Jeremias 1:11 e 13. A vara é de amendoeira e a panela ferve inclinada para o norte. Por mais enigmáticas que nos possam parecer essas imagens, elas não o eram

para Jeremias. A palavra “amendoeira” (*shaqed*) tem, em hebraico,[38] a mesma raiz do verbo “despertar” (*shaqad*). De fato, a amendoeira é a primeira árvore a florescer na primavera, o que acontece na Palestina no mês de janeiro.[39]

Desse modo, a vara de amendoeira na visão de Jeremias simbolizava que Deus estava acordado o suficiente para enfrentar a crise que se avizinhava. Podemos ficar tranquilos: Deus jamais dorme. Ele não precisa tirar uma soneca a fim descansar do Seu trabalho. Deus ainda está vigiando. Como disse o salmista: “é certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel”.[40]

Finalmente, Deus disse a Jeremias: “Viste bem, pois Eu velo sobre a Minha palavra, para a cumprir.”[41] Não sei se essas palavras receberam a atenção que merecem. Em todo caso, é melhor repeti-las: “eu velo sobre a Minha palavra para a cumprir”. Deus está dizendo a Jeremias que aquilo que Ele prometeu, Ele cumprirá. Se bem que nesse contexto essas palavras possuam certo tom de ameaça, em última instância não temos nada diferente da “ameaça” que fazemos aos nossos filhos quando percebemos que eles estão saindo da linha: “Lucas, você vai ficar sem aquele passeio!” ou “Karol, você vai ficar sem internet por uma semana!”, digo isso aos meus. Afinal, disciplinamos nossos filhos porque os amamos, e quando sentimos que eles estão distantes ou envolvidos em alguma encrenca. A disciplina tem o efeito de trazê-los para perto de nós, de evidenciar que eles são preciosos aos nossos olhos, mas também de protegê-los de problemas maiores.

Ficamos chocados, às vezes, quando nos deparamos com algumas declarações de Deus na Bíblia. Uma que sempre me surpreende está registrada no livro de Levítico, capítulo 26. Podemos perceber ali a veemente insistência de Deus em atrair seus filhos errantes:

> Mas se não Me ouvirdes, e não cumprirdes todos estes mandamentos, e se rejeitardes os Meus estatutos, e a vossa alma se aborrecer dos Meus juízos, não cumprindo todos os Meus mandamentos, e assim violardes a Minha aliança, então Eu vos farei isto: porei sobre vós o terror, a tísica e a febre, que consomem os olhos e esgotam a vida. [...] Se depois de tudo isto não Me ouvirdes, *Eu vos*

> *castigarei sete vezes mais por causa dos vossos pecados*. [...] Se andardes contrariamente para Comigo, e não Me quiserdes ouvir, *multiplicarei as vossas aflições sete vezes mais*, *segundo os vossos pecados*. [...] Se nem ainda com estas coisas vos corrigirdes e volverdes a Mim, [...] Eu mesmo vos serei contrário, *e Eu vos ferirei sete vezes mais por causa dos vossos pecados*. [...] Se ainda com tudo isto não me ouvirdes, e continuardes a hostilizar-Me, então Eu vos serei contrário em furor, e *vos castigarei sete vezes mais por causa dos vossos pecados*.

Como disse Paul Tournier, comentando esses versos, "se Deus bate forte, é porque o homem também resiste fortemente".[42] Também podemos dizer que na mesma medida em que Deus bate, Ele consola. A metáfora da vara, portanto, me ensina que Deus está atento quando me afasto dEle. E Ele age a fim de me trazer de volta. Também aprendo que Deus desce ao nível da compreensão humana. E a maior prova disso é o fato de que Jesus veio a este mundo, e falou do amor do Pai numa linguagem que mesmo as crianças podiam entender. Ele veio para cumprir Sua promessa de nos levar de volta para a casa do Pai.

Em relação à panela fervente, mais uma vez Deus usa algo comum à compreensão de Jeremias. A visão da panela está intrinsecamente relacionada com os juízos a serem derramados sobre Jerusalém: "pronunciarei contra o Meu povo os Meus juízos".[43] Seria Deus tão fiel para cumprir Suas ameaças assim como o é para cumprir Suas promessas? Certamente que sim.

Qual foi a cena vista por Jeremias? Philip Ryken tenta descrevê-la da seguinte forma:

> Possivelmente, o profeta viu esta panela em um fogo aberto. Como alguém que já tenha acampado sabe, não demora muito para a água ferver. Imagine a panela sobre toras ou carvão e aquecendo até a fervura da água. Contudo, o hebreu não diz que "a água está fervendo", mas que "o vento está soprando sobre". Em outras palavras, o fogo está sendo alimentado, as chamas estão sendo abanadas, e as brasas estão explodindo em chamas. Quando a panela é colocada em

> ordem novamente no fogo, ela se inclina para um lado, as bolhas de água fervendo pendem para o lado do pote, e o vapor sobe sibilando por entre as chamas.[44]

Que vívidas imagens! Elmer Martens comenta que essa panela a ferver inclinada para o norte significa, por assim dizer, um "derramamento" de nações sobre Judá. Ele acrescenta que essa visão enfatiza a mensagem de juízo sobre a qual Jeremias falará e a qual ele explicará aos habitantes de Jerusalém, porque eles desobedeceram aos dois primeiros dos dez mandamentos.[45]

A visão da panela reforça a mensagem da vara, e a complementa. E nos indica que qualquer pessoa que tenha compreendido o evangelho em termos apenas do amor de Deus compreendeu uma metade. A outra metade tem a ver com a Sua justiça. Amor e justiça são os dois lados da mesma moeda. Se bem que a justiça de Deus esteja baseada em Seu amor, tenho percebido que tem se dado pouca importância ao fato de que Deus punirá os maus. E não apenas isso, Ele trará juízos sobre aqueles que possuem uma religiosidade exterior, indivíduos que viveram em dissonância espiritual; segundo as palavras de Isaías, essas são pessoas que honram a Deus com os lábios, mas o coração está distante dEle.[46] Elas dão as mãos aos habitantes de Jerusalém da época de Jeremias, e, com eles, afirmam: "Andaremos consoante os nossos projetos."[47] Talvez uma paráfrase atual do que Deus disse por meio de Isaías possa ser encontrada na afirmação de William Craig: "A adoração cristã contemporânea tende a concentrar o foco na promoção da intimidade emocional com Deus. Embora isso seja algo bom, as emoções só levam a pessoa até certo ponto, e então ela precisará de algo mais substancial."[48] Ele acrescenta que "já não é suficiente ensinar histórias bíblicas a nossos filhos; eles precisam de doutrina e apologética"; em outras palavras, já não é suficiente ensinar nossos filhos a ter fé, eles precisam aprender a defendê-la.

Há, na atualidade, um modelo de pregação que defende a ideia segundo a qual o que Deus quer é o coração. As pessoas que ouvem esse tipo de declaração deveriam atentar para a advertência de C. S. Lewis: "se você está pensando em se tornar cristão, eu lhe aviso que

estará embarcando em algo que vai ocupar toda a sua pessoa, inclusive o cérebro”.[49] Em outras palavras, Deus não está tão interessado no coração como está na razão. É por isso que a Bíblia fala de um culto racional. A emoção é importante, mas nunca em detrimento da razão. Segundo esse mesmo modelo de pregação, uma vez que Deus é amor, isso significa que, no fim, todos se salvarão. Nesse sentido, o indivíduo vem para a igreja, diz que aceita a Cristo como seu Salvador pessoal, mas não deseja carregar Sua cruz. A religião, nesse caso, não é mais do que uma mera profissão de fé que não é atestada por uma mudança de vida, de propósitos, de mente, de coração. É o que comumente chamamos de graça barata. Esse tipo de discurso pode servir para acalmar a voz da consciência, mas nunca para nos justificar diante de Deus. Em contrapartida, o teólogo e mártir alemão, Dietrich Bonhoeffer, executado pelos nazistas em 1945, convida-nos a pensar naquilo que ele chamou de graça preciosa, e que se opõe à graça barata, sobre a qual ele comenta:

> A graça barata é a inimiga mortal de nossa igreja. A nossa luta trava-se hoje em torno da graça preciosa. [...] Graça barata é graça como refugo, perdão malbaratado, consolo malbaratado, sacramento malbaratado; [...] a graça sem preço, sem custo. [...] A graça barata é, por isso, uma negação da Palavra viva de Deus, negação da encarnação do Verbo de Deus. [...] Graça barata significa justificação do pecado, e não do pecador. [...] A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem a disciplina comunitária, é a Ceia do Senhor sem confissão dos pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça sem discipulado, a graça sem a cruz, a graça sem Jesus Cristo vivo, encarnado.[50]

Bonhoeffer afirma que a graça é preciosa porque ela pode custar a vida do ser humano, e é graça porque ao mesmo tempo em que pode custar a vida, ela dá vida. É preciosa porque condena o pecado, e é graça porque justifica o pecador. Finalmente, Bonhoeffer afirma que quando Deus chama um homem, Ele o chama para morrer. Enfim, a vara e a panela da visão de Jeremias me ensinam que o mesmo Deus que

ama, também repreende, também disciplina e exige obediência. Porém, essas ações não se contrapõem à Sua natureza de amor; ao contrário, Ele repreende, disciplina e exige obediência *porque* ama, e não *a despeito de* amar.

Por sua vez, a visão dos cestos de figos está registrada no capítulo 24. Percebemos, novamente, elementos comuns do cotidiano do profeta e das pessoas daquela região. No verso 1, não encontramos qualquer diferença entre os figos. A diferença só vai ser anunciada no verso 2, e ela nos chega em termos que expressam pontos extremos: um cesto contém figos *muito bons* e outro cesto contém figos *muito ruins*. Além disso, os primeiros figos eram considerados uma iguaria especial, e intimamente relacionada a eles estava a expressão "primícias", o que relembra o antigo ritual das ofertas em Israel.[51] A própria informação encontrada no verso 1, "postos diante do templo do Senhor", pode fazer alusão a esse fato.

Os dois cestos representam pessoas que seriam levadas pelo rei da Babilônia ao cativeiro. Todos seriam levados! Contudo, a visão parece indicar que dois grupos são formados. A diferença entre eles pode ser interpretada da seguinte maneira: Alguns tirariam proveito do sofrimento e se tornariam bem temperados por ele. Outros não tirariam proveito dele e se tornariam mais amargos e insalubres em face do mesmo evento. Como diria Jean-Paul Sartre, "o importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós". Embora o contexto em que Sartre fez essa afirmação não tenha relação direta com o que estamos discutindo, ela explica como as pessoas podem se comportar de maneiras diferentes em resposta ao mesmo estímulo.

Assim, vejo também uma mensagem de esperança a partir da visão. Afinal, a promessa é clara:

> Como a estes figos bons, assim olho com favor aos de Judá, levados em exílio, e que enviei deste lugar para a terra dos caldeus. Porei os Meus olhos sobre eles, *para o seu bem*, e os farei voltar a esta terra. Edificá-los-ei, e não os destruirei; plantá-los-ei, e não os arrancarei. Dar-lhes-ei coração para que Me conheçam, porque Eu sou

o Senhor. Ser-Me-ão por povo, e Eu lhes serei por Deus, pois se converterão a Mim de todo o coração.[52]

E então, louvo a Deus, porque a mensagem do evangelho se encontra presente nas páginas do livro de Jeremias.

O cinto de linho, a botija de oleiro e o campo

Os comentaristas bíblicos[53] não estão totalmente em acordo quanto ao que seja especificamente esse cinto de linho mencionado no capítulo 13 de Jeremias. Também se discute se o profeta realmente teria ido ao Eufrates, visto que a palavra hebraica traduzida como Eufrates também pode se referir à pequena vila de Perat, que fica a poucos quilômetros de Anatote.[54] Essa parece ser uma viagem mais viável do que uma jornada de mais de 1.000 km até o Eufrates. Em todo caso, o mais importante para a interpretação do significado desse cinto de linho na narrativa de Jeremias é o que *aconteceu* com ele e não necessariamente o que ele *foi*.

Há pelo menos quatro fatos relacionados com esse cinto de linho. O primeiro é que Jeremias é orientado a comprá-lo; o segundo é que Jeremias é orientado a usá-lo; o terceiro é que Jeremias é orientado a escondê-lo na fenda de uma rocha; o quarto é que Jeremias é orientado a buscá-lo de volta depois de vários dias, encontrando-o apodrecido.

Em seu comentário, Robert Davidson afirma que esse incidente do cinto de linho é o primeiro dos, por assim dizer, atos simbólicos atribuídos a Jeremias. Segundo esse autor, “tais atos não são meramente ilustrações ou acréscimos visuais. *Eles são a mensagem*, a palavra em ação”.[55] Desse modo, embora o significado de cada detalhe não esteja bem claro, algumas lições saltam do texto de maneira bem transparente. O cinto de linho representa Judá, e o apodrecimento é símbolo de sua condição espiritual e a consequente rejeição de Deus. Jeremias é chamado a vivenciar a compra, o uso, o esconderijo e o apodrecimento do cinto, a fim de entender os sentimentos de Deus em relação ao povo, e, desse modo, pregar a mensagem com veemência.

A ação de Jeremias de esconder o cinto na fenda de uma rocha e o

consequente apodrecimento pode significar que o distanciamento de Deus por parte da nação provoca tal estado espiritual que o povo “para nada presta”.[56] Tal pensamento pode ser confirmado pela declaração de Deus no verso 10: “Este povo maligno, que se recusa a ouvir as Minhas palavras, que caminha segundo o propósito do seu coração, e anda após outros deuses para os servir e inclinar-se diante deles, será como este cinto, que para nada presta.” Porém, Deus rejeita o Seu povo apenas depois de muitas demonstrações de amor: “Como o cinto está ligado aos lombos (cintura) do homem, assim Eu liguei a Mim toda a casa de Israel e toda a casa de Judá, diz o Senhor, para Me serem por povo, e nome, e louvor, e glória. Mas não Me deram ouvidos.”[57]

Nesse momento entra em cena uma garrafa de vinho, a fim de enfatizar a mensagem do cinto de linho: “Todo odre se encherá de vinho. E se te disserem: não sabemos nós muito bem que todo odre se encherá de vinho?”[58] O significado dessas palavras se torna bem claro um pouco adiante: “Eu encherei de embriaguez a todos os habitantes desta terra [...]. Fá-los-ei em pedaços, atirando uns contra os outros, tanto os pais como os filhos, diz o Senhor.”[59] Essa parece uma cena horrível demais para que nos demoremos nela, mas ela está lá: não há como negar, nem fazer vista grossa. Deus insiste: “Não perdoarei nem pouparei, nem terei compaixão deles, para que não os destrua.”[60] Alguns capítulos adiante, o Senhor diz a Jeremias: “Toma da Minha mão este copo de vinho do furor, e faze que dele bebam todas as nações às quais Eu te enviar.”[61] Uma pergunta que alguns podem fazer é: “Por que Deus chegou a esse ponto?” Embora eu ache razoável essa questão, não acredito que ela seja a melhor. A pergunta deveria ser: “Depois de que Deus chegou a esse ponto?” A resposta é: Depois de fazer todos os apelos que a misericórdia poderia fazer!

Mas as ordens enigmáticas continuam. Dessa vez, Deus diz a Jeremias que compre uma botija de oleiro: “Assim diz o Senhor: Vai, e compra uma botija de oleiro. [...] Sai ao vale de Hinom [...] e dize: Ouvi a palavra do Senhor, ó reis de Judá, e moradores de Jerusalém. [...] Trarei tão grande desastre sobre este lugar, que quem quer que dele ouvir retinir-lhe-ão as orelhas.”[62] O teor do significado desse novo ato de Jeremias fica claro pela advertência que acompanha a mensagem que

deveria ser transmitida ao povo. Finalmente, as palavras do profeta deveriam ser encerradas com uma cena que mais parece um teatro de rua: “Então quebrarás a botija à vista dos homens que foram contigo.”[63] Contudo, o objetivo aqui não é meramente atrair a atenção das pessoas para uma espécie de entretenimento casual e sem valor; afinal de contas, a advertência era muito severa para não ser levada com seriedade.

Ernest Clements, renomado professor de Antigo Testamento na Europa, afirma que “essa ação foi interpretada como um sinal de que Deus estava para quebrar Seu povo, Israel. A ação era um gesto dramático que forneceu uma indicação da ação divina que viria sobre Israel. O povo deveria ser quebrado em pedaços de modo que não pudesse ser remendado outra vez”.[64]

A próxima metáfora é o terceiro objeto de compra de Jeremias. Trata-se de um campo em Anatote, a sua cidade de nascimento. Do ponto de vista humano, não é possível ver nenhuma razão para que o profeta se interessasse em comprar uma propriedade ali. Afinal, por que alimentar esperança de receber benefício pessoal dessa compra, se, não sendo mais jovem e tendo predito que o cativeiro duraria 70 anos, possivelmente Jeremias não estivesse vivo quando o povo retornasse da Babilônia? Porém, ao comprar esse campo, o profeta atuou como uma espécie de parábola viva a respeito da expectativa de retorno da terra do exílio: Jerusalém voltaria a ser habitada.[65]

A promessa de restauração chega com tamanha clareza que não é possível deixar de compreendê-la: “Assim diz o Senhor: como Eu trouxe sobre este povo todo este grande mal, assim também trarei sobre ele todo o bem que lhes tenho prometido.” Assim, não posso deixar de prestar atenção na reação de Jeremias, ao receber a ordem de Deus para tomar as escrituras e guardá-las num vaso de barro, a fim de que fossem conservadas para dias distantes. O profeta nos informa: “Orei ao Senhor.”[66] E a sua oração relembra os feitos de Deus no passado, Sua maravilhosa providência em favor do povo e a desobediência da nação mesmo em face dos benefícios que Deus lhe concedeu, o mal que lhe ocorreu como consequência da desobediência, bem como a situação atual: “a cidade está entregue nas mãos dos caldeus, que pelejam contra

ela, pela espada, pela fome e pela peste”.[67]

As circunstâncias em que se encontra o povo justificam, pelo menos numa perspectiva humana, a conclusão aparentemente lógica de Jeremias: “Embora a cidade esteja entregue nas mãos dos caldeus, contudo Tu me disseste, ó Senhor Deus: compra para ti o campo por dinheiro, e faze que o atestem testemunhas.”[68] Em outras palavras, parece que Jeremias estava tentando dizer: “Senhor, tem certeza do que está me pedindo? Talvez o Senhor entenda muito bem desse negócio de criar os Céus e a Terra, ou mesmo de tirar o povo do Egito ou até mesmo de permitir que o povo sofra as consequências de sua desobediência. Mas comprar um campo num lugar que ficará completamente deserto, não acho que seja um bom investimento. O Senhor tem certeza disso?”[69]

A resposta de Deus é clara e objetiva: “Eu sou o Senhor, o Deus de toda a humanidade. Acaso haveria coisa demasiadamente difícil para Mim?”[70] Tenho a impressão de que Jeremias engoliu seco, baixou a cabeça e respondeu: “Não, Senhor! É claro que não!” Deus continua:

> Clama a Mim, e responder-te-ei, e anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes. [...] Purificá-los-ei de toda a sua maldade com que pecaram contra Mim, e perdoarei todos os seus pecados de rebeldia contra Mim. [...] Naqueles dias e naquele tempo farei que brote a Davi um Renovo de justiça; Ele fará juízo e justiça na terra. Naqueles dias Judá será salvo e Jerusalém habitará seguramente. Este é o nome que lhe chamarão: O Senhor, Nossa Justiça.[71]

Que outro nome podemos dar a esses eventos? Temos uma promessa de purificação da maldade, de perdão dos pecados, de juízo e de justiça na Terra, de um ajuntamento sob a bandeira de alguém a quem podemos chamar de “Senhor, Nossa Justiça”. Deem o nome que quiserem, mas eu prefiro chamar isso de o evangelho segundo Jeremias, ou o evangelho da graça de Cristo, a graça que consola.

O celibato, as brochas e os canzis

Conforme foi mencionado anteriormente, este terceiro grupo de metáforas traz objetos que Jeremias deveria usar a fim de servir como um símbolo do que Deus pretendia fazer com o povo. Antes que alguém diga que celibato não é algo material e, portanto, um objeto, preciso explicar que o celibato de Jeremias era algo visível e um sinal para aquela geração rebelde,[72] o que justifica que falemos sobre isso nesta seção.

O professor Jack R. Lundbom, famoso especialista no livro de Jeremias, afirmou:

> Jeremias tornou-se a expressão mais completa da profecia divina, quando sua vida foi percebida como símbolo. Seu celibato tinha um significado simbólico, assim como o casamento desfeito de Oseias e a perda da esposa de Ezequiel. O sofrimento de Jeremias, especialmente nos dias imediatamente antes do colapso de Judá, retirou o foco quase que inteiramente da palavra profética [...] e o colocou sobre o próprio profeta.[73]

Contudo, é exatamente essa transferência de foco da palavra profética para o próprio profeta que faz a profecia ser observada com mais atenção. Afinal, quando Jeremias explicasse ao povo que Deus o havia proibido de contrair matrimônio e de ter filhos naquele lugar, as pessoas entenderiam que a razão tinha a ver com a solene mensagem de que a nação seria destruída e que, portanto, não era bom negócio ter filhos para que logo em seguida eles morressem de “doenças mortais” juntamente com suas mães![74]

Os próximos objetos usados por Jeremias às vezes me causam a impressão de que Deus estivesse fazendo uma espécie de brincadeira de mau gosto com o profeta. Afinal, em princípio parece sem sentido a ordem de Deus registrada em Jeremias 27:2: “Assim me disse o Senhor: Faze brochas e canzis e põe-nos ao teu pescoço”. As brochas são “as ataduras que seguram as duas peças de madeira [canzis] colocadas respectivamente por cima e por baixo do pescoço de um boi, formando um jugo”.[75]

Para ser bem honesto, tenho muita dificuldade de imaginar Jeremias

usando tal peça, mas sou forçado a acreditar que isso é literal ao me deparar com a informação encontrada mais adiante: “Hananias, o profeta, tomou o canzil do pescoço do profeta Jeremias, e o quebrou”.[76] Então, a compreensão da razão por que Deus ordenou Jeremias a usar aqueles pedaços de madeira no pescoço chega de duas formas. A primeira tem que ver com a falsa profecia de Hananias, ao afirmar que “assim diz o Senhor: assim quebrarei o jugo de Nabucodonosor, rei de Babilônia, depois de passados dois anos completos, de sobre o pescoço de todas as nações”; a segunda, com a profecia verdadeira de Jeremias:

> Veio a palavra do Senhor a Jeremias, depois que Hananias, o profeta, quebrou o canzil de sobre o pescoço do profeta Jeremias: vai, e dize a Hananias: assim diz o Senhor: canzil de madeira quebraste, mas em vez dele terás canzil de ferro. Assim diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: jugo de ferro pus sobre o pescoço de todas estas nações, para servirem a Nabucodonosor, rei de Babilônia, e servi-lo-ão. Até os animais do campo lhe darei.[77]

Os canzis no pescoço de Jeremias representavam o jugo que Deus colocaria sobre o povo por meio do cativeiro babilônico. Contudo, só preciso virar mais uma página na minha Bíblia para encontrar lindas promessas de restauração. Os capítulos 30 e 31 de Jeremias são uma daquelas porções das Escrituras que não deveriam ser lidas apressadamente, como não deve ser com toda a Bíblia. É preciso saborear a doçura de cada palavra e o apelo de misericórdia por trás de cada afirmação. Quase posso ouvir Deus aos gritos: Judá, ó Judá, Eu amo você! Ninguém jamais amou com tanta persistência: “com amor *eterno* te amei; com benignidade te atraí”.[78] Isso é o que, acertadamente, Brennan Manning chamou de “o obstinado amor de Deus”.[79] Continuo minha leitura dos capítulos 30 e 31 de Jeremias, e, em seus versos poéticos, encontro Deus dizendo: “Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, Eu quebrarei o seu jugo de sobre o teu pescoço, e quebrarei as tuas algemas; nunca mais se servirão dele os estranhos. [...] Ser-Me-eis por povo, e Eu vos serei por Deus. [...] Pois lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais Me lembrarei dos seus

pecados.”[80] Preciso repetir: chamem isso do que quiserem, porém, para mim, isso se chama o evangelho da graça de Deus, o evangelho segundo Jeremias.

O barro e o vaso do oleiro

Jacques Doukhan, professor de Antigo Testamento na Universidade Andrews, em seu livro *Secrets of Daniel* [Os segredos de Daniel][81], comenta que, “quando a Bíblia utiliza a palavra ‘barro’, ela sempre a associa à palavra ‘oleiro’, e sempre evoca a pessoa humana em um relacionamento de dependência do Criador”. Assim, o contexto em que essas palavras aparecem sempre é o da criação. Essa ideia fica clara a partir da afirmação encontrada em Isaías 64:8: “Mas agora, ó Senhor, Tu és nosso Pai, nós somos o barro, e Tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das Tuas mãos.”

Uma nova ordem é dada a Jeremias: “Levanta-te, e desce à casa do oleiro, e lá *te farei ouvir* as minhas palavras.”[82] Não posso deixar de notar a diferença entre a metáfora do oleiro e algumas outras metáforas. Em alguns momentos, Deus pergunta: “Que vês Jeremias?”[83] Desta vez, a Bíblia diz: “te farei ouvir”. No entanto, no verso 3 o profeta diz: “Desci à casa do oleiro, e *vi* que ele estava fazendo a sua obra sobre as rodas.”[84] *Ouvir* a voz de Deus enquanto *via* a cena da confecção do vaso deve ter causado um forte impacto aos seus sentidos. Sobretudo, quando o inesperado aconteceu: o vaso se quebrou na mão do oleiro, e ele decidiu fazer outro vaso, porém não com outro barro, mas com o mesmo barro.

Essa metáfora nos ensina algumas lições a respeito de Deus. Primeiro, conforme frisou Kelmeth Ulmer, em seu livro *Anatomia Divina*,[85] assim como o oleiro não desiste do barro quando ele se estraga, Deus jamais desiste de nós; assim como o oleiro fez um novo vaso “conforme bem lhe pareceu”,[86] Deus refaz a nossa vida, porém de acordo com a Sua vontade.

Segundo, essa metáfora nos fala do poder do toque divino e da intimidade que Deus quer ter conosco. A primeira vez em que Deus tomou o barro em Suas mãos foi na semana da criação. Como um exímio escultor, Ele modelou o barro; porém, foi além das formas

externas. De uma maneira misteriosa, Ele modelou nossos sentimentos: bondade, ternura, afeto, compreensão são algumas das coisas que nos foram transmitidas pelo Oleiro, fazendo com que fôssemos um pouco do que Ele é, de modo que pudéssemos utilizar o que Ele nos deu para entrarmos num relacionamento de intimidade com Ele.

Terceiro, embora vejamos na imagem do oleiro encontrada em Jeremias um quadro que nos conforta, não podemos tirar o texto de seu contexto. Ryken afirmou:

> A mensagem de Jeremias é sobre juízo. O vaso na roda do oleiro não objetiva significar conforto. Como muito da arte moderna, ele se destina a ser algo perturbador. A mensagem de Jeremias é sobre o barro nas mãos de um oleiro indignado. Se Deus pode fazer o que quiser, então Ele tem o direito de destruir você por causa de seus pecados. Deus é aquele que trouxe você ao mundo, e pode removê-lo dele. Até que reconheça isso, você ainda não compreendeu totalmente a soberania de Deus.[87]

Eu afirmaria que quem não reconheceu isso não compreendeu totalmente o evangelho. Segundo Jeremias, a única maneira de escapar do desastre é afastar-se do pecado; afinal, o Deus de Jeremias é um Deus disposto a perdoar: “Se tal nação, contra a qual falar, se converter da sua maldade, também Eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe.”[88] O Deus de Jeremias jamais se fatiga no amor. Ele ampara todo aquele que Lhe busca em arrependimento, quer dar paz à alma, curar feridas, erguer os que estão cansados de falhar. Mas o Deus de Jeremias também é justo. Ele é tardio em irar-Se, mas jamais inocenta o culpado.[89]

O restante da história mostraria que a nação de Judá não estava disposta a abandonar seus pecados, de modo que o cativeiro babilônico tornou-se um mal inevitável: o vaso se quebrou na mão do oleiro! Porém, em Sua infinita misericórdia, a partir daqueles que amadureceram espiritualmente pelo sofrimento – uma colheita que preencheu um cesto de figos muito bons –, Ele tornou a fazer outro vaso, conforme bem lhe pareceu. Grande foi o choro da nação em face do cativeiro. Grande foi o

choro de Jeremias em face dos pecados do povo. Maior do que “esses choros”, porém, foram as consolações que, como um bálsamo, foram derramadas sobre o povo mais tarde. Os que choram serão consolados, disse Jesus. Ellen White afirma que “o pranto aqui apresentado é a sincera tristeza de coração pelo pecado”.[90] Jeremias experimentou esse tipo de tristeza não necessariamente por causa dos seus próprios pecados, mas da nação. Nos momentos em que chorarmos esse ou outros choros, podemos estar seguros de que a graça nos consolará!



[1] Jeremias 5:31.

[2] Jeremias 7:31.

[3] Jeremias 13:27.

[4] Jeremias 9:4, 5, 8.

[5] Jeremias 5:1.

[6] Gênesis 18:32.

[7] Jeremias 5:2.

[8] Logicamente, “é evidente que o profeta [Jeremias] fala de maneira retórica, visto que ele mesmo e os seus discípulos, embora poucos, eram, indubitavelmente, ‘homens’ no sentido profético da palavra. H. D. M. Spence-Jones, *The Pulpit Commentary: Jeremiah* (Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2004), p. 113.

[9] Jeremias 5:1.

[10] Thomas Constance, *Explorer’s Bible Study* (Dickson, TN: Explorer’s Bible Study, 1978), v. 1, p. 5.

[11] Jeremias 1:6.

[12] Philip Graham Ryken, *Jeremiah and Lamentations: From Sorrow to Hope* (Wheaton, lL: Crossway Books), 2001, p. 18.

[13] Francis D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1978), v. 4, p. 373.

[14] Jeremias 8:18.

[15] Jeremias 8:21.

[16] Jeremias 8:22.

[17] Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 369.

[18] Jeremias 8:19.

[19] C. S. Lewis, *O Problema do Sofrimento* (São Paulo: Vida, 2006).

[20] C. S. Lewis, *A Anatomia de uma Dor* (São Paulo: Vida, 2006).

[21] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 147.

[22] Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Clive_Staples_Lewis>. Acessado em 1 de outubro de 2012.

[23] Jeremias 20:7-9.

[24] Keith J. Miller, "Paul Tournier: O Poder da Relação Pessoal", em Philip Yancey e James Calvin Chaap (organizadores) *Muito Mais que Palavras: Como os Mestres da Literatura Influenciaram Escritores Cristãos* (São Paulo: Vida, 2005), p. 88.

[25] Citado por P. G. Ryken, *Jeremiah and Lamentations: From Sorrow to Hope* (*Wheaton*, lL: Crossway Books), 2001, p. 312.

[26] Salmo 39:2, 3.

[27] J. Guest, "Jeremiah, Lamentations", em L. J. Ogilvie, *The Preacher's Commentary Series* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1988), v. 19, p. 147.

[28] Efésios 3:19.

[29] Luci Shaw, "A Escalada para Deus", em Philip Yancey e James Calvin Chaap (organizadores) *Muito Mais que Palavras: Como os Mestres da Literatura Influenciaram Escritores Cristãos* (São Paulo: Vida, 2005), p. 60.

[30] Jeremias 5:19 (itálicos acrescentados).

[31] Robert Siegel, "Elucubrações: Sobre Uma Vida com a Poesia", em Philip Yancey e James Calvin Chaap (organizadores), *Muito Mais que Palavras: Como os Mestres da Literatura Influenciaram Escritores Cristãos* (São Paulo: Vida, 2005), p. 93.

[32] Jeremias 9:1.

[33] Jeremias 9:18.

[34] Jeremias 13:17b.

[35] Roy B. Zuck, *A Interpretação Bíblica: Meios de Descobrir a Verdade da Bíblia* (São Paulo: Vida, 1994).

[36] Adenilton Tavares de Aguiar, *Retórica e Teologia nas Cartas de Paulo: Discurso, Persuasão e Subjetividade* (São Paulo: Academia Cristã, 2012).

[37] E. W. Bullinger, *Figures of Speech Used in the Bible* (Londres e Nova York: Eyre & Spottiswoode; E. & J. Young & Co.), 1898.

[38] Ao estudarmos a Bíblia, não podemos nos esquecer de levar em consideração as línguas em que ela foi escrita. O Antigo Testamento foi escrito em hebraico, a maior parte, e em aramaico, algumas porções. O Novo Testamento foi escrito em grego, porém num dialeto que nós chamamos de comum.

[39] Francis D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington: Review and Herald, 1978), v. 4, p. 355.

[40] Salmo 121:4.

[41] Jeremias 1:12.

[42] Paul Tournier, *Culpa e Graça: Uma Análise do Sentimento de Culpa e o Ensino do Evangelho* (São Paulo: ABU), 1985.

[43] Jeremias 1:16.

[44] P. G. Ryken, *Jeremiah and Lamentations: From Sorrow to Hope* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2001), p. 31.

[45] E. A. Martens, “Jeremiah”, em O. H. Alderfer, *Believers Church Bible Commentary* (Scottdale: Herald Press, 1986), p. 35.

[46] Isaías 29:13.

[47] Jeremias 18:12.

[48] William Lane Craig, *Apologética Contemporânea: A Veracidade da Fé Cristã* (São Paulo: Vida Nova), 2012, p. 19.

[49] C. S Lewis, *Cristianismo Puro e Simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2005).

[50] Dietrich Bonhoeffer, *Discipulado* (São Leopoldo: Sinodal, 2004), p. 9.

[51] P. C. Craigie, P. H. Kelley, J. F. Drinkard, “Jeremiah 1-25”, em B. M. Metzger, David Hubbard, G. W. Barker, *Word Biblical Commentary* (Dallas: Word, 2002, v. 26,) p. 358.

[52] Jeremias 24:5-7.

[53] P. C. Craigie, P. H. Kelley, J. F. Drinkard, “Jeremiah 1-25”, em B. M. Metzger, David Hubbard, G. W. Barker, *Word Biblical Commentary* (Dallas: Word, 2002, v. 26), p. 190.

[54] R. E. Clements, “Jeremiah”, em J. L Mays, *Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching* (Atlanta: J. Knox Press), 1988, p. 85.

[55] R. Davidson, *The Daily Study Bible Series: Jeremiah* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2001), v. 1, p. 111.

[56] H. D. M Spence-Jones, *The Pulpit Commentary: Jeremiah* (Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2004), v. 1, p. 336.

[57] Jeremias 13:11.

[58] Jeremias 13:12.

[59] Jeremias 13:13a,14.

[60] Jeremias 13:14.

[61] Jeremias 25:15.

[62] Jeremias 19:1-3.

[63] Jeremias 19:10.

[64] R. E. Clements, “Jeremiah”, em J. L. Mays, *Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching* (Atlanta: John Knox Press, 1988), p. 118.

[65] Francis D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1978), v. 4, p. 471.

[66] Jeremias 32:14.

[67] Jeremias 32:24.

[68] Jeremias 32:25.

[69] Tentei parafrasear a oração registrada em Jeremias 32:17-25.

[70] Jeremias 32:27.

[71] Jeremias 33:3, 8, 15, 16.

[72] Francis D. Nichol*, The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1978), v. 4, p. 419.

[73] J. R. Lundbom, “Jeremiah”, em David Noel Freedman, *The Anchor Bible Dictionary* (Nova York: Doubleday, 1996), v. 3, p. 697.

[74] Jeremias 16:3, 4.

[75] H. D. M. Spence-Jones, *The Pulpit Commentary: Jeremiah* (Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2004), v. 1, p. 574.

[76] Jeremias 28:10.

[77] Jeremias 28:12-14.

[78] Jeremias 31:3.

[79] Brennan Manning, *O Obstinado Amor de Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2007).

[80] Jeremias 30:8, 22; 31:34.

[81] Jacques B. Doukhan, *Secrets of Daniel*: *Wisdom and Dreams of a Jewish Prince in Exile* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), p. 34.

[82] Jeremias 18:2.

[83] Jeremias 1:11, 13.

[84] Jeremias 18:3.

[85] Kelmeth Ulmer, *Anatomia Divina: Conhecendo a Essência de Deus* (São Paulo: Vida, 2004), p. 172.

[86] Jeremias 18:4.

[87] P. G. Ryken, *Jeremiah and Lamentations: From Sorrow to Hope* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2001), p. 296.

[88] Jeremias 18:8.

[89] Naum 1:3.

[90] Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 9.



A GRAÇA QUE RESPONDE

O silêncio não é o fim da palavra: é o seu reverso, a sua alternativa, a sua outra face.
André Neher

Ah, minha alma, prepare-se para encontrar Aquele que sabe fazer perguntas.
T. S. Eliot

Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?
Apocalipse 6:10

Uma propaganda que veiculou algum tempo atrás na TV Cultura finalizava da seguinte forma: “Não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas.”

Em seu livro *Decepcionado com Deus*, o escritor Philip Yancey comenta que, “num certo sentido, a natureza humana precisa mais de problemas do que de soluções”.[1] Eu acrescentaria que, de alguma maneira, ela também precisa mais de perguntas do que de respostas.

Em última instância, a razão para as perguntas se baseia na nossa necessidade de compreender tudo que nos causa inquietação. De fato, queremos entender por que crianças morrem, enquanto criminosos andam soltos pelas ruas roubando nossa tranquilidade; por que milhares de pessoas vivem em condições subumanas nas inúmeras favelas que povoam os grandes centros urbanos, enquanto outras viajam de férias todos os anos para a Disney ou qualquer paraíso natural em algum lugar do planeta. Queremos respostas para tudo, e não nos damos conta de que, como disse Shakespeare, “há mais coisas entre o céu e a terra do

que jamais sonhou nossa vã filosofia”.[2]

Em última instância, o ser humano quer respostas para perguntas como “Quem sou eu?”, “Por que estou aqui?”, “De onde vim?” e “Para onde vou?” William Craig comenta que “desde o Iluminismo, quando se desvencilhou das amarras da religião, o ser humano tentou responder a essas perguntas sem fazer referência a Deus. Só que as respostas que vieram não foram animadoras, mas escuras e terríveis”.[3]

No filme *Ponto de Mutação*, três pessoas discutem sobre os problemas do planeta: um político, uma cientista e um poeta. Finalmente, uma vez que a política não conseguiu encontrar respostas plausíveis para a salvação da humanidade e a ciência encontrava-se confusa em suas próprias teorias, a poesia, a partir da sensibilidade que lhe é intrínseca, entra em cena para mostrar que algumas perguntas simplesmente ficam aguardando respostas, que há coisas que sucedem aos homens sem que entendamos precisamente a razão. Os três personagens estão conversando na praia, quando o poeta decide declamar um poema do escritor chileno Pablo Neruda, publicado sob o título “Os Enigmas”, na sua obra *Canto Geral*. O poema segue abaixo:

Os enigmas
Tu perguntas o que uma lagosta tece lá embaixo com seus pés dourados?
Respondo que o oceano sabe.
E por quem a medusa espera em sua veste transparente?
Está esperando pelo tempo, como tu.
“Quem as algas apertam em seu abraço...”, perguntas
“mais firme que uma hora e um mar certos?” Eu sei.
Perguntas sobre a presa branca do narval
e eu respondo contando como o unicórnio do mar, arpado, morre.
Perguntas sobre as plumas do rei-pescador
que vibram nas puras primaveras dos mares do sul.
Quero te contar que o oceano sabe isto:
que a vida, em seus estojos de joias,
é infinita como a areia incontável, pura;
e o tempo, entre uvas cor de sangue

tornou a pedra dura e lisa, encheu a água-viva de luz,
desfez o seu nó, soltou seus fios musicais
de uma cornicopia feita de infinita madrepérola.
Sou só a rede vazia diante dos olhos humanos na escuridão
e de dedos habituados à longitude
do tímido globo de uma laranja.
Caminho como tu, investigando a estrela sem fim
E em minha rede, durante a noite, acordo nu.
A única coisa capturada é um peixe preso dentro do vento.[4]

Apesar do caráter enigmático da linguagem e das palavras tão incomuns ao nosso cotidiano a ponto de mesmo o dicionário não conseguir prestar muito socorro para nos ajudar na compreensão, há algo que se pode perceber facilmente: a resignação do poeta diante de alguns mistérios da vida. Depois de tantas perguntas, e de tentar entender o trabalho de grandes animais marinhos, a única coisa que o autor consegue capturar (o verbo parece estar sendo usado no sentido de entender) é um peixe, o menor dos animais mencionados, e, ainda assim, preso dentro do vento. Em outras palavras, ele se sente incapaz de responder as perguntas feitas ou de resolver os problemas propostos. Conforme já mencionei anteriormente, o famoso cientista Isaac Newton, prostrado em tal resignação, chegou a dizer: “sinto-me como a criança na praia, à procura de seixos e conchas, enquanto o grande oceano da verdade jaz por descobrir diante de mim”.

Para ser honesto, não creio que haja uma resposta definitiva para o sofrimento humano em todos os seus pormenores. Entretanto, creio que a melhor alternativa que temos para uma explicação em linhas gerais é o conflito cósmico entre o bem e o mal. Nesse sentido, o livro de Jó oferece pistas para o entendimento da questão do sofrimento, tendo em vista que ele é palco de um conflito em miniatura, uma espécie de maquete de algo que ocorre numa dimensão tão imensurável que não podemos capturá-lo, senão por representação.

Jó é um livro intrigante. Ao longo do tempo, ele tem chamado tanto a atenção de estudiosos, religiosos ou não, que Harold Bloom, consagrado professor de literatura na Universidade de Yale, Estados Unidos, afirmou

certa vez: “Jó é um dos grandes poemas da humanidade.”[5]

Sempre tive dificuldades para assimilar o que está acontecendo no livro de Jó. Ele inicia com um diálogo entre Deus e Satanás, que mais se parece com uma brincadeira de mau gosto. Ficamos com a impressão de que Jó talvez seja um pouquinho mais do que uma marionete ou um brinquedo na mão de dois rapazes que decidiram medir forças.

No entanto, a acusação de Satanás é muito forte para que Deus não a considerasse seriamente: “Teme Jó a Deus em vão? Acaso não o tens protegido de todos os lados a ele, a sua casa e a tudo o que tem? A obra das suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram sobre a terra?”[6] Em outras palavras, será que Jó não serve a Deus por interesses? Observando atentamente a narrativa, não é difícil perceber que o problema de Satanás não é com Jó, mas com Deus; aliás, embora o livro leve o título de Jó e faça uma bela descrição sobre ele; em última instância, o autor não está tão preocupado em mostrar quem é Jó, mas quem é o Deus de Jó. Assim, a pergunta que o livro tenta responder não é por que o Senhor permite o sofrimento, mas como Ele reage diante do sofrimento.

A propósito, Deus mesmo declara que não há uma razão para os fatos que ocorreram a Jó: “Ele ainda conserva sua integridade, embora Me incitasses contra ele, para o consumir *sem causa.*”[7] Estaria Jó sofrendo por causa de algum pecado? Não se trata disso. Teria ele perdido seus bens por que não os administrou adequadamente? Não é isso. Teria Jó perdido sua família por que não reservou tempo suficiente para ela? O texto sequer toca nessa questão. Então, por que tanto sofrimento? A única resposta que temos é *sem causa*. O sofrimento é ilógico.

Em 2007, assisti a uma série de palestras de Jiri Moskala, professor de Antigo Testamento na Universidade Andrews. Em uma de suas apresentações, ele falava a respeito da atitude de Jó diante de suas perdas. Lembro-me de uma pergunta que ele levantou e sobre a qual discorreu durante algum tempo: “O que restou para Jó?” As respostas vieram aos poucos: a vida, porém cheia de sofrimento; a esposa, porém lhe motivando a amaldiçoar a Deus; os amigos, porém em silêncio durante uma semana; a voz, ainda que para expressar sua raiva; o raciocínio, ainda que para amaldiçoar o seu nascimento; Deus, que

estava perto, embora parecesse distante. Parece que a única coisa que se mantém intacta é sua fé. Como afirma Abraham Heschel: “uma fé como a de Jó não pode ser sacudida, porquanto é o resultado de ter sido sacudida”.[8]

As perguntas de Jó surgem como uma avalanche em sua mente, mas elas não brotam de um coração que perdeu a fé, mas de um coração que, porque é humano, sente a necessidade de entender as tempestades da vida. Após o diálogo entre Deus e Satanás registrado nos capítulos 1 e 2, encontramos Jó falando pela primeira vez, no capítulo 3, e suas primeiras palavras demonstram o nível de angústia que ele estava enfrentando: “pereça o dia em que nasci, e a noite em que se disse: foi concebido um homem!”[9]

Por volta do ano 2000, lembro-me de ter visitado um senhor cujo câncer o deixou consciente de que estava vivendo seus últimos dias. Quando cheguei à sua casa, a fim de orar com ele, encontrei parentes e amigos do pobre moribundo, os quais não arredavam o pé porque percebiam a morte se avizinhando. Tratava-se de um homem simples, que viveu uma vida simples e cheia de cuidados, porém tudo que ele queria naquele momento era um pouco mais de vida, ainda que tivesse de vivê-la sobre uma cama. Cheguei à conclusão de que vida é vida, não importam suas condições, e que Jó, ao amaldiçoar a sua existência, estava experimentando o tipo de angústia que rouba o desejo de viver: “Quem dera que se cumprisse o meu pedido, e que Deus me desse o que anelo! Que fosse do agrado de Deus esmagar-me, que soltasse a Sua mão e acabasse comigo!” No entanto, todas as vezes em que algo indesejado me ocorre e procuro em Jó uma justificativa para a minha tentação de lamento, sou desafiado por suas tocantes palavras: “Ainda que Ele me mate, contudo nEle esperarei”.[10]

Retorno ao capítulo 3, e percebo a inquietude esmagadora por trás das perguntas. Demoraria um pouco para que Jó compreendesse que não há respostas para nem uma delas, pelo menos não nos moldes em que ele as deseja. Acredito que, em geral, as perguntas que fazemos no momento da dor sejam as mesmas, porém adaptadas às nossas circunstâncias. Eu dividiria essas perguntas em três grupos. O primeiro é o das perguntas do tipo “por quê”; o segundo é o das perguntas do tipo

“para quê” e o terceiro é o das perguntas do tipo “até quando”. Eu diria, ainda, que cada um desses grupos poderia se encaixar no que eu chamaria de níveis de pertinência. Assim, poderíamos distribuí-las, respectivamente, nos níveis básico, intermediário e avançado. O capítulo 3 deixou claro que as perguntas de Jó são do nível básico:

> *Por que* não morri ao nascer? *Por que* não expirei ao sair do ventre? *Por que* houve joelhos que me recebessem e peitos que me amamentassem? Ou *por que* não fui oculto no chão como o aborto, como a criança que nunca viu a luz? *Por que* se concede luz ao aflito, e vida aos amargurados de alma [...] que se enchem de alegria e se regozijam quando acham a sepultura? *Por que* se concede vida ao homem cujo caminho está oculto, a quem Deus cercou de todos os lados?[11]

Embora sejamos bombardeados com uma série de porquês, que nos chegam num tom de extrema urgência, como se por trás de cada pergunta houvesse um pedido de respostas imediatas, somos obrigados a nos deparar com uma realidade inquietante e perturbadora no livro de Jó: o silêncio profundo de Deus, que vai se tornando mais intenso à medida que a leitura avança. Precisamos aguardar 35 capítulos a fim de ouvirmos Deus falando novamente. Não posso deixar de pensar que se esse silêncio de Deus é sufocante para mim, quão esmagador ele deve ter se tornado para Jó! Como disse Roberto Badenas, “O silêncio de Deus é uma pedra de escândalo para a maioria. A uns serve de pretexto para se desinteressarem de toda busca espiritual. A outros permite aventurar a hipótese da não existência de um ser supremo. Para o que quer crer, o silêncio de Deus é a mais dura prova de sua fé”.[12]

Por outro lado, creio que há dois aspectos muito positivos no silêncio de Deus. O primeiro foi muito bem explorado pelo erudito judeu André Neher. Ele afirma que “o silêncio não é o fim da palavra: é o seu reverso, a sua alternativa, a sua outra face”. De fato, aquilo que não dizemos, naquilo que dizemos, também tem muito a dizer. A segunda, e não menos importante do que esta, é que quando uma pessoa permanece em silêncio por um longo tempo, suas palavras se tornam mais

significativas quando volta a falar.

É assim que vejo o capítulo 38 de Jó. Deus havia falado pela última vez no capítulo 2. Agora Ele fala durante quatro longos capítulos, e é a vez de todos ficarem em silêncio. A frase inicial é tão perturbadora, que, no lugar de Jó e de seus amigos, eu teria enfiado a cara debaixo do cobertor: “Quem é este que escurece o Meu conselho com *palavras sem conhecimento?*”[13] Em seguida, Deus ordena que Jó se prepare para uma enxurrada de perguntas: “Agora cinge os teus lombos, como homem; perguntar-te-ei, e tu Me responderás.”[14] Em outras palavras, “Bem, Jó, quer dizer que você gosta dessa brincadeira de perguntas e respostas. Prepare-se que agora é Minha vez!”

As perguntas de Deus

Conheço pessoas que respondem perguntas com novas perguntas. Tenho a impressão de que isso geralmente acontece ou porque elas precisam de tempo para elaborar uma resposta ou simplesmente porque não têm resposta para dar. Com Deus não é assim. Ele não precisa de tempo extra para preparar uma reposta. Ele sempre tem uma resposta pronta. Assim, precisamos saber a razão de tantas perguntas quando o que Jó realmente queria eram respostas.

Fico sinceramente chocado com a quantidade de perguntas que encontramos nos capítulos 38-41. Marquei de vermelho na minha Bíblia todos os pontos de interrogação. Acabei de recontá-los. Simplesmente, eles aparecem 70 vezes. Porém, isso não é tudo. Sem exceção, todos os pontos de interrogação são colocados ao final de perguntas absolutamente desconcertantes. Afinal, o que você responderia se Deus lhe perguntasse: “Onde estavas tu, quando Eu lançava os fundamentos da terra?” ou “Entraste nos mananciais do mar, ou passeaste nos recessos das profundezas?” ou, ainda, “Sabes as ordenanças dos céus? Podes estabelecer o domínio de Deus sobre a Terra?”

Não demorou muito para que Jó percebesse que os seus problemas eram bem menos complexos do que as complexidades do Universo. Honestamente, no lugar de Jó, eu não esboçaria qualquer resposta. Preferiria atentar para as palavras de Voltaire: “A necessidade obrigatória

de falar e *o embaraço de nada ter para falar são duas coisas capazes de tornar ridículo ainda mesmo o maior homem.*" Mesmo porque, as perguntas acima revelam algo que, numa leitura desatenta, pode se perder aos olhos. Estou me referindo às expressões tais como: "ordenanças dos *céus*", "fundamentos da *terra*", "mananciais do *mar*". Elas relembram a criação: "Porque em seis dias fez o Senhor o céu, a terra e o mar, e tudo que neles há".[15] Além disso, a própria menção de diversos animais e outros elementos da natureza fortalece a relação com o relato da criação. Deus quer colocar as coisas em seus devidos lugares, lembrando a Jó que Ele é o Criador e Mantenedor de todas as coisas. Como disse João Huss, grande herói da fé da Idade Média:

> Jesus Cristo sofreu por Seus bem-amados; deveríamos, pois, estranhar que Ele nos haja deixado Seu exemplo, para que nós mesmos possamos suportar com paciência todas as coisas para a nossa própria salvação? Ele é Deus, e nós Suas criaturas; Ele é o Senhor, e nós Seus servos; Ele é o Dominador do mundo e nós somos desprezíveis mortais: no entanto, Ele sofreu! Por que, pois, não deveríamos nós também sofrer, particularmente quando o sofrimento é para a nossa purificação?[16]

Tenho a impressão de que o discurso de Deus nos capítulos 38-41 tem o objetivo de conduzir Jó à mesma constatação de Huss: "Ele é Deus, e Jó apenas uma criatura". O fato é que, como muitos de nós, Jó precisava "deixar de ser Deus" e dar espaço para que Ele mesmo fosse.

No meio do discurso, o Senhor parece dar uma oportunidade a Jó para falar: "Quem assim argui a Deus, responda a estas questões".[17] É a primeira vez que ele fala depois de Deus iniciar seu longo discurso, e a resposta é reveladora: "Eu sou indigno; que Te responderia eu? Ponho a mão na minha boca. Uma vez falei, mas não replicarei; duas vezes, porém não prosseguirei."[18] Para usar outras palavras, é como se Jó estivesse dizendo: "Senhor, não tenho respostas para essas perguntas".

Embora Jó demonstre sensatez em sua resposta, isso não é tudo que Deus quer que ele aprenda. De fato, o que o Senhor deseja é que Jó compreenda que jamais esteve sozinho. Assim, Deus inicia a segunda

parte de seu discurso. Porém, dessa vez, falando do meio da tempestade.[19] Na primeira parte, Ele falou de um redemoinho.[20] O uso dos termos *tempestade* e *redemoinho* deixam claro que Deus estava falando numa voz audível.

A segunda parte é iniciada com as mesmas palavras usadas para iniciar a primeira: “Cinge agora os teus lombos como homem; Eu te perguntarei, e tu Me responderás”,[21] como se fosse uma espécie de refrão para o qual Jó deveria atentar durante a nova sessão de perguntas. Assim como foi na primeira parte, também acontece na segunda: durante a longa sessão de perguntas, Jó permanece em longo silêncio. Quando a alma se cala, então é a vez de Deus falar. Isso nos dá uma pista de como o Senhor reage ao sofrimento. Quando experimentamos a dor, o nosso coração não para de fazer perguntas. Queremos respostas, e como elas não chegam, pelo menos não da maneira como gostaríamos que chegassem, finalmente questionamos: “Por que Deus permanece em silêncio?” Creio que esta é melhor resposta: Ele está em silêncio para ouvir! Afinal, quando um fala, o outro apenas ouve. Quando Jó se calou, Deus voltou a falar.

Já ouvi muitas pessoas falarem sobre o silêncio de Deus em Jó, bem como já li muitos livros que tocam nesse assunto. Porém, talvez uma experiência tão enriquecedora quanto se concentrar no silêncio de Deus, é obter lições do silêncio de Jó. Durante os capítulos em que o Senhor fala, mesmo tendo uma oportunidade para replicar, Jó apenas comenta que não tem nada a dizer. Em seu livro *Celebração da Disciplina*, Richard Foster faz um comentário importante: “Somente quando tivermos aprendido a estar verdadeiramente calados é que estaremos capacitados para proferir a palavra necessária no momento oportuno. [...] É na solitude que chegamos a experimentar o ‘silêncio de Deus’”.[22] Depois de ouvir em silêncio, Jó estava preparado para dizer a palavra necessária no momento oportuno. Isso ocorre no capítulo 42.

A essa altura, há algo que você já deve ter percebido. Deus não responde às perguntas de Jó; ao contrário, prefere fazer novas perguntas. Acredito que isso ocorre por uma razão lógica: Deus queria mostrar para Jó que Ele é a Resposta. O fato de Deus ter ouvido as indagações de Jó atestam algo que, por ser tão óbvio, nos passa

despercebido: Deus estava perto! No início do livro, encontramos a informação de que os amigos de Jó “se assentaram com ele na terra, sete dias e sete noites. Nenhum lhe disse palavra alguma, pois viram que a dor era muito grande”[23]. Podemos afirmar que o silêncio de Deus também aconteceu em virtude do respeito à dor de Seu servo. Mas à semelhança dos três amigos, Ele também estava lá. Lembro-me de que, quando o meu pai se foi, as pessoas que mais me trouxeram conforto não foram aquelas que se aproximaram para dizer aquelas palavras do tipo: “meus pêsames”, “eu sinto muito” ou “meus sentimentos”, mas aquelas que se aproximaram, abraçaram-me e ficaram por perto sem dizer palavra alguma. Em alguns casos, cheguei a me sentir levemente ofendido ao ouvir essas expressões de pessoas que mal conheciam a família. Subitamente, chegava-me a impressão de que elas diziam essas frases pela mesma razão que um carro se move na estrada: mecanicamente!

Ao tocar nessas questões, acabo me lembrando das palavras de C. S. Lewis: “quando é preciso suportar a dor, um pouco de coragem ajuda mais do que muito conhecimento, um pouco de simpatia humana tem mais valor do que muita coragem, e a menor expressão do amor de Deus supera tudo”.[24] Ao pensar que Deus estava perto durante o sofrimento de Jó, chego à conclusão de que a dor funciona como a força de um ímã: ela nos atrai para mais perto dEle. A história de Jacó, por exemplo, demonstra que o momento em que chegamos mais perto de Deus é quando estamos lutando com Ele. A propósito, Jó não foi o único a enfrentar o silêncio de Deus: vários outros *Jós* desfilam pela Bíblia, com perguntas tão comoventes quanto as de Jó, e com experiências tão profundas com Deus quanto as dele.

Outros *Jós*: as mesmas perguntas

Creio que uma das razões por que a Bíblia relata o sofrimento de outras pessoas além de Jó, é para deixar claro que o sofrimento pode atingir qualquer um. Já ouvi gente dizer algo do tipo: estas coisas só acontecem comigo! Basta dar uma olhada em algumas histórias do Antigo Testamento para vermos que Jó não foi o único a sofrer pela

atuação do inimigo nem a fazer perguntas com tanto senso de urgência.

O salmista, por exemplo, não esconde sua inquietação: “por que Te conservas longe, ó Senhor? Por que Te escondes nos tempos de angústia?”[25]. Para ser honesto, gosto de ver este tipo de afirmação na Bíblia. Isso me mostra que seus personagens são tão humanos quanto eu; e, por isso mesmo, também eram vulneráveis à dúvida. Preciso frisar, neste momento, as palavras de Frederick Buechner: “se não houvesse lugar para a dúvida, não haveria lugar para mim”.[26] O problema é que a dor em alguns momentos é tão avassaladora que nos impede de ver a atuação de Deus em nosso favor. Quando Hagar partiu pelo deserto com seu filho Ismael, ao lhes faltar água, ela imaginou que morreria com ele e pôs-se a chorar. A Bíblia diz que “Deus abriu-lhe os olhos, e ela viu um poço”.[27] A construção da narrativa e a informação de que Deus lhe abriu os olhos demonstram que o poço já estava lá, mas ela não o viu em face de sua dor.

Outro exemplo a ser mencionado é a oração de Moisés, registrada em Números 11, que é sem precedentes na Bíblia. Não creio que outra pessoa tenha orado com tanta ousadia. Não suportando mais a murmuração do povo, Moisés vai a Deus e diz:

> Por que fizeste mal a Teu servo, e por que não achei graça aos Teus olhos, visto que puseste sobre mim o encargo de todo este povo? Concebi eu porventura todo este povo? Gerei-o eu para que me dissesses: Leva-o em teus braços, como a ama leva a criança no colo, à terra que juraste a seus pais? Donde teria eu carne para dar a todo este povo?[28]

Fico chocado com essa oração. Tenho a impressão de que se eu fosse Deus, teria destruído Moisés instantaneamente. Quanta petulância! Moisés se dirige a Deus num tom no qual poucas pessoas teriam coragem de falar. No entanto, se por um lado a oração é chocante, a resposta de Deus é surpreendente! Simplesmente Deus não destrói Moisés, não Se irrita, não Se ofende. Ele apenas responde a oração! Posso imaginar quão confortantes foram as palavras que suavemente chegaram aos ouvidos de Moisés: “Eu descerei e ali falarei

contigo, e tirarei do Espírito que está sobre ti, e o porei sobre eles. Eles te ajudarão a levar o fardo do povo, para que tu não o leves sozinho”.[29]

Ao longo de 20 anos, com algumas exceções, tenho estudado a Bíblia todos os dias, e, em meus estudos, tenho percebido que Deus aprecia orações desse tipo. Orações que levem ao Senhor o peso esmagador de nossas inquietudes, e que façam isso com uma sinceridade que seja capaz de rasgar não apenas o peito, mas a alma, dando completa vazão aos sentimentos, pensamentos, anseios e desejos mais secretos, de modo a exaurir até a última gota aquilo que está escondido nos lugares mais íntimos do coração.

A oração de Moisés me faz lembrar outra prece registrada na Bíblia. Trata-se da oração de Gideão, durante um período em que o povo de Israel estava sendo perseguido pelos midianitas. As circunstâncias são as mais desafiadoras possíveis, de modo que, ao receber a visita de um anjo, Gideão aproveita a oportunidade para fazer algumas perguntas: “Quando o anjo do Senhor apareceu a Gideão, lhe disse: O Senhor é contigo, homem valente. Gideão lhe respondeu: Ai, Senhor meu, se o Senhor é conosco por que tudo isto nos sobreveio? E que é feito de todas as Suas maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: Não nos fez o Senhor subir do Egito? Porém agora o Senhor nos desamparou e nos entregou nas mãos dos midianitas.”[30] Gosto muito de uma afirmação que li algum tempo atrás, e que lança luz sobre a experiência vivenciada por Gideão:

> As mesmas provações que da maneira mais severa provam a nossa fé, e fazem parecer que Deus nos abandonou, devem levar-nos para mais perto de Cristo, para que possamos depor todos os nossos fardos a Seus pés, e experimentar a paz que Ele, em troca, nos dará.[31]

A impressão que temos quando estamos enfrentando uma dura prova é de que, realmente, Deus nos abandonou. Mas a história de Gideão nos mostra que o Senhor não nos abandona nesses momentos. Aliás, fico admirado com o fato de que Ele não tenha chamado a atenção de Gideão. A propósito, se eu fosse Deus, talvez tivesse dito a Gideão algo do tipo: “Ei, Gideão, tenha cuidado! Veja lá como fala comigo! Não se

esqueça de que Eu sou Deus". Em vez disso, o que vemos é que simplesmente Deus abençoa Gideão e o encoraja a seguir adiante. Se Ele não tivesse apreciado a sinceridade de Gideão, não o teria revestido de Seu Espírito.[32]

Quando volto à oração de Moisés, começo a vê-la de outra forma, por outro prisma. Coloco as lentes de Hebreus 4:16: "cheguemo-nos, pois, com confiança ao trono da graça, para que recebamos misericórdia e achemos graça, a fim de sermos socorridos no momento oportuno", e sinto vontade de ter a mesma petulância de Moisés e a mesma ousadia de Gideão. Aliás, eu nem chamaria mais isso de petulância, mas de confiança, aquele tipo de confiança que nasce como fruto da certeza de que somos recebidos em amor.

No entanto, não posso deixar de perceber que Deus não gastou tempo para responder às perguntas de Moisés. Ele não entrou num jogo retórico de réplicas e tréplicas. Aliás, não creio que Moisés foi feliz ao formular suas perguntas. Não creio que os porquês introduzam boas perguntas, mas creio que Deus Se lembra constantemente de que "somos pó" e entende a dor por trás de cada porquê. Contudo, Seu desejo é levar-nos para além dos efeitos dilacerantes dessas questões.

Ao ler a história de pessoas como Jó, Moisés e Gideão, chego à conclusão de que o homem só muda de endereço, época, nacionalidade, idade, preferências, mas em sua essência ele é sempre o mesmo. Nós continuamos fazendo as mesmas perguntas: "Por quê?"; "Como?"; "Para quê?" No caso de Moisés, Deus já havia dito que resolveria o problema, mas o dilema agora é outro: Moisés queria entender como. O povo queria comer carne, e Deus disse que daria carne ao povo.

O raciocínio de Moisés é lógico e matemático: "Seiscentos mil homens de pé é este povo no meio do qual estou, e Tu dizes: Dar-lhes-ei carne, e comerão um mês inteiro!" Moisés continua: "Matar-se-ão para eles rebanhos de ovelhas e vacas, que lhes bastem? Ajuntar-se-ão para eles todos os peixes do mar, que lhe bastem?"[33].

Moisés teve contato com a lógica, com a matemática e com diversas outras ciências no Egito. Parece que ele queria que o Senhor explicasse cientificamente como resolveria a questão. Mais ainda, a impressão que tenho é de que Moisés queria sugerir a maneira como Deus deveria agir.

Ele procedeu como muitas pessoas agem atualmente: querem uma explicação científica para tudo. Se determinado milagre não pode ser explicado pela ciência, então não creem nele. Mas se os milagres pudessem ser explicados, eles deixariam de ser milagres. Aprecio aquela expressão corriqueira que diz: “Milagres não se explicam, se aceitam!” E ponto.

Gosto também da técnica que Deus utiliza para colocar as coisas em seus devidos lugares. Ele responde às perguntas de Moisés com uma nova pergunta. Aliás, extremamente inquietante. No lugar de Moisés, eu teria me abaixado na cadeira e engolido seco. A pergunta é, de fato, arrebatadora: “Ter-se-ia encurtado o braço do Senhor?” Se eu estivesse por perto para ouvir esse diálogo, certamente teria soltado o grito: “Uau! Que pergunta!” E teria automaticamente direcionado o olhar para Moisés como se quisesse dizer: “E agora, Moisés?” Felizmente, eu o veria sair e dizer ao povo as palavras do Senhor.[34] Então, suspiraria aliviado por perceber que ele entendeu o recado. Essa técnica de responder perguntas com novas perguntas é a mesma que o Senhor utiliza com Jó. Ao meditar sobre as razões de tal atitude de Deus, fico com a impressão de que talvez Ele quisesse mostrar que há questões melhores para se fazer. De fato, não encontramos respostas definitivas para as perguntas do tipo “por quê”. As histórias da Bíblia demonstram que as perguntas do tipo “para quê?” são melhores; porém, as do tipo “até quando?” são as ideais. E há uma razão para isso. O livro de Jó mostrou que não há respostas para as perguntas do tipo “por quê”, justamente porque o sofrimento é *sem causa*. As respostas do tipo “para quê” são melhores porque elas não estão preocupadas com a causa, mas com a finalidade do sofrimento; porém, as perguntas do tipo “até quando” são as ideais, porque elas estão preocupadas com o momento em que o sofrimento acabará de uma vez por todas, e para isso há uma resposta definitiva.

As perguntas do tipo “para quê”

Meça sua vida pelas perdas e não pelos ganhos; não pelo vinho consumido, mas pelo vinho oferecido, pois a força do amor se põe em sacrifício do amor, e o que mais sofre mais tem para dar.

Há algo que precisamos entender sobre a experiência de Jó. Se bem que a construção da narrativa deixe transparecer um homem isento de culpa diante de Deus, não creio que a vida espiritual de uma pessoa esteja tão boa que não possa ser melhorada. Não acho que alguém esteja tão perto do Senhor que não lhe seja possível uma aproximação mais íntima. Não há um limite. Mesmo na eternidade, desfrutaremos de uma intimidade com Deus que continuará aumentando à medida que O conhecermos melhor. As palavras de Ellen White resumem bem esse ponto:

> E ao transcorrerem os anos da eternidade, trarão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão. Quanto mais aprendem os homens acerca de Deus, mais Lhe admiram o caráter. Ao revelar-lhes Jesus as riquezas da redenção e os estupendos feitos do grande conflito com Satanás, a alma dos resgatados fremirá com mais fervorosa devoção, e com mais arrebatadora alegria dedilharão as harpas de ouro; e milhares de milhares, e milhões de milhões de vozes se unem para avolumar o potente coro de louvor.[35]

O capítulo 42 é uma pista de que Jó deu início a uma comunhão mais profunda com Deus após sua prova. Em Jó 42:3, ele diz: “Certamente falei do que não entendia, coisas maravilhosas demais para mim, e que eu não compreendia”. No verso 5, ele arremata: “Com os ouvidos eu ouvira falar de Ti, mas agora Te veem os meus olhos.” Não se pode negar que, após os percalços, Jó inicia um relacionamento de mais intimidade com Deus. O seu coração estava em paz. Como Ezequias, ele podia afirmar: “foi para minha paz que tive eu grande amargura”.[36] Essa afirmação de Ezequias pode nos levar à conclusão de que a Bíblia parece insistir na ideia segundo a qual existe um propósito no sofrimento. Darei dois exemplos: o primeiro tem a ver com a experiência de Israel no deserto; o segundo, com o próprio Ezequias e sua enfermidade mortal.

Em Deuteronômio 8:2 e 3, Deus apresenta alguns objetivos relacionados à Sua decisão de permitir que o povo de Israel vagueasse 40 anos no deserto:

> Lembrar-te-ás de todo o caminho pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, *para te humilhar e te provar*, *para saber o que estava no teu coração*, se guardarias ou não os Seus mandamentos. Ele te afligiu, e te deixou ter fome; depois te sustentou com o maná que não conhecias, e que os teus pais também não conheceram, *para te dar a entender* que não só de pão vive o homem, mas de tudo que sai da boca do Senhor.

Há pelo menos três propósitos claramente expressos nessa passagem: 1) para te humilhar e te provar; 2) para saber o que estava no teu coração e 3) para te dar a entender. Não tenho problemas com o primeiro e o terceiro, mas sempre me intrigou o segundo. Afinal, Deus precisa colocar alguém no deserto a fim de saber o que está no seu coração? Se na infância não tivessem me ensinado que Deus é onisciente, eu passaria por esse texto sem lhe dar tanta importância, mas me ensinaram, de modo que essa afirmação sempre me pareceu intrigante.

Volto-me, então, para a história do rei Ezequias,[37] e, inicialmente, ela acaba dando um nó na minha cabeça. Senaqueribe era o rei da Assíria, uma poderosa nação que deixava destruição por onde quer que passasse. Senaqueribe tentou desanimar o povo de Israel mencionando que outras nações não puderam resistir ao seu ataque nem os seus deuses puderam livrá-las de suas mãos. O rei Ezequias e o profeta Isaías oram por livramento, e Deus envia um anjo para destruir os assírios de modo que Senaqueribe volta para sua terra muito envergonhado, sendo morto no templo de seu deus e pelos próprios filhos.

Na sequência do texto, Ezequias adoece gravemente, ora pedindo cura e sua oração é atendida, porém ele “não correspondeu ao benefício que lhe foi feito, pois o seu coração se exaltou; pelo que veio grande ira sobre ele, e sobre Judá e Jerusalém. Então Ezequias se humilhou pela

soberba do seu coração, ele e os habitantes de Jerusalém; por isso a grande ira do Senhor não veio sobre eles, nos dias de Ezequias".[38]

Entretanto, a Bíblia comenta que a prosperidade de Ezequias foi tão notória que embaixadores dos príncipes da Babilônia vieram para saber o segredo de seu sucesso. Nesse ponto, tenho a impressão de que o texto quer estabelecer um importante contraste: Ezequias resistiu valentemente aos ataques da então mais poderosa nação do mundo, mas seu coração não resistiu ao sucesso e à fama; suportou heroicamente a pressão externa, mas sucumbiu aos desejos internos. É nesse momento que encontramos a contundente informação de que "Deus o desamparou para testá-lo, *a fim de saber* o que havia no seu coração".[39]

Há uma ambiguidade nessa expressão de propósito. Afinal, quem deveria saber o que estava no coração de Ezequias, Deus ou o próprio rei? Observando algumas versões da Bíblia, percebi que a dúvida não era apenas minha. A Almeida Revista e Atualizada, por exemplo, preferiu traduzir o texto assim: "Deus o desamparou, para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração". De fato, as duas traduções são possíveis, porém creio ser mais razoável o pensamento expresso pela segunda opção. Não é Deus quem precisa saber o que está no coração do homem, é o homem que precisa conhecer a maldade do seu coração. Afinal, Deus diz que "enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e incorrigível. Quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, e provo a mente".[40] Finalmente, esse texto leva embora a minha dúvida. A afirmação não poderia ser mais clara. O coração é enganoso. Às vezes, não temos uma noção exata da natureza das nossas emoções, mas nada é encoberto para Deus. Diante da pergunta "quem conhecerá o coração?", a resposta é curta e objetiva: "Eu, o Senhor". Mas Ele não apenas conhece, Ele esquadrinha. Esquadrinhar, nesse contexto, tem o sentido de conhecer profundamente. Assim, Deus conhece profundamente nossos pensamentos, nossos sentimentos, as intenções do coração, cada desejo, enfim, ele sabe tudo a nosso respeito.

Muito embora as histórias acima sejam exemplos dos propósitos de Deus para os acontecimentos humanos, a meu ver as perguntas do tipo

“para quê” ainda não são as perguntas ideais, tendo em vista que elas apresentam respostas a partir de uma perspectiva divina, e não humana. Quero dizer que Deus sabe o propósito para cada situação, mas nem sempre esse propósito nos chega ao conhecimento. Além disso, por mais que enxerguemos um propósito no sofrimento, a nossa visão é restringida pela própria limitação humana. Nós nunca veremos como Deus vê. Nesse sentido, as perguntas do tipo “para quê” retornam sem respostas definitivas. Por exemplo, qual a finalidade do sofrimento de crianças que mal acabaram de nascer e estão morrendo de fome? E qual a finalidade do sofrimento de milhares de judeus que morreram nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial? Por favor, expliquem-me qual a finalidade do Holocausto! O meu coração parece querer explodir com a força de uma bomba atômica todas as vezes que penso nas histórias de Auschwitz e as câmaras de gás. Para que tanto sofrimento? A situação chegou a um estado tão deplorável, que certo rabino que sobreviveu ao campo de concentração chegou a declarar que “era como se existisse um mundo em que os dez mandamentos haviam sido invertidos: ‘Matarás, mentirás, roubarás...’”.[41]

O fato é que para tentar explicar o problema do sofrimento, alguns intelectuais, a exemplo do rabino Harold Kushner, acabaram negando a onipotência de Deus. Esse não é o caso de William Craig. Em seu livro *Apologética Para Questões Difíceis da Vida*, ele tenta apresentar uma razão para o Holocausto, sem negar o fato de que Deus tinha poder para evitá-lo:

> Poucos eventos tão terríveis na história podem ser imaginados. Provavelmente milhões de pessoas perderam sua fé em Deus em vista dessa tragédia. [...] Esse evento tão medonho, tão ímpar na história, dirigido a um povo perseguido, fez com que o mundo, com vergonha e simpatia, tomasse o passo notável de restaurar os judeus à sua antiga terra. Quero dizer, enfaticamente, que isso não significa que o Holocausto foi, afinal de contas, bom. Isso seria absurdo! Tal acontecimento foi uma ilustração odiosa da depravação humana, de pecados sucessivos, contrários à perfeita vontade de Deus. No entanto, talvez Deus tivesse uma razão moralmente suficiente para

permiti-lo, a saber, o estabelecimento da nação de Israel.[42]

Para ser honesto, por mais que eu aprecie essas considerações de William Craig, elas não passam de especulações: a resposta não é definitiva. Como bem frisou Ariel Finguerman, em seu livro *A Teologia do Holocausto*, a formação do estado de Israel no imediato pós-Segunda Guerra Mundial é algo que suscita a inquietação de pensadores judeus e cristãos.[43] Porém, em última instância, não podemos estar seguros de que essa foi a intenção de Deus, quando permitiu o Holocausto. Continuamos sem respostas.

Para Eliezer Berkovits, considerado um dos principais pensadores judeus sobre o Holocausto, esse evento deve ser interpretado como um fenômeno sem razão aparente.[44] O raciocínio desse autor nos leva inevitavelmente de volta a uma questão primordial: o conflito cósmico entre o bem e o mal e o livre arbítrio humano para escolher entre uma dessas duas opções. Ariel Finguerman conclui que “o homem, com frequência, usa a liberdade de escolha de maneira equivocada, decidindo pela alternativa errada. E isso resulta que homens perversos fazem o inocente sofrer, como aconteceu no Holocausto”.[45] Assim, se queremos uma resposta definitiva para o problema do sofrimento, devemos pensar numa pergunta que nos leve para além de todas essas questões. Uma pergunta que leve o nosso pensamento para o fim do grande conflito cósmico entre o bem e o mal. A pergunta é: “Até quando?”

As perguntas do tipo “até quando”

Lembro-me de um episódio que envolveu minha família, quando minha filha tinha uns cinco anos de idade. Nós estávamos a poucos dias de um passeio que tínhamos combinado de fazer. Em uma situação anterior, em que também havíamos marcado um entretenimento familiar, minha filha, a Karol, me perguntava praticamente todos os dias quando isso aconteceria. A resposta que lhe dei um dia antes do passeio acabou ficando gravada na sua memória. Quando ela me perguntou quando, eu lhe respondi: “Amanhã!” Retornando ao episódio ao qual me referi no

início do parágrafo, ela se aproximou de mim e iniciou um diálogo com uma pergunta absolutamente trivial:

– Que dia é hoje?

– Quinta-feira – respondi, calmamente.

– E depois de quinta, é quando? – ela insistiu.

– É sexta – retruquei. A sequência do diálogo mais parecia um jogo de perguntas e respostas.

– E depois de sexta?

– É sábado.

– E depois de sábado?

– Domingo.

– E depois de domingo?

– Segunda – já ficando curioso para saber aonde a conversa chegaria.

– E depois de segunda?

– É terça.

– E depois de terça?

– É quarta.

– E depois de quarta? – demonstrando muita ansiedade.

– É quinta – respondi, já perdendo um pouco a calma. Como passamos a semana inteira e a resposta esperada não veio, ela me saiu com a intrigante pergunta:

– E quando vai ser “amanhã”?

Volto-me hoje para essa pergunta e chego à conclusão de que ela está cheia de expectativa e doce esperança. Perguntamos pelo amanhã porque acreditamos que a luz de um novo dia poderá trazer não apenas respostas para nossas inquietudes, mas o próprio evento que, finalmente, explicará todas as coisas.

Em sua obra *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*[46], Marshall Berman fala de uma nova espécie do homem: “o homem do *amanhã* e do dia *depois de amanhã*[47] – que, colocando-se em oposição ao seu hoje, terá coragem e imaginação para criar novos valores, de que o homem e a mulher modernos necessitam para abrir seu caminho através dos perigosos infinitos em que vivem”. A Bíblia também fala de uma nova espécie de homem: o homem do amanhã e do dia depois do amanhã, e

do dia depois de depois do amanhã... Porém, não homens e mulheres que necessitam de coragem “para abrir seu caminho através dos perigosos infinitos em que vivem”, mas um novo tipo de homem que será levado para além de toda inquietude e sofrimento humanos, num tempo e espaço inimagináveis para mentes mortais: um reino de glória transcendental e felicidade completa. Enquanto esse amanhã não chega, o sofrimento em algum momento poderá causar um espaço vazio em nosso coração; porém, esse espaço vazio é o lugar onde Cristo poderá despejar Sua graça.

A Bíblia fala sobre a volta de Jesus com uma frequência que nos leva a pensar que esse é um tema de grande importância. Melhor, esse é o tema mais importante. A vinda de Cristo é mencionada mais de 300 vezes apenas no Novo Testamento. No entanto, encontramos alusões claras a esse evento diversas vezes no Antigo Testamento. Fico pensando por que a Bíblia insiste tanto nesse assunto. Acredito que uma resposta simples para essa indagação tem que ver com o fato de que, quando esse dia chegar, todas as nossas perguntas encontrarão respostas. Inclusive as perguntas do tipo “por que”, bem como as do tipo “para que”. Enquanto isso, continuo acreditando que a melhor pergunta a ser feita é “até quando”. Perguntas desse tipo podem ser encontradas em toda a Escritura Sagrada.

Ao ler minha Bíblia, tenho observado que Deus gosta das perguntas do tipo “até quando”. Aliás, das 11 vezes em que essas perguntas aparecem nas seções bíblicas que chamamos, respectivamente, de Pentateuco[48] e livros históricos,[49] cinco vezes Deus é o autor. Em Êxodo 10:3, Deus diz a Faraó: “*Até quando* recusarás humilhar-te diante de Mim?” Em Êxodo 16:28, Deus pergunta ao povo de Israel:[50] “*Até quando* recusareis guardar os Meus mandamentos e as Minhas leis?” Em Números 14:11, Deus pergunta a Moisés: “*Até quando* Me provocará este povo, e *até quando* não crerá em Mim, apesar de todos os sinais que fiz no meio deles?” No mesmo capítulo, no verso 27, encontramos mais outra pergunta: “*Até quando* sofrerei está má congregação, que murmura contra Mim?” E finalmente, em 1 Samuel 16:1, Deus pergunta a Samuel: “*Até quando* terás pena de Saul, havendo-o Eu rejeitado, para que não reine sobre Israel?”

No entanto, vários personagens bíblicos também formularam perguntas desse tipo. No próprio livro de Jó, podemos encontrá-las três vezes: “*Até quando* não apartarás de mim a Tua vista? *Até quando* não me darás tempo de engolir a minha saliva?[51] *Até quando* afligireis a minha alma e me quebrantareis com palavras?”[52] Em outro livro poético, o livro de Salmos, elas aparecem constantemente e sempre denotando um estado de angústia o qual todos nós, de alguma forma, vivenciamos em algum momento da vida. Essas são as perguntas que todos nós queremos fazer, embora apenas alguns tenham a coragem de pronunciá-las:

Também a minha alma está profundamente perturbada; mas Tu, Senhor, **até quando**?
(Salmo 6:3)

Até quando, Senhor? Esquecer-Te-ás de mim para sempre? **Até quando** ocultarás de mim o rosto?
(Salmo 13:1)

Até quando estarei eu relutando dentro de minha alma, com tristeza no coração cada dia? **Até quando** se erguerá contra mim o meu inimigo?
(Salmo 13:2)

Até quando, Senhor, ficarás olhando? Livra-me a alma das violências deles; dos leões, a minha predileta.
(Salmo 35:17)

Até quando, ó Deus, o adversário nos afrontará? Acaso, blasfemará o inimigo incessantemente o Teu nome?
(Salmo 74:10)

Até quando, Senhor? Será para sempre a Tua ira? Arderá como fogo o Teu zelo?
(Salmo 79:5)

Ó Senhor, Deus dos Exércitos, **até quando** estarás indignado contra a oração do Teu povo?
(Salmo 80:4)

Até quando julgareis injustamente e tomareis partido pela causa dos ímpios?
(Salmo 82:2)

Até quando, Senhor? Esconder-Te-ás para sempre? Arderá a Tua ira como fogo?
(Salmo 89:46)

Volta-Te, Senhor! **Até quando**? Tem compaixão dos Teus servos.
(Salmo 90:13)

Até quando, Senhor, os perversos, **até quando** exultarão os perversos?
(Salmo 94:3)

Continuando a estudar as perguntas do tipo “até quando” em minha Bíblia, descobri um dado curioso. Nos livros poéticos, as perguntas são formuladas sem que encontremos uma resposta divina: simplesmente Deus fica em silêncio. Porém, quando chegamos aos livros proféticos, não apenas Deus volta a fazer perguntas (Jr 4:14, 21; 12:4; 13:27; 23:26; 27:7; 31:22; 47:5,6; Os 8:5), assim como ocorreu no Pentateuco e nos livros históricos, mas também apresenta respostas.

A primeira vez em que uma pergunta do tipo “até quando” aparece nos livros proféticos é em Isaías 6:11: “Então, disse eu, *até quando*, Senhor? *Ele respondeu*: Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, as casas fiquem sem moradores, e a terra seja de todo assolada”. No entanto, à medida que avançamos, as respostas vão se tornando mais específicas. Em Daniel 8:13, o profeta observa: “Depois, ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: *Até quando* durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados?” A resposta vem logo no verso seguinte: “Ele me disse: Até

duas mil e trezentas tardes e manhãs, e o santuário será purificado". Essa resposta certamente encheu o coração do profeta de esperança. Finalmente, Deus julgaria o poder opressivo apresentado nos capítulos 7 e 8 de Daniel, o qual perseguiria os santos do Altíssimo e os faria sofrer.

Em Habacuque 1:2, o profeta inicia uma série de perguntas que prosseguirá durante todo o capítulo: "*Até quando*, Senhor, clamarei eu, e Tu não me escutarás? Gritar-Te-ei: Violência! E não salvarás?" A resposta chega no capítulo 2, versos 2 e 3: "*O Senhor me respondeu* e disse: Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo. Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; *se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará*." Enfim, não precisamos fazer especulação para obtermos respostas para as perguntas do tipo "até quando". Aliás, nem deveríamos falar em respostas no plural, mas uma resposta, singular: Jesus é a resposta, e o Seu breve retorno a este minúsculo planeta será a concretização de todas as nossas esperanças! Porque, certamente Ele virá, e não tardará! Antes de avançar para alguns comentários em relação ao Novo Testamento, não posso deixar de mencionar a última vez em que uma pergunta do tipo "até quando" aparece no Antigo Testamento. Ela está em Zacarias 1:12: "Então, o anjo do Senhor respondeu: Ó Senhor dos Exércitos, *até quando* não terás compaixão de Jerusalém e das cidades de Judá, contra as quais estás indignado faz já setenta anos?" A resposta nos chega tão cheia de encanto, que não nos cansaríamos em ouvi-la repetidamente: "*Respondeu o Senhor* com *palavras boas*, *palavras consoladoras*, ao anjo que falava comigo".[53]

No Novo Testamento, Jesus continua elaborando perguntas do tipo "até quando", e a maneira como Ele as formula nos faz lembrar aquelas perguntas que encontramos no Pentateuco e nos livros históricos. Em algumas partes dos evangelhos, Jesus elabora perguntas do tipo "até quando" como uma espécie de apelo que solicita ao homem uma resposta ao Seu amor. Podemos ouvi-Lo dizer: "Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei?"[54] A questão aqui não é onde está Deus quando Se depara com o sofrimento humano, mas onde está o homem quando se depara com a graça divina.

Finalmente, alcançamos a última vez em que uma pergunta do tipo "até quando" é formulada na Bíblia. Particularmente, tenho um apreço muito especial por essa pergunta, não apenas pelo fato de ser a última desse tipo a aparecer nas Escrituras, mas porque ela me lembra de que, se, por um lado, o sofrimento faz parte da experiência humana, em face do pecado; por outro, a esperança do livramento é algo a ser mantido, por causa do sacrifício de Cristo. A pergunta nos chega num tom de extrema urgência: "Clamaram em grande voz, dizendo: *Até quando*, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?"[55] Ranko Stefanovic comenta que "esse apelo nos faz lembrar o sangue de Abel, o qual é descrito como clamando a Deus desde a terra (Gn 4:10). Assim como o sangue de Abel clama a Deus por causa de sua morte, assim também os mártires clamam a Deus porque foram injustamente perseguidos e morreram em face de sua fidelidade a Ele".[56] Não posso avançar sem primeiro dizer que tanto o sangue de Abel quanto o sangue dos mártires clamam de maneira simbólica. O que o texto quer deixar claro é que, no fim de todas as coisas, Deus resolverá o problema do sofrimento humano. O verso 11 nos informa que o sofrimento durará "ainda por pouco tempo". No capítulo 7, ainda em resposta à pergunta dos santos mártires, a Bíblia nos informa que os redimidos no Céu "jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o Sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima".[57] Essa última promessa é repetida em Apocalipse 21:4: "E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram".

Retornando à experiência de Jó, observamos que a sensação que ele tem da distância e silêncio de Deus não é um fato isolado na Bíblia. Os seus questionamentos representam os questionamentos de diversos outros personagens, e os nossos também. Não creio que se aplique a Jó a advertência encontrada em Isaías 49:5: "Ai daquele que contende com o seu Criador, e não passa de um caco de barro entre outros cacos". Ao contrário, a Bíblia diz que "o Senhor aceitou a oração de Jó".[58] Além

disso, o final do livro apresenta um homem diferente daquele que vimos no início. O Jó do capítulo 42 é um crente maduro e com uma experiência espiritual profunda. Escute sua última oração:

> Bem sei que tudo podes, e nenhum dos Teus planos pode ser frustrado. Quem é aquele, como disseste, que sem conhecimento encobre o conselho? Na verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia. Escuta-me, pois, havias dito, e eu falarei; eu Te perguntarei, e Tu me ensinarás. *Eu Te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos Te veem*. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza.[59]

Não creio que Jó tenha encontrado a resposta para todas as suas perguntas. Afinal, Deus não gastou tempo para respondê-las. No entanto, parece que Jó alcançou um ponto em sua jornada espiritual em que ele deixou de se concentrar nas perguntas para se dedicar ao seu relacionamento com o Senhor. As palavras de Helmut Thielicke ajudam a explicar a experiência de Jó:

> As mais difíceis indagações da vida nunca são “removidas” (nunca ficamos sabendo por que Deus faz isto ou aquilo, por que um avião cai ou acontece um desastre numa mina). Mas somos “redimidos” do poder destrutivo dessas perguntas. O pânico não mais pode nos surpreender quando não entendemos o sentido daquilo que Deus permite que nos aconteça. O seu amor não mais nos confundirá; aprenderemos a crer naquele amor mesmo quando não compreendemos os meios que aquele amor escolhe para se expressar.[60]

A religião de Jó era baseada apenas no *ouvir*, mas agora ele experimenta uma religião pessoal, baseada no *ver*. Como resposta à oração de Jó, Deus transformou seu choro em alegria. Como Davi, ele podia dizer: “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.”[61]

Enquanto esse dia não chega, fico pensando em que tipo de

sentimento deveríamos manter no coração. Fé? Esperança? Expectativa? Claro que sim. Mas também gratidão. Ao pensar em gratidão, lembro-me rapidamente de três episódios. O primeiro tem a ver com uma carta enviada por Jesse Brand, missionário na Índia, endereçada a seu filho, Paul Brand, que atuou como médico missionário no mesmo país. Jesse Brand estava morrendo de malária, mas suas últimas palavras não foram de lamento, mas como que um brado de vitória, cheias de uma profunda gratidão, que se transforma numa espécie de apelo: “Deus deseja que nos deliciemos com este mundo. Isto não quer necessariamente dizer que precisamos conhecer biologia, botânica ou zoologia para apreciarmos a diversidade de vida da natureza. Apenas observe. Lembre-se. Compare. E sempre olhe para Deus com gratidão e adoração por ter colocado você em um lugar tão agradável do Universo quanto o planeta Terra.”[62]

O segundo diz respeito à experiência de Andrae Crouch, cantor e compositor cristão. Entre os anos de 1993 e 1994, ele perdeu seu pai, sua mãe e seu irmão mais velho. Porém, no auge de sua carreira, uma das músicas que ele mais cantava era uma que dizia: “Como agradecer a Jesus o que fez por mim? / Sem eu merecer vem provar o Seu amor sem fim! / As vozes de um milhão de anjos não poderiam expressar / a gratidão que vibra em meu ser. Pois tudo devo a Ti! / A Deus seja a glória, a Deus seja a glória, / A Deus seja a glória, pelo que fez por mim! / Com Seu sangue lavou-me. Seu poder transformou-me. / A Deus seja a glória pelo que fez por mim!”

O terceiro tem a ver com minha própria experiência. Eu estava com o coração repleto de gratidão ao concluir minha primeira faculdade. Na época, escrevi um poema cujo título é “Até Aqui me Ajudou o Senhor”, a fim de expressar meus sentimentos. Transcrevo-o abaixo com o desejo de compartilhá-lo.

Com o passar do tempo, depois de muitas prosas, poesias, dúvidas e respostas, o ser humano descobre muitas coisas.

Descobre que para ouvir as pessoas dizerem três vezes: “eu te amo”, é necessário dizer setenta vezes para elas; e multiplicar por sete.

Descobre que investimos nas pessoas não quando gastamos dinheiro

com elas, mas quando acreditamos que elas são capazes de realizar o que pretendem.

Descobre que as pessoas são importantes simplesmente por serem pessoas, e que amamos os nossos pais não simplesmente por serem os nossos pais, mas porque nos amaram primeiro – desde o momento que souberam que existíamos: alguns até antes! Por isso estão dispostos a fazer qualquer sacrifício, e nem percebem que se estão sacrificando.

Descobre que, simbolicamente, as coisas são depositadas no banco, e as pessoas, no coração. Por isso, nos distanciamos delas, não quando vamos morar longe, mas quando deixamos de amá-las.

Descobre que as pessoas que mais exigem de você, talvez não sejam aquelas que mais o amam, mas as que mais querem ver o seu crescimento.

Descobre que a distância entre o Céu e a Terra não se mede em quilômetros, mas em pecados.

Descobre que o mais importante não é tirar as melhores notas, mas notas melhores. A diferença é que para alcançar as primeiras, compete-se com os outros; quanto às últimas, compete-se consigo mesmo, e nisto há sabedoria.

Descobre que pedimos perdão às pessoas que nos amam, não para que nos perdoem, mas para que saibam que estamos arrependidos.

Descobre que assumiríamos uma postura mais corajosa diante da vida, se reconhecêssemos, mais cedo, que envelhecemos, que as pessoas não duram para sempre e não há explicação para tudo.

Descobre que os anos e as décadas sabem coisas com as quais os dias e os meses jamais sonharam.

Descobre que, no fim da vida, as pessoas se arrependem não por não terem concluído uma faculdade ou conseguido dinheiro para comprar uma casa bonita ou um carro do ano, mas por não terem depositado, diariamente, no coração das pessoas, doses de carinho e de compreensão.

São muitas as coisas que descobri. Tantas outras há, todavia, por descobrir. Não me desespero: sou apenas um menino – na verdade, talvez, nunca o deixarei de ser; afinal, eu descobri que “a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai clareando mais e mais, até tornar-se dia perfeito”.

No fim de todas as coisas, “quando se romper o fio de prata e se despedaçar o copo de ouro”, quando o sol se fizer alto no horizonte, e o dia escapar para além das montanhas; e o crepúsculo, como o prelúdio de uma canção de ninar, anunciar que a noite chegou e que é hora de dormir, eu poderei olhar para trás: para o dia que passou. E, com convicção, bradar: ATÉ AQUI, ME AJUDOU O Senhor. Então, tornar-me-ei para as pessoas que me cercam e que me amam, e direi simplesmente: Boa noite! Até a Manhã!

Uma última questão: E quando será essa manhã? Ou, em outras palavras, “*até quando* durará o choro desta Terra?”, poderia perguntar o salmista.[63] O próprio Jó responde: “Eu sei que *o meu Redentor* vive e por fim *Se levantará sobre a terra.*”[64]



[1] Philip Yancey, *Decepcionado com Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2004), p. 222.

[2] A frase foi adaptada da obra Hamlet. O texto original poderia ser traduzido assim: “há mais coisas no céu e na terra, do que sonha a tua filosofia”.

[3] William Lane Craig, *Apologética Contemporânea: A Veracidade da Fé Cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2012), p. 66.

[4] Logicamente, o poeta não está falando de uma nudez literal, mas de uma nudez que, por ser símbolo de vergonha, também se apresenta como símbolo da limitação humana diante dos mistérios da vida. É como se o poeta estivesse envergonhado por desconhecer as respostas para perguntas que, em certo sentido, são triviais.

[5] Harold Bloom, *Onde Encontrar a Sabedoria?* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), p. 25.

[6] Jó 1:9-10.

[7] Jó 2:3.

[8] Philip Yancey, *Decepcionado com Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2004), p. 222.

[9] Jó 3:3.

[10] Jó 13:15.

[11] Jó 3:11, 12, 16, 20, 22, 23.

[12] Roberto Badenas, *Encontros: Você Vai se Surpreender com o Poder do Amor* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 117.

[13] Jó 38:2 (itálicos acrescentados).

[14] Jó 38:3.

[15] Êxodo 20:11.

[16] Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 105

(itálicos acrescentados).

[17] Jó 40:2.

[18] Jó 40:4-5 (itálicos acrescentados).

[19] Jó 40:6.

[20] Jó 38:1.

[21] Jó 40:7; uma comparação com 38:3 demonstrará que esses dois versos são idênticos.

[22] Richard Foster, *Celebração da Disciplina: O Caminho do Crescimento Espiritual* (São Paulo: Vida, 1983).

[23] Jó 2:13.

[24] C. S. Lewis, *O Problema do Sofrimento* (São Paulo: Vida, 1986).

[25] Salmo 10:1.

[26] Citado por Philip Yancey, *Decepcionado com Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2004), p. 50.

[27] Gênesis 21:19.

[28] Números 11:11-13.

[29] Números 11:17.

[30] Juízes 6:12, 13.

[31] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 83.

[32] Juízes 6:34.

[33] Números 11:21, 22.

[34] Números 11:24.

[35] Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 293.

[36] Isaías 38:17.

[37] 2 Crônicas 32.

[38] 2 Crônicas 32:25, 26.

[39] 2 Crônicas 32:31.

[40] Jeremias 17:9, 10.

[41] Citado por William Lane Craig, *Apologética Contemporânea: a Veracidade da Fé Cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2012), p. 75.

[42] William Lane Craig, *Apologética Para Questões Difíceis da Vida* (São Paulo: Vida Nova, 2010), p. 98.

[43] Ariel Finguerman, *A Teologia do Holocausto: Como os Pensadores Judeus e Cristãos Explicaram Auschwitz* (São Paulo: Paulus, 2012), p. 6.

[44] Ibid., p. 66.

[45] Ibid., p. 69.

[46] Marshall Berman, *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: A Aventura da Modernidade* (São Paulo: Companhia das Letras, 1986), p. 23.

[47] Itálicos acrescentados.

[48] Os cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

[49] Esta seção da Bíblia inicia com Josué e termina com Ester.

[50] De fato, a pergunta é feita a Moisés. No entanto, nesse diálogo, Moisés está representando toda a nação.

[51] Jó 7:19.

[52] Jó 19:2.

[53] Zacarias 1:13.

[54] Mateus 17:17; Marcos 9:19; Lucas 9:41.

[55] Apocalipse 6:10.

[56] Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation* (Berrien Springs: Andrews University Press), 2002.

[57] Apocalipse 7:16, 17.

[58] Jó 42:9.

[59] Jó 42:2-6.

[60] Citado por Philip Yancey, *Decepcionado com Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2004), p. 197.

[61] Salmo 30:5.

[62] Citado por Philip Yancey, *Alma sobrevivente: Sou Cristão, Apesar da Igreja* (São Paulo: Mundo Cristão, 2004).

[63] Salmo 30:5.

[64] Jó 19:25.



A GRAÇA QUE ENCORAJA

A tristeza de Deus reside em nosso medo dEle, da vida e de nós mesmos.

Brennan Manning

Por isso não tema, pois estou com você; não tenha medo, pois sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e o ajudarei; Eu o segurarei com a Minha mão direita vitoriosa.

Isaías 41:10

Estava com meu pai no centro da cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Enquanto andávamos por aquelas ruas apinhadas de gente, eu sentia sua mão apertando a minha, e isso enchia meu coração de segurança, de modo que os olhos se sentiam completamente livres para observar tudo ao redor. Para ser bem honesto, não me lembro exatamente da minha idade naquela época, mas recordo-me de que eu não tinha maturidade suficiente para me ver isento de alguma espécie aterradora de pensamento, caso me desprendesse daquela mão e perdesse de vista os olhos de meu pai. Como que adivinhando meu raciocínio, ele se curvou por um instante e me fez a pergunta que eu não queria ouvir: “O que você faria se por acaso se perdesse?” Sinceramente, não me lembro da resposta. Na verdade, eu estava muito concentrado na pergunta: dar uma resposta seria admitir a possibilidade de que a hipótese se concretizasse. E isso me metia um medo que fazia gelar os pés e as mãos, e me provocava um incômodo terrível na garganta. O fato é que ele, finalmente, disse-me que eu deveria ficar parado, até que chegasse para me buscar.

Quando leio a história de José, não posso deixar de refletir sobre ela sem que eu tenha o episódio acima como parâmetro para imaginar os

sentimentos que afloraram no coração de um adolescente que simplesmente foi arrancado do amor paterno e traído pelos seus próprios irmãos. Como eu, José havia se acostumado com os mimos carinhosos de seu pai, e lhe deve ter enchido o coração de pavor a ideia de não tê-lo por perto para enfrentar as duras provas que encontraria pela frente. Quem o defenderia? A quem contaria seus sonhos e com quem compartilharia seus anseios mais secretos? Por um instante, toda a esperança do mundo parecia estar em qualquer outro lugar, menos naquela cela improvisada sobre um carro puxado por bois, em uma caravana de ismaelitas que estava levando um rapaz de 17 anos para ser escravo no Egito.[1]

Certamente, um grande ponto de interrogação se instalou em sua mente enquanto pensava no futuro. Como seria a vida distante do pai? Para onde iria? Sem amigos, sem família, sem lar, José sabia que as perspectivas não eram muito animadoras. Subitamente, emoções sem nome tomaram conta do seu jovem coração. Comentando essa cena, Ellen White afirma que, “por algum tempo, José entregou-se a uma dor e pesar incontidos. Mas, na providência de Deus, mesmo esta experiência seria uma bênção para ele. Aprendeu em poucas horas o que de outra maneira anos não lhe poderiam ter ensinado”.[2]

A vida de José é uma história de percalços, intrigas, ciúme e inveja, mas também de vitórias, reconciliação, altruísmo e, acima de tudo, surpresas. Ao todo, a Bíblia reserva 14 capítulos para a biografia dele, mas sem nenhum relato de erro. Honestamente, eu ficaria desanimado se todos os personagens bíblicos fossem apresentados dessa forma. Outro personagem me vem rapidamente à memória. A Bíblia também não menciona nenhum erro seu. Estou me referindo a Enoque. No entanto, tudo que sabemos desse personagem foi contado em apenas quatro versos.[3]

Por outro lado, sinto uma estranha sensação de conforto ao perceber que, embora outros personagens tenham uma passagem mais tímida pela Bíblia, seus erros estão ali, a exemplo de Caim, cuja história é contada em apenas um capítulo,[4] e, mesmo assim, esse espaço foi suficiente para que esse personagem fosse imortalizado como um modelo de maldade para as gerações seguintes.[5] Porém, nos

deparamos também com indivíduos como Ló, o qual aparece pela primeira vez em Gênesis 13, e sai de cena em Gênesis 19. Nesse pequeno intervalo, testemunhamos sua má escolha de ir para a campina do Jordão, deixando-se levar pelo esplendor e agitação das cidades, onde perderia praticamente toda a família. Observamos também seu desrespeito a um parente mais velho, tendo em vista que não devolveu a Abraão a gentileza de escolher, primeiro, o lugar para onde ir. Assim, surpreende-nos o fato de que nenhum erro de José seja mencionado. Nesse sentido, sua história assemelha-se à de Cristo. Por outro lado, também me causa um sobressalto a constatação de que em nenhum momento vemos José falando diretamente com Deus. Num tempo em que anjos visitam a Terra e Deus fala com as pessoas numa frequência bem maior do que aquela com que conversamos, por exemplo, com o prefeito da cidade ou mesmo com o pastor da igreja, fico intrigado com esse silêncio. Nesse sentido, a história de José assemelha-se à nossa.

São exatamente 3h24 da manhã. Já estou há cerca de duas horas acordado. O fato é que, não sei se em face de uma semana muito agitada ou pela própria necessidade de escrever, eu não conseguiria dormir se permanecesse na cama. Estou sentado em meu escritório, na frente do computador, a Bíblia ao lado, e o coração desejoso de captar um novo vislumbre de Deus. Para ser bem sincero, sei que o Senhor está comigo. Mas como eu gostaria de ouvir claramente a mesma voz que um dia chamou Samuel no meio da noite, que falou com Moisés no meio da sarça, ou mesmo a que chamou Adão no jardim do Éden: “Adão, onde está você?” Repasso mais uma vez a história de José, e fico com a forte impressão de que os mesmos pensamentos agitaram seu coração. Afinal, Jacó deve ter lhe contado várias vezes aquela memorável noite no vau de Jaboque, em que após uma renhida luta, Deus não apenas falou com ele, mas lhe concedeu a bênção há tanto tempo desejada.

Sinto-me grato a Deus pela história de José. Ela foi registrada para nosso benefício. Embora ele nunca tenha ouvido a voz divina como o som estonteante de um trovão, a Bíblia garante que o Senhor estava presente em todos os momentos de sua vida.

José, o escravo

Fico pensando que se José tivesse a Bíblia para ler, por exemplo, um evento que ocorreu poucos séculos depois, a sua prova teria sido mais fácil. Refiro-me à saída do povo de Israel do Egito. O livro de Êxodo diz que “tendo Faraó deixado ir o povo, Deus não o levou pelo caminho da terra dos filisteus, posto que mais perto, pois disse: Para que, porventura, o povo não se arrependa, vendo a guerra, e torne ao Egito”.[6] Esse texto nos mostra que Deus conhece os caminhos perigosos da vida. Esses caminhos muitas vezes nos parecem “mais perto”, e, não raro, queremos peregrinar por eles. Em vez disso, o verso seguinte diz que “Deus fez o povo rodear pelo caminho do deserto perto do Mar Vermelho”. Talvez o povo tenha coçado a cabeça e pensado: “Senhor, permite-nos dizer-Te algo. Nós acreditamos que essa não é uma boa estratégia. Nós morreremos no caminho do deserto. Lá faltarão pão e água.” Entretanto, a experiência pela qual o povo passou ao atravessar o Mar Vermelho demonstrou que Deus estava certo.

Assim, acredito que se José tivesse conhecimento de todos esses fatos, ele teria tomado livremente a decisão de ir para o Egito. Creio que se nós conhecêssemos o futuro como Deus conhece, escolheríamos seguir os mesmos caminhos pelos quais Ele dirige a nossa vida. Tais caminhos podem parecer desérticos, mas são sempre mais seguros.

Nesse momento, surge uma pergunta inevitável: “Por que Deus não mostrou a José, desde o início, tudo o que aconteceria?” A resposta é simples: se Deus tivesse dado qualquer garantia a José, isso afastaria por completo qualquer necessidade de fé. Conforme afirma o livro de Hebreus, “a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem”.[7] Paradoxalmente, é a possibilidade da dúvida que permite um espaço para a fé. Concordo com a afirmação de Paul Tournier: “Onde já não há qualquer oportunidade de dúvida, também já não há qualquer oportunidade de fé.”[8] Ellen White também dá a sua opinião sobre o assunto: “A fé aumenta pelos conflitos com as dúvidas”;[9] “Deus nunca removerá todo o motivo para a dúvida. Ele dá prova suficiente sobre que basear a fé e, se isso não é aceito, a mente é deixada em trevas”.[10] Segundo ela, nem mesmo “o agonizante Filho de Deus” Se isentou do violento poder das dúvidas. Por um momento, “Ele

não podia enxergar para além dos portais do sepulcro”.[11] Embora esses autores deixem transparecer a ideia de que a dúvida faz parte da experiência humana, e mesmo cristã, eles não estão defendendo que isso seja algo positivo; ao contrário, ela é uma força tão corrosiva que, de acordo com as Escrituras, deve ser combatida. Mas ela serve para nos mostrar que somos humanos, e que a fé é um dom divino. Pela fé, devemos crer que Deus “expulsa todas as nossas dúvidas” e que “Ele é o penhor de todas as nossas esperanças”.[12]

O capítulo 39 de Gênesis inicia com uma afirmação que demonstra a impotência humana diante de algumas fatalidades. O texto diz que “José foi levado ao Egito”. De fato, ele não escolheu ir para o Egito. Ele não foi para lá porque estava cansado da vida entediante que vivia na casa de seu pai, e, assim, decidiu sair para um período de férias: José *foi levado* para ser um escravo!

Tenho aprendido, a duras penas, que há situações na vida que não escolhemos. Simplesmente acontecem. Porém, a história de José me dá pistas de como devo me comportar quando algo inesperado e indesejável bate à porta da minha casa; ou, em última instância, ela mantém viva em minha memória três lições que não posso esquecer.

Primeiro, devo confiar que Deus está comigo, mesmo quando as circunstâncias pretendem dizer o contrário. Se me deixa chocado o fato de que José “foi levado ao Egito”[13] contra sua vontade, o pensamento, logo no verso seguinte, de que “o Senhor estava com José”,[14] enche meu coração de esperança. Potifar percebeu isso[15] de modo que o jovem hebreu achou graça diante dos olhos de seu patrão.[16] A Bíblia ainda acrescenta que Deus abençoou Potifar por causa de José, e “a bênção do Senhor estava sobre tudo o que tinha, tanto na casa como no campo”.[17] Parece que Moisés está tentando nos chamar a atenção para algo muito importante. Vou tentar escrever Gênesis 39:1-5 de outra forma e em rápidas palavras: “José não escolheu ir para o Egito. Há coisas que nós não escolhemos, mas Deus está no controle de tudo! Ele foi parar na casa de um dos homens mais importantes do Egito, chamado Potifar. José não estava sozinho. Deus estava com ele. A bênção de Deus sobre José foi tão grande que Potifar o tratava como um filho, e ele tinha toda a riqueza da casa de Potifar à sua disposição. Se

isso é ser escravo, não existe uma forma melhor de escravidão.”

Acontece que, nessas circunstâncias, era muito fácil José perceber a mão de Deus dirigindo sua vida. Entretanto, o tipo de fé que Deus quer desenvolver parece que se aperfeiçoa melhor quando não conseguimos enxergar a luz ao fim do túnel. Uma cilada armada pela esposa de Potifar mudou todo o cenário descrito pelos versos iniciais de Gênesis 39. Após resistir bravamente os apelos dessa mulher repleta de luxúria, “certo dia ele entrou na casa para atender aos seus deveres, e ninguém dos da casa se encontrava presente”.[18] Não posso deixar de me perguntar por que Moisés descreveu a casa vazia senão para transparecer a ideia de que a esposa de Potifar havia preparado tudo para satisfazer seu apetite de adultério. Certamente, ela ordenou a todos os servos da casa que se retirassem. Leio e releio o verso 12 e chego à conclusão de que, mais uma vez, José *foi levado*. Vou tentar ser mais claro, José *foi levado* à tentação. Em outras palavras, ele não convidou a tentação. Ao contrário, a ação de José estabelece um contraste com a ação da esposa de Potifar: “ela o *pegou* pela capa, e ele *fugiu*”.[19] E por que José agiu dessa forma? Porque tinha consciência da presença de Deus: “Como posso cometer este tão grande mal, e pecar contra Deus?”,[20] disse ele. A atitude de José é diferente da atitude do rei Saul, o qual justificou seu pecado, pondo a culpa nas circunstâncias: “Agora, descerão os filisteus contra mim a Gilgal, e ainda não obtive a benevolência do Senhor; e, *forçado pelas circunstâncias*, ofereci holocaustos.”[21] José não sucumbiria diante das circunstâncias.

Acusado de tentativa de estupro pela mulher de Potifar, novamente José *foi levado*; dessa vez, à prisão. “Mas enquanto José ficou ali no cárcere, *o Senhor era com ele.*”[22] E não apenas isso, o *carcereiro percebeu que Deus estava com ele*, de modo que “não tinha cuidado de coisa alguma que estava nas mãos de José, porque *o Senhor era com ele*, fazendo prosperar tudo o que ele empreendia”.[23] Quando leio essa história, meu coração é alimentado da certeza de que nós nunca ficamos sozinhos. Como diz a voz do salmista: “O Senhor dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio!” Certamente, “os olhos do Senhor estão sobre os que O temem; sobre os que esperam no Seu constante amor”.[24]

A segunda lição que tiro da história de José é que Deus usa cada episódio da minha vida para cumprir Sua vontade. Na prisão, José conheceu a pessoa que, mais tarde, o colocaria frente a frente com Faraó. Não apenas Deus conduziu os eventos a fim de que José e o copeiro-chefe pudessem se encontrar ali, mas também criou as circunstâncias para que laços de amizade os ligassem. O sonho do copeiro[25] e a interpretação[26] precisa de José formaram as condições para que ele adquirisse coragem de solicitar ao novo amigo que, quando este fosse restaurado à sua posição, mencionasse seu nome.[27] O próprio fato de que o copeiro não se lembrou de José pelo período de dois anos contribuiu para o cumprimento do propósito de Deus, tendo em vista que o nome do jovem hebreu só foi mencionado por ele no momento certo, quando os adivinhadores do Egito se mostraram impotentes para interpretar os inquietantes sonhos de Faraó.

A terceira lição é que devemos sempre realizar as tarefas que nos caem à mão com bastante esmero e valorizar as pessoas mais do que as coisas. A casa de Potifar prosperou quando esteve sob os cuidados de José. Quando na prisão, o carcereiro lhe confiou os negócios do cárcere, porque tudo o que ele empreendia o Senhor fazia prosperar. Além disso, José se tornou uma pessoa sensível ao sofrimento do outro, e isso criou a oportunidade para que se dirigisse a dois companheiros de prisão: “Por que hoje *estão tristes* os vossos semblantes?”[28] Fico impressionado com o fato de que José percebeu a tristeza nos olhos de seus companheiros de cela. Rainer Maria Rilke comenta o seguinte: “Não acredite que quem procura confortá-lo vive serenamente entre as palavras simples e tranquilas que às vezes fazem bem a você. A vida dele tem muita dificuldade e tristeza, e permanece bem atrás da que você leva. Não fosse assim, ele jamais teria conseguido encontrar essas palavras.”[29]

Diante do sentimento de prostração daqueles homens, em face dos sonhos sem perspectiva de interpretação, a confiança em Deus e o senso de Sua presença mais uma vez batem forte no peito de José: “Não pertencem a Deus as interpretações? Contai-mo, peço-vos”.[30] O coração do copeiro foi alcançado primeiro, e foi ele o primeiro a compartilhar seus sentimentos com José.[31] A amizade estaria firmada

para sempre. Dois anos mais tarde, José estaria no palácio, diante do então homem mais poderoso da Terra. Não posso deixar de notar os cuidados de José: “Ele se barbeou, mudou de roupa, e apresentou-se a Faraó”.[32] Também me chama a atenção, mais uma vez, o senso da presença de Deus em sua vida ao ouvir de Faraó algumas palavras que mais pareciam exalar intimação: “Mas de ti ouvi dizer que, ouvindo contar um sonho, podes interpretá-lo.”[33] Sua resposta foi: “Isso não está em mim, mas Deus é que dará uma resposta de paz a Faraó.”[34] Após perceber a acurácia da interpretação, o resultado inevitável é a solene constatação de Faraó, expressa nos seguintes termos: “Acaso acharíamos um homem como este, em quem haja o espírito de Deus?” Isso é algo tão fabuloso que quase fico extasiado: o Faraó também percebeu que Deus estava com José.

Há aqui outro ponto que não pode passar despercebido. A pergunta acima de Faraó é dirigida aos oficiais e em resposta a uma determinação de José:

> Procure Faraó agora *um homem* entendido e sábio, e o ponha sobre a terra do Egito. Faça isso Faraó, e nomeie administradores sobre a terra, que tomem a quinta parte dos produtos da terra do Egito nos sete anos de fartura, e ajuntem todo o mantimento dos bons anos que vêm, e amontoem trigo debaixo da autoridade de Faraó, para mantimento nas cidades, e o guardem. Será o mantimento para provimento da terra, para os sete anos de fome, que haverá na terra do Egito, para que a terra não pereça de fome.[35]

José era esse homem. E onde ele desenvolveu essas habilidades administrativas? Em um estágio no próprio Egito: gerenciando a casa de Potifar e, depois, uma empresa maior, o próprio cárcere. Deus estava preparando José, desde o início, para se tornar o governador do Egito.

José, o governador

A perspectiva humana é sempre diferente da perspectiva divina. Deus diz: “O Senhor não vê como vê o homem.”[36] Esse texto me ensina que

as “lentes” de Deus conseguem enxergar coisas que eu nem sei que existem. Ler a história de José hoje, observar sua ida para o Egito como um escravo, seu período de prova, é uma situação confortável para mim porque sei como tudo vai terminar. Mas, quando as cenas estavam se desdobrando diante dos olhos de José, tudo era novo. Ele não tinha a menor expectativa de que um dia seria o governador do Egito. De fato, acredito que mesmo o seu melhor otimismo não conseguia vislumbrar algo do tipo. Graças a Deus, os Seus pensamentos sempre são mais altos do que os nossos pensamentos, e os seus caminhos, mais altos do que os nossos caminhos.[37]

Refletindo sobre a nova fase da vida de José, rapidamente me vem à memória a declaração do apóstolo Paulo de que aprendeu a viver tanto na abundância quanto na escassez,[38] nesta ordem. A prova de José veio em ordem inversa: ele já havia experimentado a escassez, como um escravo. Como ele reagiria à fartura de pão? Mais do que isso, como ele reagiria à fama e ao poder? Mais tarde, descendentes seus sucumbiriam diante dessas forças corruptoras: Saul, Davi e Salomão abrem uma lista que pode crescer muito mais. José se lembraria de Deus? Ou sua devoção perderia o brilho, ofuscada pelos holofotes do sucesso e o esplendor da notoriedade de sua largueza de intelecto e habilidades administrativas?

O fato é que, quando penso em José, associo a ele as palavras do salmista: “tenho posto o Senhor continuamente diante de mim. Porque Ele está à minha mão direita”.[39] A fidelidade de José a Deus, durante o período em que foi governador do Egito, é comentada por Ellen White da seguinte forma: “Testemunhando na prisão os resultados da opressão e tirania, e os efeitos do crime, aprendeu lições de *justiça*, *simpatia* e *misericórdia*, que o prepararam para exercer o poder com *sabedoria* e *compaixão.*”[40] Como eu gostaria que todos os nossos governantes tivessem essas mesmas características: justiça, simpatia, misericórdia, sabedoria e compaixão! Para usar as palavras de um conhecido professor de Bíblia, M. S. Mills, “Deus colocou José onde Ele queria que José estivesse. Da noite para o dia, ele deixou de ser um escravo sem direitos para ser a figura mais poderosa do mundo; ele era legislador no Egito. José testemunhou de Deus no Egito, e agora estava numa

posição em que podia salvar sua nação, Israel, da extinção".[41]

Esse autor chama a atenção para algo que, comumente, passa despercebido na nossa leitura de Gênesis. Ele explica:

> Observamos anteriormente o papel simbólico que as roupas desempenham na narrativa da vida de José. Lembre-se do que nós sabemos de suas mudanças de roupa: de um casaco de supervisor para os trapos de um escravo; dos trapos de um escravo para um casaco de um escravo mestre; de um casaco de escravo mestre para um uniforme de prisão; do uniforme de prisão para as roupas de um cidadão, a fim de comparecer diante de Faraó; e das roupas de um cidadão para os trajes de um governador.[42]

Mills acrescenta que "apenas dois dos seis vestuários não são especificamente mencionados. Os quatro primeiros vestuários descrevem a vida de José nas mãos dos homens, mas o último, o traje de governador, descreve a recompensa de Deus por sua fidelidade". Mas do que isso, José se manteve fiel até o fim de sua vida. A fama e o poder não conseguiram apagar sua devoção. Ao contrário, o senso da presença de Deus brilhava em sua vida com uma intensidade cada vez maior, de modo que ele agora podia ver o passado pelas "lentes" de Deus: "Não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus";[43] "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim, *porém Deus o tornou em bem*, para fazer como se vê neste dia, para conservar muita gente com vida".[44]

Há alguns anos, ouvi um sermão sobre a história de José. Não me lembro de cada detalhe dos tópicos apresentados; porém, uma frase me causou um forte impacto e é o que me restou daquela pregação: "Quando nós pedimos que Deus dirija nossa vida, Ele leva isso a sério." Quando avalio minha vida, penso nessa frase e observo a providência de Deus em eventos que me pareciam obscuros na época em que ocorreram. Para ser honesto, há muitas situações que eu ainda não entendo. No entanto, estou aprendendo que não preciso compreender tudo, só preciso crer. E essa confiança me faz olhar para o futuro com esperança.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos romanos, associa a esperança e a experiência de crer ao trabalho do Espírito Santo. Em solene exortação à igreja, ele diz: “E o Deus da *esperança* vos encha de todo o gozo e paz no vosso *crer*, para que sejais ricos de *esperança* no poder do *Espírito Santo*.”[45] A presença do Espírito Santo na vida de José fez com que ele desenvolvesse uma característica que pode ser encontrada no relato do último capítulo de Gênesis:[46] ele era um homem disposto a perdoar. Aquilo que convenceu Faraó de que José era o homem para enfrentar a crise que se avizinhava: “Acaso acharíamos um homem como este, *em quem haja o Espírito de Deus*?”, também convenceu os irmãos de José de que ele lhes perdoaria pelo mal que lhe fizeram – quem tem o Espírito de Deus tem o espírito de perdão.

A presença do Espírito Santo sensibiliza o coração humano. Gosto de imaginar a cena descrita em Gênesis 50:17. Jacó, o pai de José, estava morto. Ele e seus irmãos voltaram a Canaã para realizar o sepultamento. É a primeira vez que José retorna à terra de seus pais depois de ter chegado ao Egito. Seus pensamentos voltam no tempo e revisitam cada experiência de uma infância feliz e inocente, bem como o despeito e os olhares repulsivos de seus irmãos. Ao retornarem, os irmãos de José o procuram a fim de transmitir um pedido de Jacó. A cena em família é muito tocante para não ser descrita na íntegra: “Perdoa, rogo-te, a transgressão de teus irmãos, e o seu pecado, porque te fizeram mal. Agora, pois, rogamos-te que perdoes a transgressão dos servos do Deus de teu pai.”

Não posso deixar de me perguntar: “O que eu faria se estivesse no lugar de José?” Qualquer pessoa que imagine que foi fácil para ele, não levou a traição dos seus irmãos suficientemente a sério. O perdão não é fácil, mas é necessário. De fato, o verdadeiro perdão é difícil não somente para quem o dá, mas também para quem o recebe. Não acredito que a situação era confortável para aqueles homens: pedir perdão é uma forma de romper com o orgulho, que é uma força destruidora que entorpece o coração e mancha o caráter. Como José reagiu? O final de Gênesis 50:17 me diz que “José *chorou* quando eles lhe falavam”. Acredito que cada lágrima trazia consigo as mágoas de dentro, e aquelas águas purificaram o coração de José, como se cada

gota quisesse dizer: “Eu perdoo vocês. Já os perdoei!” José *governava o Egito*, mas *era governado pelo Espírito Santo*. A presença do Espírito Santo sensibiliza o coração.

José, um salvador

M. S. Mills, ao introduzir seus comentários sobre a história de José, nos chama a atenção para uma verdade inexorável. Com palavras que também expressam sua devoção, ele afirma:

> O propósito desta narrativa é revelar como Deus arranjou de antemão a salvação física para sua nação eleita e como o mundo inteiro se beneficiou em consequência. Como você pode ver, isso prefigura o advento de Jesus Cristo, cuja vinda foi preparada no passado eterno, cujo propósito era salvar Israel, em quem todos os povos do mundo se beneficiaram. Essa passagem demonstra também o absoluto controle de Deus sobre as prossecuções humanas, visto que Ele dirigiu o maior poder terreno dos dias de Jacó com completa facilidade. Isso nos mostra a onisciência de Deus, bem como Sua soberania e misericórdia. Precisamos lembrar-nos disso e, então, humildemente, agradecer a Deus por permitir que frágeis e pecadoras criaturas tenham o supremo privilégio de se associar com Ele.[47]

De fato, José foi abençoado para abençoar seus irmãos, seu pai, o Egito e o mundo inteiro. Quando Deus nos abençoa, Ele o faz para abençoarmos outras pessoas. Um bom exemplo disso pode ser encontrado no diálogo entre Deus e o bisavô de José, o patriarca Abraão. Esse diálogo está registrado em Gênesis 12:2: “Farei de ti uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome, e tu serás uma bênção”. No verso seguinte, Deus diz: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra”. E essa última promessa é repetida ao filho e ao neto de Abraão, os patriarcas Isaque e Jacó,[48] e, de maneira indireta, também a José. As palavras de Jacó, em seu leito de morte, cruzam o tempo e o espaço, e nos levam até Mateus 1:2,17, onde encontramos Abraão, Isaque, Jacó, sua descendência e o descendente, Jesus Cristo.

O famoso professor de Antigo Testamento Gordon Wenham, fazendo um comentário sobre o chamado de Deus a Abraão, afirma que as expressões “farei de ti”, “te abençoarei”, “te engrandecerei” e “tu serás uma bênção”, em Gênesis 12:2, estão todas relacionadas à ordem “vai para a terra que Eu te mostrarei”, em Gênesis 12:1. Segundo ele, uma tradução alternativa para essas passagens seria: “Vai para a terra que Eu te mostrarei, de modo que Eu te abençoarei, te engrandecerei, a fim de que sejas uma bênção.”[49]

Deus queria fazer uma grande nação a partir de Abraão e sua descendência; por isso, as palavras de Jacó: “José é um ramo frutífero”,[50] numa fala completamente carregada de tom profético. Jacó acrescenta: “Os seus braços foram fortalecidos pelas mãos do *Poderoso de Jacó*, o *Pastor*, o *Rochedo de Israel*, pelo *Deus de teu pai*, o qual te ajudará, e pelo *Todo-poderoso*, o qual te *abençoará com bênçãos* dos céus em cima, *com bênçãos* do abismo em baixo, *com bênçãos* dos seios e da madre. *As bênçãos* de teu pai excederão *as bênçãos* de meus pais até o cimo dos montes eternos.”[51] Não posso deixar de perceber a repetição da palavra “bênçãos”, assim como não posso deixar de associá-la às expressões *Poderoso de Jacó*, *Pastor*, *Rochedo de Israel*, *Deus de teu pai* e *Todo-poderoso*. Além disso, causa-me um sobressalto a referência que Jacó faz aos “montes eternos”. Certamente, ele estava falando dAquele que seria a razão de todas as nossas esperanças. Nele, todas as famílias da terra seriam abençoadas.

Ao pensar na história de José e de seus ancestrais, deparo-me com algo com que preciso lutar constantemente: o intervalo entre a promessa e o cumprimento. Começando pela experiência de Abraão, em determinado momento ele teve medo de que Deus não agisse exatamente conforme havia prometido. Sem filhos e com idade avançada, Abraão decide acatar as sugestões de Sara e toma Hagar por esposa a fim de que esta lhe dê o filho da promessa. É fácil apontar o dedo em riste para Abraão e dizer algo do tipo: “como pôde Abraão duvidar?”, sem levar em conta as tantas vezes em que eu duvidei em minha carreira cristã. A propósito, essa é uma questão crucial: entre diversas outras razões, leio a Bíblia porque me identifico com as pessoas que encontro ali. Já duvidei como Abraão. Já fiz perguntas

como Jó. Já senti medo como José. Já chorei decepcionado comigo mesmo como Pedro. Mas também tenho a mesma sede de Deus que eles tiveram.

Creio que a Bíblia foi escrita para inspirar nossa fé em Deus e fomentar uma experiência que nos leve para além do medo, uma experiência que pode ser caracterizada como um feliz abandono nas mãos de Deus, fundamentada nas promessas registradas na Bíblia. Em várias partes do Antigo e do Novo Testamento, podemos ver Deus fazendo e cumprindo promessas. Ao longo dos anos, uma dessas passagens continua me tocando profundamente:

> Desta maneira deu o Senhor a Israel *toda* a terra que, *com juramento*, *prometera* dar a seus pais; e a possuíram, e habitaram nela. O Senhor lhes deu repouso, conforme *tudo* o que jurara a seus pais. *Nenhum de todos* os seus inimigos ficou de pé diante deles; a *todos* eles o Senhor lhes entregou nas mãos. *Palavra alguma falhou de todas as boas coisas que o Senhor prometera à casa de Israel; tudo se cumpriu*.[52]

Se me pedissem para resumir essa passagem em três palavras, eu diria: “Deus é fiel”. Acredito que, se nos momentos de intensa luta, repetíssemos essas palavras com fé, elas teriam a força de acalmar a angústia do coração, alimentando-o com a convicção de que o ritmo do Universo, o som a se mover graciosamente pelo ar, a cor reproduzida por um olhar, a ida e vinda do mar, a pulsação do existir, do viver, do amor, como se fossem tambores a rufar prenunciando algo muito maior, do qual tudo que vemos e sentimos não passa de mera mimese ou representação; enfim, tudo está sob o controle de Deus, inclusive nossa vida. Podemos descansar no fato de que algo que sobrepuja a imaginação mais fértil, as aspirações mais nobres e os conceitos mais elevados ainda não está visível a nossos olhos.

Vivemos no intervalo entre a promessa e o cumprimento. Mas, conforme comenta Lias, para Deus “não há intervalo entre a promessa e seu cumprimento; é apenas para a nossa apreensão que a promessa tarda”.[53] Em outras palavras, é somente por causa de nossa apreensão

e preocupações que temos a impressão do intervalo.

Enquanto José jornadeava pelo deserto em direção ao Egito, uma pergunta deve ter dilacerado seu coração: “Como tudo isso vai terminar?” E as promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó, as quais tantas vezes ele ouviu sentado no colo de seu pai? “Minha família se multiplicará numa progressão geométrica, mas eu não estarei lá para ver”, ele deve ter pensado. Então, ele não veria o cumprimento da promessa? Em nenhum momento José se deu conta de que Deus o havia escolhido para que a promessa pudesse caminhar firmemente para seu cumprimento. De fato, José não está na genealogia de Mateus 1 nem na de Lucas 3. A ordem é Abraão, Isaque, Jacó, Judá, e assim por diante. Mas a sequência da linhagem não teria sido possível sem José. De certo modo, ele salvou a nação!

Como bem percebeu Ellen White, “a vida de José ilustra a de Cristo”. Teologicamente falando, dizemos que José é um tipo de Cristo. Mas não precisa ser um especialista em teologia a fim de notar quantos paralelos existem entre a vida de José e a de Jesus. Esse paralelismo foi comentado por Ellen White de maneira tão precisa, que vale a pena reproduzi-lo:

> Foi a inveja que moveu os irmãos de José a vendê-lo como escravo; [...] Semelhantemente os sacerdotes e anciãos judeus estavam invejosos de Cristo, receando que deles atraísse a atenção do povo. Mataram-No para impedir que se tornasse rei, mas estiveram desta maneira a efetuar este mesmo resultado. José, mediante seu cativeiro no Egito, tornou-se um salvador para a família de seu pai; contudo, este fato não diminuiu a culpa de seu irmãos. Semelhantemente, a crucificação de Cristo, pelos Seus inimigos, dEle fez o Redentor da humanidade, o Salvador de uma raça decaída, e Governador do mundo inteiro; mas o crime de Seus assassinos foi precisamente tão hediondo como se a mão providencial de Deus não houvesse dirigido os acontecimentos para Sua glória e o bem do homem. Assim como José foi vendido aos gentios por seus próprios irmãos, foi Cristo vendido aos piores de Seus inimigos por um de Seus discípulos. José foi acusado falsamente e lançado na prisão por causa de sua virtude; assim Cristo foi desprezado e rejeitado porque Sua vida justa,

> abnegada, era uma repreensão ao pecado; e, se bem que não tivesse a culpa de falta alguma, foi condenado pelo depoimento de testemunhas falsas. E a paciência e humildade de José sob a injustiça e a opressão, seu perdão pronto e a nobre benevolência para com seus irmãos desnaturados, representam o resignado sofrimento do Salvador, pela malícia e maus-tratos de homens ímpios, e Seu perdão não somente aos Seus assassinos, mas a todos que a Ele têm vindo confessando seus pecados e buscando perdão.[54]

Volto à Bíblia, e encontro uma intrigante pergunta, feita por José a seus irmãos: “Acaso estou eu em lugar de Deus?” A resposta é sim. José, de fato, estava no lugar de Deus. Em certo sentido, ele *salvou* seus irmãos, seu pai, seu povo, o Egito, o mundo inteiro. Suas palavras a seus irmãos, em Gênesis 50:21, devem ter lhe tocado o coração, e tocam o meu também: “Agora, pois, *não temais*. Eu vos *sustentarei*, a vós e a vossos filhos.” Noto a semelhança dessa sentença com uma mensagem de Deus ao povo de Israel, registrada no livro de Isaías: “*Não temas*, pois Eu sou contigo; não te assombres, pois Eu sou teu Deus. Eu te fortalecerei e te ajudarei; Eu te *sustentarei* com a destra da Minha justiça”.[55] Retorno a Gênesis 50:21, e escuto a conclusão de Moisés: “Assim os consolou e lhes falou ao coração.” Não é assim que Deus faz conosco? Eu chamaria isso de graça: a graça que encoraja.

A história de José e seus irmãos demonstra que o plano de Deus segue cabalmente para seu cumprimento. Paul Tournier disse:

> A complementação do plano de Deus não depende de uma obediência humana, sem falta! É bem evidente que Deus utiliza as obediências humanas dos que O escutam. Mas o maravilhoso é que Ele utiliza, também, suas faltas e mesmo sua dureza de coração. Assim José pôde dizer a seus irmãos: “Agora, pois, não vos entristeçais nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui, porque para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós” (Gn 45:5). Há nisso um grande mistério. Não procuro explicá-lo, porque ele escapa totalmente ao plano racional das explicações e situa-se no plano da fé.[56]

Esse escritor não está fazendo apologia à desobediência. Apenas está reconhecendo que Deus pode fazer algo ruim se transformar em algo bom. A Bíblia tem vários exemplos disso. Vou dar apenas um: a ordem de Faraó para que todos os filhos nascidos de hebreus fossem lançados no rio Nilo colaborou para que Moisés se tornasse príncipe no Egito. No entanto, acredito que Deus conduziu os fatos da maneira como os conduziu, não por causa da infidelidade dos irmãos, mas da fidelidade de José.

A vida de José caminha docemente para o final, e a narrativa de Gênesis termina com o relato de sua morte. Aliás, o primeiro livro da Bíblia é um forte exemplo do poder destrutivo do pecado. Tudo começa com a criação do mundo e finaliza com um caixão no Egito: "Assim *morreu* José com a idade de cento e dez anos. E depois que o embalsamaram, puseram-no num *caixão no Egito*".[57] O livro de Gênesis me faz lembrar que a morte é a recompensa do pecado, mas também me dá segurança de que mesmo a operação do mal está submetida ao governo de Deus. O Senhor é especialista em transformar o mal em bem.

Observando a história de José como um todo, percebo quantas mudanças ocorreram desde sua saída para o Egito até o momento daquela reunião entre os irmãos, após a morte de seu pai. De um menino inexperiente e mimado, José se transformou num homem sábio, altruísta e senhor de suas emoções; de escravo a governador do Egito. Seus irmãos, de homens cruéis e individualistas, tornaram-se pessoas amáveis, com um forte senso de unidade e tolerantes uns com os outros. Aprenderam a ser rápidos em perdoar e mais rápidos ainda em pedir perdão. O pai de José havia vivido 17 anos com seu filho na terra de suas peregrinações, com muita inquietude em face das desavenças entre os irmãos.[58] Curiosamente, 17 também são os anos vividos por Jacó no Egito,[59] com a diferença de que agora seus filhos eram homens transformados. A propósito, "os últimos anos de Jacó trouxeram uma tarde de tranquilidade e repouso após um dia cheio de inquietações e cansaço. Acumularam-se nuvens negras por sobre o seu caminho; contudo, claro se pôs o seu sol, e o brilho do céu iluminou suas últimas

horas”.[60] Se tudo isso fosse um filme, eu lhe daria o título: “A virada do jogo!”

Em seu livro *História da Redenção*, Ellen White comenta que, quando José foi acusado injustamente, “e um crime vil lhe foi falsamente atribuído, não se entregou ao desespero. Consciente de sua inocência e justiça, ainda confiou em Deus. E Deus, que até então o defendera, não o desamparou. Foi preso em cadeias e metido numa sombria prisão. *Contudo, Deus transformou seu próprio infortúnio em bênção*”.[61] Podemos olhar com coragem para o futuro: Deus está no controle!



[1] Gênesis 37:2, 27, 28.

[2] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 147.

[3] Gênesis 5:21-24.

[4] Gênesis 4.

[5] Hebreus 11:4; 1 João 3:12; Judas 1:11.

[6] Êxodo 13:17.

[7] Hebreus 11:1.

[8] Citado por Philip Yancey, *Decepcionado com Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2004), p. 218.

[9] Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), v. 2, p. 673.

[10] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 315.

[11] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), v. 1, p. 228.

[12] Ellen G. White, *O Cuidado de Deus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991), p. 132.

[13] Gênesis 39:1.

[14] Gênesis 39:2.

[15] Gênesis 39:3.

[16] Gênesis 39:4.

[17] Gênesis 39:5.

[18] Gênesis 39:11.

[19] Gênesis 39:12.

[20] Gênesis 39:9.

[21] 1 Samuel 13:12.

[22] Gênesis 39:20, 21.

[23] Gênesis 39:23.
[24] Salmo 33:18.
[25] Gênesis 40:9-11.
[26] Gênesis 40:13.
[27] Gênesis 40:14.
[28] Gênesis 40:7.
[29] Citado por Brennan Manning, *O Obstinado Amor de Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2007).
[30] Gênesis 40:8.
[31] Gênesis 40:9.
[32] Gênesis 41:14.
[33] Gênesis 41:15.
[34] Gênesis 41:16.
[35] Gênesis 41:33-36.
[36] 1 Samuel 16:7.
[37] Isaías 55:9.
[38] Filipenses 4:12.
[39] Salmo 16:10.
[40] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 149.
[41] M. S. Mills, *Study Guide to the Book of Genesis* (Dallas: 3E Ministries, 1999).
[42] Ibid.
[43] Gênesis 45:8.
[44] Gênesis 50:20.
[45] Romanos 15:13.
[46] Gênesis 50:15-22.
[47] M. S. Mills, *Study Guide to the Book of Genesis* (Dallas: 3E Ministries, 1999).
[48] Gênesis 26:4; 28:14; Gálatas 3:8, 9.
[49] G. J. Wenham, “Genesis 1-15”, em Bruce M. Metzger, *Word Biblical Commentary* (Dallas: Word, 2002), p. 275.
[50] Gênesis 49:22.
[51] Gênesis 49:24-26.
[52] Josué 21:43-45.
[53] J. J. Joshua Lias, em H. D. M. Spence, *The Pulpit Commentary* (Bellingham: Logos Research Systems), 2004, p. 314.
[54] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 166, 167.
[55] Isaías 41:10.
[56] Paul Tournier, *Culpa e Graça: Uma Análise do Sentimento de Culpa e o Ensino do Evangelho* (São Paulo: ABU, 1985).

[57] Gênesis 50:26.
[58] Gênesis 37:2.
[59] Gênesis 47:28.
[60] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 165.
[61] Ellen G. White, *História da Redenção* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 102.



A GRAÇA QUE FORTALECE

Para que as palavras invadam o coração das pessoas e ali frutifiquem, é preciso que sejam corretamente formadas, de tal modo que consigam romper as defesas do ser humano e explodir, de maneira silenciosa e eficiente, em suas mentes.

J. B. Phillips

No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus.

João

Sempre me chamaram a atenção os textos bíblicos em que vejo Jesus Se misturando com as pessoas marginalizadas da Palestina do primeiro século. Lucas nos conta, por exemplo, que os cobradores de impostos, uma classe de gente a quem o adjetivo ladrão era empregado com muita frequência, aproximavam-se constantemente para ouvi-Lo.[1] Não é de se estranhar que Jesus tenha Se convidado para jantar na casa de Zaqueu, um publicano cuja aproximação metia medo e ódio nas famílias que se sentiam extorquidas por seu trabalho. Foi sob protestos que Cristo foi à sua casa: “Todos os que viram isto murmuravam, dizendo que Ele se hospedara com homem pecador.”[2] Diante de queixas como essa, Sua resposta era: “O Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.”[3]

Uma passada rápida nos evangelhos demonstrará que Jesus tinha espaço na Sua agenda para paralíticos, endemoninhados, leprosos, cegos, mudos, aleijados, prostitutas e doentes de toda espécie. Essas pessoas se sentiam atraídas pelo ministério de Cristo e desfrutavam uma sensação de bem-estar e paz interior quando estavam perto dEle.

Fico pensando no que aconteceu para que alguns desses grupos não se sintam à vontade em muitas de nossas igrejas, atualmente.

Em seu evangelho, Lucas ressaltou o caráter universal do ministério de Jesus, uma graça estendida a todos (ao samaritano, ao gentio, ao judeu, aos publicanos, aos pecadores, aos proscritos, ao pobre, ao rico, entre outros). Conforme comenta Alfred Plummer, Lucas quer mostrar que a justiça de coração é o passaporte para o reino de Deus, e esse passaporte está acessível a todos. Não é mero acidente, portanto, que as parábolas do Samaritano, do Filho Pródigo, da Grande Ceia, do Fariseu e do Publicano e os incidentes da pecadora na casa de Simão e o ladrão na cruz sejam peculiares a Lucas.[4]

Também não é mero acidente o espaço especial que Lucas dá às mulheres. A lista inclui Isabel, Maria, a mãe de Jesus, a profetisa Ana, a viúva de Naim, a pecadora sem nome na casa de Simão, Maria Madalena, Joana, Susana, as filhas de Jerusalém e menção a muitas viúvas. Efetivamente, Jesus jamais levantou uma campanha em favor dos direitos da mulher, “mas Sua maneira de tratá-las, quando vista contra o pano de fundo das ideias e costumes de Seus dias, era [no mínimo] revolucionária”.[5] Uma antiga oração rabínica rezava assim: “Bendito és Tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste um gentio. Bendito és Tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste um escravo. Bendito és Tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste uma mulher”.[6] De fato, “até que percebamos que era considerado um escândalo ao homem falar com uma mulher na rua e que os rabis frequentemente descreviam as mulheres como inferiores e perigosas à moralidade do homem, não nos daremos conta de quão revolucionárias foram as atitudes de Jesus em relação à mulher. Ele violou os padrões rabínicos quando recebeu mulheres como seguidoras”.[7]

Entre os episódios envolvendo Jesus e suas seguidoras, dois me impressionam pelos paralelos perfeitamente visíveis: a história da mulher que lavou os pés de Jesus e a história da mulher flagrada em adultério. Ambas as mulheres estavam debaixo de olhares acusadores; nas duas situações, os homens que tinham participado de sua conduta de pecado tentaram cobrir sua culpa com um senso de falsa moralidade; ambas as

histórias estão carregadas de hipocrisia de seus algozes. Nos dois episódios, Jesus encoraja as mulheres a seguir em frente com palavras muito similares: “os teus pecados te são perdoados” soam como música aos ouvidos da primeira; e, “Nem Eu também te condeno” foi a melhor notícia que a mulher adúltera já tinha ouvido. As últimas palavras ouvidas por elas, respectivamente: “vai-te em paz” e “vai, e não peques mais” são muito mais do que uma ordem, mas a promessa de uma vida pacífica e vitoriosa.

Antes de continuar, há dois pontos importantes a serem discutidos. Primeiro, o relato de uma mulher, na casa de um homem chamado Simão, a qual ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos, é contado nos quatro evangelhos, com pequenas diferenças. A maioria dos estudiosos do Novo Testamento afirma que Mateus, Marcos e João estão falando do mesmo episódio, porém Lucas, não. No entanto, há algumas razões para acreditarmos que os quatro evangelistas estão falando da mesma mulher.

Nichol comenta que “João identifica Maria, a irmã de Marta e Lázaro como a que ungiu os pés de Jesus”. Ele afirma que esse relato “é obviamente paralelo ao de Mateus e de Marcos, que, como Lucas, *não mencionam seu nome. Possivelmente, porque ela ainda estivesse viva quando esses evangelhos foram escritos*”. Portanto, Mateus, Marcos e Lucas preferiram resguardar seu nome. João foi o último evangelho escrito, já ao final do primeiro século. Provavelmente Maria já estivesse morta, de modo que o apóstolo não viu problema em identificá-la.[8]

Lucas e João mencionam uma Maria de Betânia bem como uma Maria Madalena, de quem Jesus expulsara sete demônios. Maria de Betânia deve ter abandonado sua casa em face da vergonha de ter entrado para uma vida de pecados, sob a influência de seu tio Simão, e foi viver numa vila chamada Magdala. Tendo sido transformada por Jesus, ela teria retornado à sua terra natal, estando presente no jantar oferecido por Simão.

A afirmação de que o jantar mencionado por Lucas não pode ser o mesmo de Mateus e Marcos, porque ele acontece na casa de um Simão que era fariseu, e que não era possível que Cristo tivesse amigos entre os líderes da nação ao final de Seu ministério, não pode ser sustentada.

Nicodemos e José de Arimateia foram amigos de Jesus até o fim. O primeiro, inclusive, gastou toda a sua fortuna patrocinando os apóstolos após a ressurreição de Cristo, e, mesmo antes da crucifixão, sua influência em favor de Jesus foi sensivelmente forte em um concílio dos fariseus.[9] O segundo providenciou lugar para seu sepultamento. O fato de Lucas se referir a Simão como um fariseu, e não como “o leproso”, pode ser explicado por seu interesse de mostrar uma graça estendida a todos, inclusive aos fariseus. Ele é o único a mencionar outros episódios em que Jesus comeu na casa de fariseus.[10] A discrepância entre “Simão, o leproso”, e “Simão, o fariseu”, pode ser harmonizada de forma bem simples: Jesus curou Simão. Por outro lado, Lucas estava escrevendo para gentios educados, e temendo que eles pudessem levantar alguma questão do tipo: “Como acreditaremos em Jesus se Ele foi rejeitado pelos próprios líderes da nação?”, ele buscou mostrar que Cristo era amigo de diversos líderes judaicos. Isso também explica por que, em sua narrativa, enfatiza-se a reação de Simão, enquanto Mateus e Marcos enfatizam a reação de Judas ao “desperdício” de um perfume tão caro. O fato é que ambos reagiram. Observados corretamente, os relatos não se excluem, mas se complementam. Desse modo, o fato de Mateus e Marcos mencionarem que a mulher ungiu a cabeça de Jesus, e Lucas e João comentarem que ela ungiu os pés, pode ser harmonizado com a explicação de que ela ungiu a cabeça e os pés. Ellen White esclarece sua compreensão sobre o assunto da seguinte forma:

> À mesa achava-Se Jesus, tendo a um lado Simão, a quem curara de repugnante moléstia, e do outro Lázaro, a quem ressuscitara. Marta servia à mesa, mas Maria escutava ansiosamente toda palavra que caía dos lábios de Jesus. Em Sua misericórdia perdoara Jesus os seus pecados, chamara do sepulcro seu bem-amado irmão, e a alma de Maria estava cheia de reconhecimento. Ouvira Jesus falar de Sua morte próxima e, em seu profundo amor e tristeza, almejara honrá-Lo. Com grande sacrifício para si, comprara um vaso de alabastro de “unguento de nardo puro, de muito preço” (Jo 12:3) para com ele ungir-Lhe o *corpo*. Mas agora muitos diziam que Ele estava para ser coroado

> rei. Seu pesar transformou-se em alegria, e ansiava ser a primeira a honrar a seu Senhor. Quebrando o vaso de unguento, derramou o conteúdo sobre *a cabeça e os pés de Jesus*, e depois, enquanto de joelhos chorava umedecendo-os com lágrimas, enxugava-os com os longos cabelos soltos (itálicos acrescentados).[11]

Além disso, as similaridades entre o relato de Lucas e dos outros três evangelhos são muito grandes para que sejam explicadas como "meras coincidências": "Todos concordam que a ocasião era uma festa. Todos concordam que a pessoa que ungiu Jesus era uma mulher. Os três sinóticos [Mateus, Marcos e Lucas] concordam que o "unguento" estava num vaso de alabastro [...] e que o nome do anfitrião era Simão."[12] Além disso, Lucas está em correlação com Mateus ao omitir o tipo de unguento usado por Maria, e, com João, ao mencionar que ela ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os cabelos. Enfim, a história é tão importante e significativa para a experiência cristã que os quatro evangelistas a contaram, cada um enfatizando diferentes aspectos conforme sua leitura do episódio, cumprindo a injunção de Jesus de que a história fosse contada para memória de Maria.

O segundo ponto diz respeito a se Maria Madalena e a mulher adúltera são realmente pessoas diferentes, ou se haveria razões para crermos que são a mesma pessoa. Autores como Morris Venden, que escreveu *Como Jesus Tratava as Pessoas*, e Doug Batchelor, autor de *Aos Pés de Jesus*, identificaram a mulher adúltera como Maria Madalena. O fato é que não temos qualquer evidência bíblica que comprove esse pensamento, mas também não temos qualquer indício que o negue. Tentar estabelecer, a partir dos evangelhos, pontes que nos levem à identidade da mulher adúltera é como um homem cego procurar, num quarto completamente escuro, um gato preto que não existe. Desse modo, estamos diante de uma questão cuja decisão fica a critério de cada leitor. Há aqueles que defendem que Maria Madalena e a mulher adúltera são a mesma pessoa, e há aqueles que negam.

Para escrever este capítulo, consultei diversos comentários bíblicos, ansioso para ver a opinião de cada um deles, e, para minha surpresa, acabei me deparando com um silêncio sepulcral. Talvez eles não se

pronunciaram porque tiveram medo de arriscar. A maioria deles preferiu gastar algum tempo discutindo as questões de autenticidade do texto: “Realmente foi João quem escreveu a história da mulher adúltera?” De fato, na maioria de nossas Bíblias, o relato está entre colchetes, o que significa que ele não se encontra nos melhores e mais antigos manuscritos do Novo Testamento. Apesar disso, observei que temos razões suficientes para crer que estamos, sim, diante de um texto autêntico. Tentar explicar isso requereria entrar num campo científico árido, que talvez me custasse a desistência de alguns leitores. Para ser honesto, não estou disposto a pagar esse preço.

Em busca ainda de algumas opiniões a fim de definir qual seria a minha própria opinião sobre o assunto, acabei me deparando com algumas declarações intrigantes. Uma delas se encontra no livro *O Desejado de Todas as Nações*. Ali, um comentário sobre a mulher adúltera diz que ela se tornou uma firme seguidora de Jesus. “Com abnegado amor e devoção, retribuiu-lhe a perdoadora misericórdia [uma alusão, ainda que pálida, ao episódio em Betânia?].”[13] Outro comentário, um pouco mais alusivo do que esse, afirma o seguinte: “Essa penitente mulher *tornou-se um dos membros mais fiéis do círculo de amizade de Jesus*. Ela *retribuiu Seu perdão e compaixão com um ato de amor e adoração de profundo desprendimento*. Mais tarde, quando *estava cheia de pesar ao pé da cruz*, seu coração foi traspassado novamente ao ver a agonia de morte na face de seu Senhor e ouvir-Lhe o brado pungente. Ela sabia que esse sacrifício era por causa do pecado, e sua responsabilidade como alguém cuja enorme culpa havia ajudado a trazer tal angústia ao Filho de Deus parecia mesmo muito pesada.”[14] Temos algumas razões para associar a mulher dessa descrição a Maria Madalena. Ela se tornou um dos membros mais fiéis do círculo de amizade de Jesus (inclusive, está claro na Bíblia que Jesus apreciava muito a amizade de Maria [Madalena], Marta e Lázaro); ela retribuiu o perdão de Jesus com um ato de amor e adoração de profundo desprendimento (o episódio em Betânia da unção de Jesus, com um perfume caríssimo) e ela estava ao pé da cruz.

Embora tudo isso não passe de conjecturas, vejo motivos para sustentar a impressão de que Maria Madalena, Maria de Betânia, a irmã

de Marta e Lázaro, e a mulher adúltera são uma e a mesma pessoa, e isso muda minha maneira de enxergar os dois acontecimentos analisados neste capítulo: o jantar em Betânia, o ponto ápice da experiência de conversão de Maria, e o episódio na praça do templo, a sua maior vergonha e o início de uma maravilhosa mudança.

Muito mais que palavras

Recentemente, tive uma experiência de leitura muito agradável com o livro *Muito Mais que Palavras*. Trata-se de uma coletânea de ensaios organizada e compilada por Philip Yancey. Autores cristãos falam como os mestres da literatura exerceram sobre eles uma positiva influência na sua formação cristã e também como escritores. Aprecio a literatura, a poesia e o uso artístico das palavras, sobretudo quando essa arte é utilizada para tornar mais interessante a comunicação do evangelho. Ali encontro tudo isso.

Esse livro me fez refletir mais uma vez sobre o poder que as palavras exercem na nossa vida. De fato, ele me fez pensar que as palavras são mais que palavras, são vigorosas ações, por meio das quais podemos despertar os mais profundos sentimentos de afeto, coragem e autoestima, mas também ódio e ressentimentos. Acredito que é por essa razão que o apóstolo Tiago nos dá conselhos tão contundentes sobre o uso da língua.

Quando penso na maneira como Jesus tratou Maria enquanto ela lhe lavava os pés, prontamente me vêm à memória as palavras de Ellen White: “Nunca foi rude, nunca proferiu desnecessariamente uma palavra severa, não ocasionou nunca sem motivo uma dor a uma alma sensível. Não censurava a fraqueza humana. Denunciava sem temor a hipocrisia, a incredulidade e a iniquidade, mas tinha lágrimas na voz quando emitia Suas esmagadoras repreensões.”[15] Jesus não apenas tinha as palavras certas, mas falava nos momentos certos. Em alguns momentos, guardava silêncio como no caso da pergunta que lhe foi dirigida pelo sumo sacerdote durante seu julgamento; em outros, dirigia a palavra até para os ventos e o mar. A propósito, às vezes alguns pais dizem “Cala-te! Aquieta-te!” para seus filhos, mas sem sucesso em não raros casos.

Mas Jesus disse isso ao vento e ao mar, e a obediência foi instantânea!

Nesse episódio que envolveu Jesus, Maria e Simão, a parábola do credor que tinha dois devedores foi como uma flecha na mosca. No relato de Lucas, a história nos chega com 15 versos; oito deles são dedicados ao diálogo com Simão e apenas dois versos trazem as palavras de Jesus a Maria. Fico com uma forte impressão de que o Senhor gastou mais tempo com Simão por causa das reservas que ainda havia no coração daquele homem. Após mencionar que ambos os devedores foram perdoados, embora a diferença entre a dívida de um fosse dez vezes maior que a do outro, Jesus Se dirigiu a Simão com uma pergunta que lhe fez engolir seco: “Qual deles, portanto, o amará mais?”[16] Simão deve ter gaguejado e, depois de alguns segundos de hesitação, finalmente respondeu: “Suponho que aquele a quem mais perdoou.”[17] Honestamente, não creio que Jesus estava tentando colocar Seu anfitrião em maus lençóis – quero dizer, Jesus não o repreendeu publicamente –, apenas desejava destacar o amor de Maria em alto relevo, ao mesmo tempo em que queria deixar claro que, embora Simão tivesse sido curado de uma lepra física, havia outro tipo de doença que ainda precisava ser superada, a lepra do pecado. Simão havia passado por uma mudança externa. Ele não havia aberto ainda sua vida para uma transformação interior. Finalmente, percebeu que seu pecado era maior que o de Maria, assim como a dívida do primeiro homem da parábola era maior que a do segundo. As palavras de Jesus, artisticamente elaboradas, produziram o efeito pretendido: Simão se arrependeu, e se tornou um ardoroso discípulo de Cristo.

Maria ouviu toda a conversa e, com os olhos ainda inundados de lágrimas, percebeu que as palavras que se avizinhavam tinham seu coração como endereço. Ela parecia uma criança recebendo o brinquedo dos sonhos: “Perdoados são os teus pecados. [...] A tua fé te salvou; vai-te em paz.”[18] Como eu gostaria que a Bíblia comentasse cada emoção experimentada por Maria: alegria, amor, alívio, esperança, gratidão; enfim, o que ela sentiu? Acredito que tudo isso. Eu queria estar lá para, ao menos, tentar traduzir, a partir de seu semblante, o efeito que essas palavras produziram. Ninguém jamais lhe falara aquelas palavras. Mais importante, ninguém jamais lhe falara com tanta ternura. O fato é

que cada palavra de Jesus penetrou a alma dessa mulher como uma enxurrada de luz a desbravar os espaços obscurecidos pelo pecado, e preparou o seu coração para que Cristo pudesse despejar ali Sua graça, como uma torrente impetuosa e eficaz.

Os judeus têm uma maneira peculiar de lidar com o poder das palavras. James Boice,[19] em seu livro *The Gospel of John* (O Evangelho de João), comenta que, para um judeu, uma palavra soa como algo concreto. Uma palavra falada é um ato praticado. Quando o Senhor fala, algo é feito. Deus disse: “haja luz” e “houve luz”. Assim, o judeu estaria de alguma forma preparado para o pensamento de que o Verbo de Deus – ou a Palavra de Deus – pudesse ser visto, tocado e ouvido. Maria O viu, tocou-O e O ouviu, e sua vida jamais foi a mesma. O livro de Hebreus nos diz que Deus falou de muitas maneiras aos nossos pais, mas nesses últimos dias nos falou por meio de Seu Filho. E Suas palavras, para usar uma expressão de Ellen White, são sempre “um cheiro de vida para a vida”.

A resposta de Maria às palavras de Jesus e o impacto que elas provocaram só podem ser bem compreendidos à luz do contexto da vida de pecados que caracterizou sua juventude. Foi a sedução de Simão que introduziu Maria à promiscuidade. Conforme comenta Doug Batchelor, embora em geral uma mulher chegue ao ponto de vender o corpo pela necessidade de dinheiro, em muitos casos isso se dá por uma razão mais profunda, a necessidade de amor.[20]

Temos razões para crer que Maria, que também era irmã de Marta e Lázaro, deixou a cidade de Betânia em face da vida vergonhosa em que havia se metido. Deixando o lar de sua juventude, foi morar numa pequena vila chamada Magdala. Ali, Jesus a encontrou e a libertou de possessão demoníaca, de modo que ela teria voltado a Betânia, e fixado residência lá novamente. Contudo, há uma afirmação encontrada no livro *O Desejado de Todas as Nações* que denota a constante luta de Maria para vencer o pecado: “Sete vezes ouvira ela Sua [de Jesus] repreensão aos demônios que lhe *dominavam o coração e a mente*. Ouvira-Lhe o forte clamor ao Pai em benefício dela.”[21] Pensar no domínio que os demônios exerciam sobre a mente e o coração dela me faz perceber uma grande verdade sobre o grande conflito entre o bem e o mal: se

Cristo não desiste de uma alma, Satanás também não! Ele cede apenas quando um poder infinitamente maior que o seu força-o a libertar a presa.

Se bem que não possamos afirmar que possessão demoníaca seja pecado, o texto deixa transparecer a ideia de que desde a primeira vez em que Jesus libertou Maria do domínio de demônios, ela teve algumas recaídas. Gosto de pensar em Cristo clamando ao Pai em benefício dela. Para mim, isso é um prenúncio da tarefa que ele realizaria no Céu após Sua ressurreição. Esse pensamento também me faz entender que a luta de Maria para ter uma vida vitoriosa era também a luta de Jesus. Nós nunca lutamos sozinhos.

Fico imaginando que Maria é aquele tipo de pessoa que está na igreja vivendo de promessas. Ao longo de minha vida, tenho conhecido gente que estabelece propósitos de mudança de vida a cada vez que participa de semanas de oração, congressos ou retiros espirituais. As promessas envolvem atitudes como orar mais e estudar mais a Bíblia. Porém, quando essas pessoas retornam para casa, tudo torna a ser como antes. Fazem juras de amor a Deus depois de uma forte emoção, mas não conseguem sustentar suas promessas por muito tempo.

Lembro-me de uma cena do filme *Desafiando Gigantes*, em que um estudante problemático, chamado Matt, influenciado pelos conselhos de seu treinador, Grant Taylor, busca fazer as pazes com seu pai. Suas palavras ao seu pai são algo que todo pai gostaria de ouvir: “Pai, eu só quero dizer que lamento muito. Lamento pela maneira que venho agindo... Eu precisava dizer que, de agora em diante, respeitarei a sua autoridade. Estará valendo o que o senhor disser”. Quando um filho diz algo desse tipo a seus pais, isso não significa que ele está abrindo mão de sua identidade, apenas está demonstrando que confia tanto no cuidado e amor de seus pais, que está disposto a considerar todas as suas reivindicações e diretrizes.

Quando leio minha Bíblia, percebo que Israel fez isso com Deus algumas vezes. Por exemplo, o livro de Deuteronômio relata que, após a experiência de ver a manifestação de Deus quando Ele deu Sua lei ao povo, pela segunda vez,[22] as pessoas ficaram tão impressionadas com a cena que a resposta imediata dada a Moisés foi: “tudo o que te disser o

Senhor nosso Deus, o ouviremos e o faremos".[23] Em outras palavras, o povo estava dizendo exatamente a mesma coisa que Matt disse a seu pai: "Pai, de agora em diante estará valendo o que o Senhor disser". Como um pai reage diante de uma afirmação como essa? Alguns pais dariam tudo para ouvir seus filhos falando assim. E como Deus reagiu? A resposta é surpreendente. Deus diz ao povo por meio de Moisés: "Eu ouvi as palavras deste povo, que te disseram. Em tudo falaram bem. Quem dera que eles tivessem tal coração que Me temessem, e em todo o tempo guardassem todos os Meus mandamentos, para que bem lhe fosse a eles e a seus filhos para sempre!"[24] Vou tentar dizer de outra forma o que Deus falou: "Moisés, Eu ouvi tudo. São palavras muito bonitas. Mas, Moisés, posso ser sincero? Isso é tudo da boca para fora! Bem que Eu queria que fosse assim; bem que Eu queria que eles Me obedecessem! Quero fazer tanto bem a eles e aos seus filhos!"

A história de vida de Maria Madalena se parece com as descrições que encontramos no Antigo Testamento a respeito dos altos e baixos do povo de Israel. Quando se levantava um líder que temia a Deus, o povo melhorava sua condição espiritual; mas, quando esse líder morria, os israelitas caíam em idolatria. Um exemplo disso é relatado em Juízes 10:5 e 6: "Morreu Jair, e foi sepultado em Camom. Então tornaram os filhos de Israel a fazer *o que era mau* aos olhos do Senhor, e serviram aos baalins e a astarote, e aos deuses da Síria, e aos de Sidom, e de Moabe, e dos amonitas, e dos filisteus". Em outras palavras, Israel caiu em completo politeísmo, segundo o costume das outras nações. O verso 7 diz que "acendeu-Se a ira do Senhor contra Israel".[25] A propósito, a expressão "o que era mau aos olhos do Senhor" ou variantes do tipo "o que era mau perante o Senhor" ocorre 49 vezes no Antigo Testamento.[26] Creio que não seria possível a Bíblia construir um quadro mais preciso de total instabilidade espiritual.

Bastava sentir novamente o calor da opressão e o povo se voltava para Deus. Não é assim que agimos às vezes? Em Juízes 10:11-12, encontramos uma lista de nações contra as quais o Senhor livrou o Seu povo. No verso 14, vemos Deus despertando a consciência do povo para o fato de que é inútil apoiar-se em outros deuses. O texto chega a ser irônico: "Ide e clamai aos deuses que escolhestes. Que eles vos livrem

no tempo do vosso aperto.” No verso seguinte, o povo reconhece seu pecado, e pede livramento mais uma vez. O verso 16 mostra que foi sincera a oração, tendo em vista que nos chega a afirmação de que eles “tiraram os deuses alheios do meio de si, e serviram ao Senhor”.

Ao ler histórias como essa, não consigo evitar o pensamento de que se qualquer um de nós estivesse no lugar de Deus, possivelmente teria aproveitado a situação para dar aquilo que chamamos de “lição de moral”. Talvez dissesse ao povo: “Pois é, quando está tudo bem, vocês Me esquecem; mas quando as coisas começam a apertar, então vocês se lembram de que Eu existo.” Ao contrário do que a maioria de nós faria, a ação de Deus expressa no texto é mais um retrato de Seu amor, de Sua bondade e de Sua misericórdia. O verso 16 de Juízes 10 termina dizendo: “E o Senhor não pôde mais suportar a angústia de Israel.” Que Deus! Essa história termina com a vitória de Israel sobre os amonitas, sob a liderança de Jefté.[27] Mais uma vez, Deus livrou Seu povo. Houve um momento na história de Israel em que o coração do povo estava tão dividido que Deus precisou mandar um recado por meio de Isaías. As palavras nos chegam em tom comovente: “Este povo se aproxima de Mim com a sua boca, e com os seus lábios Me honra, mas o seu coração está longe de Mim. O seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, *em coisa aprendida por rotina.*”[28]

A história de Maria não é diferente. Altos e baixos marcaram sua existência. Porém, quem nunca passou por essa gangorra que atire a primeira pedra! A história de Israel registrada no Antigo Testamento deixou claro que isso faz parte da natureza humana, mas também mostrou que as reivindicações divinas são um sinal de que é possível viver uma vida vitoriosa; afinal, Deus não pediu de nós algo que não nos fosse possível dar. Tenho conversado francamente com alguns amigos sobre questões espirituais, e tenho percebido que ninguém que conheço consegue manter uma crescente constante sem jamais sofrer uma interrupção. Compromissos, trabalho, estudos, leituras são distrações que atraem nossa atenção diariamente. Mas, em hipótese alguma, isso configura pequenas derrotas. Ao contrário, nosso maior desafio, talvez, seja transformar esses eventos comuns de nosso cotidiano em uma oferta a Deus. Conforme afirmou Joan Chittister, devemos “viver a vida

comum extraordinariamente bem [...]; se não formos espirituais onde estamos e como somos, não somos absolutamente espirituais".[29] O problema de Maria e do povo de Israel é que eles se envolveram com atividades e compromissos dos quais Deus não podia participar. Se quisermos ser espirituais onde estamos, precisamos estar seguros de que estamos nos lugares certos.

Às vezes, fico pensando o que eu teria feito se estivesse naquele jantar, vendo Maria derramar uma oferta sobre os pés de Jesus. Teria feito objeções carregadas de hipocrisia, feito Judas? Teria considerado um desperdício, como os discípulos? Teria levantado suspeitas sobre a autenticidade do ministério de Jesus, como Simão (que não foi autêntico o suficiente para verbalizar seus pensamentos)? Estaria distraído como Marta? Estaria sentado à mesa como Lázaro e outros convidados? Ou estaria aos pés de Jesus, *no lugar de* Maria? Ou melhor, estaria aos pés de Jesus *ao lado de* Maria? A posição em que nos colocamos diante do Senhor determina o tipo de experiência que teremos com Ele. Se quisermos ser "grandes" aos olhos de Deus, cair de joelhos a Seus pés é a melhor maneira de consegui-lo. Na verdade, essa é a única maneira.

Jesus reagiu ao desprendimento de Maria com a mesma bondade e misericórdia que assinalaram Suas ações com o povo de Israel no Antigo Testamento. Suas palavras demonstram como Ele lida com a fragilidade humana: "Os teus pecados te são perdoados. [...] A tua fé te salvou; vai-te em paz." E Maria foi, e se tornou uma fiel seguidora de Cristo. Podemos encontrá-la nos quatro evangelhos. Ela está entre as mulheres que auxiliaram o ministério de Jesus;[30] estava ao pé da cruz durante a crucificação;[31] foi à sepultura antes da ressurreição;[32] foi a primeira a ver Cristo ressuscitado;[33] foi a primeira a dar testemunho de que Ele havia ressuscitado.[34]

Substantivos na areia

"Eu também não te condeno" parecia muito bonito para ser verdade. Mas era verdade. De fato, aquela mulher flagrada em adultério não entrou em cena como a personagem principal: Jesus era o alvo. Escribas e fariseus respiravam ódio e desejo de destruir o homem que

estava roubando sua popularidade. Para eles, Cristo não passava de um grande impostor. Mas o que parecia um plano infalível para pegá-Lo numa contradição, tornou-se um forte exemplo da coerência que sempre marcou as palavras e ações de Jesus. Um bando de homens mal intencionados e prontos a acusar voltou para casa decepcionado e com dor na consciência, enquanto a mulher, aparentemente prestes a receber uma pena de morte irrevogável, e por apedrejamento, voltou perdoada.

O anseio por um momento em que eles pudessem deixar Jesus numa situação de embaraço era tão intenso que aqueles homens não se deram conta da fragilidade de sua farsa. Primeiro, ao se reportarem à lei de Moisés, acabaram omitindo um detalhe importante: “Mestre, esta mulher foi apanhada em adultério. Na lei nos ordenou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?”[35] Essa acusação deixou de mencionar que não apenas a mulher deveria ser morta, mas também o homem. Em segundo lugar, em Levítico 20:10, não temos a afirmação de que a punição de morte deveria acontecer por apedrejamento. A pena é indefinida, nesse caso. Contudo, a pena por apedrejamento é clara no caso de uma mulher noiva, virgem e que não declinou diante das tentativas de sedução de outro homem. A orientação era: “trareis ambos à entrada daquela cidade, e os apedrejareis, até que morram”.[36] O uso do pronome “tu” é enfático, nessa situação, e isso nos dá a entender que a intenção dos acusadores era colocar Jesus contra Moisés. A punição da mulher estava em segundo plano.

O dilema parecia intransponível. Nas palavras de Fredrikson e Ogilvie, se Jesus lhes dissesse que deveriam deixá-la ir, “eles Lhe acusariam de quebrar a lei de Moisés. Mas se lhes desse permissão para apedrejá-la, Ele quebraria a lei romana, que não admitia pena de morte a ninguém sem sua aprovação”.[37] Vendo de outro modo, se Ele ignorasse o assunto, poderia ser acusado de acobertar o pecado; e, se a condenasse, poderia ser acusado de contradizer suas próprias palavras: “Porque Deus não enviou Seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele” (Jo 3:17).[38] Outra questão fundamental é que se Ele fosse severo nesse caso, certamente perderia Sua popularidade com as multidões; afinal, ele era conhecido como alguém misericordioso com os pecadores.[39] Com efeito, os acusadores

estavam convictos de que finalmente O haviam colocado num beco sem saída.

A situação era decisiva. Somente um justo e sábio juiz poderia solucionar esse caso. Então, qual um poeta que usa as palavras segundo o que elas têm de melhor, Ele começa a escrever, atribuindo às palavras significados cujo poder é o de alcançar nossos sentimentos mais secretos, mesmo aqueles dos quais a percepção não é clara para os próprios autores. Por essa, eles não esperavam. A forma de Jesus agir é tão original, que, como disse Walter Wink, se Ele "nunca tivesse vivido, não poderíamos tê-Lo inventado".[40] Fazendo um comentário sobre esse episódio, Paul Tournier afirma que "tudo se passa como se a presença de Cristo operasse a mais estranha inversão: Ele apaga a culpa que esmagava aquela mulher e suscita culpa naqueles que não a experimentavam".[41]

Gosto de pensar nessa cena: Jesus escrevendo. O que Ele teria escrito a meu respeito? Gostaria de ter acesso àquelas palavras! Se eu soubesse utilizá-las, talvez pudesse desvendar aquilo que não consigo explicar com as minhas palavras; talvez aquelas palavras me levassem para além do medo, da inconstância e da inquietude. Mas eu não sei aquelas palavras! E não sei, porque, diferentemente daquele homem, não tenho o poder de ler o coração das pessoas! Compartilho da experiência de James Boice:

> Eu não sei por que Ele escreveu no chão, e mais, não acredito que alguém saiba. Já li diversos comentários sobre esses versos, e fico surpreso ao perceber que praticamente cada um deles dá uma resposta diferente. Alguns sugerem que Jesus escreveu no chão para ganhar tempo. Outros argumentam que Ele agiu assim para forçar os acusadores a repetir suas acusações, pensando que, talvez, a vergonha da situação pudesse tornar evidente, mesmo para eles, o que eles haviam acabado de dizer. Às vezes, os advogados seguiam esse procedimento na corte da lei. […] Alguns sugerem que esse era um ato simbólico, que pretendia relembrar aos acusadores Jeremias 17:13: "Ó Senhor, Esperança de Israel! Todos aqueles que Te deixam serão envergonhados; o nome dos que se apartam de mim será escrito

> no chão; porque abandonam o Senhor, a fonte das águas vivas". Talvez, tendo em vista que Jesus conhecia os corações, Ele estivesse escrevendo seus pecados. Talvez, Ele tenha escrito as palavras que usou depois.[42]

Também me pergunto se Ele teria escrito substantivos ou adjetivos, ou se seriam sentenças completas. Particularmente, não acredito que Ele tenha escrito adjetivos por uma razão simples. Se, por um lado, os adjetivos enaltecem as virtudes das pessoas, por outro, eles também condenam: não creio que Ele tenha escrito expressões como *cheios de ódio*, *invejosos*, *caluniadores*, *farsantes* ou *acusadores*; mas termos como *ódio*, *inveja*, *calúnia*, *farsa ou acusações*. A diferença é crucial: Jesus veio ao mundo para condenar o pecado e salvar o pecador. Ao escrever substantivos na areia, Jesus estava despertando a consciência daqueles homens para o fato de que, perante a lei, eles também eram culpados. A situação me faz lembrar uma antiga canção, que dizia, em determinado trecho: "a Sua lei escreveu nas pedras, mas meus pecados gravou na areia".

Em seu livro *Aos Pés de Jesus*, Doug Batchelor nos lembra de que em toda a Bíblia encontramos apenas três momentos em que Deus escreveu: a lei na pedra (os dez mandamentos), uma maldição na parede (a sentença contra o rei Belsazar e seu povo) e pecados na areia. Das três situações, a areia é o "papel" mais frágil. Existe um importante significado nisso: a lei foi escrita na pedra a fim de representar a sua validade eterna, mas os pecados foram escritos na areia para serem apagados. Chego à conclusão de que Jesus não teria escrito ali nomes de pessoas, porque Seu interesse jamais foi apagar pessoas, mas pecados. Aqueles homens se aproximaram de Cristo com o desejo de pegá-Lo em contradição; Jesus Se dirigiu a eles com o desejo de lhes oferecer graça. Que contraste! Porém, como bem observou Paul Tournier, Cristo foi um pouco além:

> Apresentar somente a graça é amputar a metade do evangelho. A graça é para a mulher que treme diante de sua culpa. Mas seus acusadores poderão partilhar da graça somente se redescobrirem por

> si mesmos o peso da culpa. Apresentar, pelo contrário, só a severidade de Deus, é também amputar a verdade do evangelho. Jesus suscita a culpa não para condenar, mas para salvar, porque a graça é dada a quem se humilha, a quem toma consciência de sua culpa.[43]

Recentemente, li uma afirmação de James Flecker que me fez pensar na história contada no evangelho de João: “não cabe ao poeta salvar as almas dos homens, mas cabe torná-las dignas de salvação”.[44] Mas Aquele não é um poeta comum. Aquele é o Poeta que trouxe os mundos à existência. Ele não apenas tem o dom da palavra: Ele é a Palavra! A Ele cabe salvar as almas dos homens. A Ele cabe torná-las dignas de salvação. Em seu poema, Ele reservou uma estrofe para mim, para você, para Maria, para João, para José, para cada um de nós.

Talvez o dia já estivesse quase amanhecendo, e o vento frio do fim de noite era um símbolo do vazio interior de Maria. “Quem estiver sem pecado, lance a primeira pedra”: essas palavras soaram como uma sentença de morte. Por um instante, ela se encolheu para esperar o fim iminente. Acabaria assim sua vida? Tão jovem havia saído de casa para escapar às investidas licenciosas de um tio lascivo e à vergonha de ter se tornado mal falada pela vizinhança! Em Magdala, sem perspectivas, sem trabalho, sem amor, uma vida dissoluta, sem sentido, vazia. A luta constante contra demônios que insistiam em manter o domínio. O encontro com Alguém que mudaria a trajetória de sua vida. As promessas de mudança, os altos e baixos, as recaídas. Finalmente livre do poder dos demônios pela atuação de um poder infinitamente maior que o deles, o retorno a Betânia. Novamente a queda! Não creio que ela se deu conta de que se tratava de um plano, mas a soma em dinheiro deve ter sido suficientemente tentadora para que ela cedesse mais uma vez. Enfim, percebeu que tudo não passava de uma farsa: aquele momento, aquela noite, noites anteriores, a vida inteira.

O pecado é uma farsa. Primeiro, a impressão de uma vida alegre e cheia de glamour; depois, um tremendo buraco negro instalado dentro do peito. Realmente acabaria assim a pobre existência de Maria Madalena? Ainda encolhida, em fração de segundos toda sua história lhe vem à lembrança como um trailer de um filme. As chances desperdiçadas devem ter lhe provocado uma dor mais dilacerante do

que ela imaginava que pudesse ser a dor dos tiros em formato de pedras. Pronta para morrer, seu coração sabe que, entre a primeira e a última pedra, um pequeno intervalo de tempo seria seu momento de graça. Ela pediria perdão por seus pecados? Pediria perdão por ter desperdiçado tantas chances? Teria forças para fazer isso?

Em vez disso, o barulho de pés se mexendo e se tornando distantes a cada segundo demonstrava que algo estranho estava acontecendo. À medida que eles se vão, é o próprio Jesus quem Se torna distante, embora permaneça imóvel e à espera, como se fosse um sol a se despedir de vidas mal aquecidas, deixando a impressão de que não se importa com elas, mas ainda a derramar seus raios dourados, como ato supremo de piedade, enquanto o horizonte, além das montanhas, sequiosamente o aguarda a fim de dizer: “Boa noite! O dia terminou”. O de Maria estava apenas começando.

Poderia ser verdade? Falta-lhe coragem para levantar os olhos e tentar entender a cena que se desdobra diante de si. De repente, como que uma luz ao final de um túnel que era só trevas lhe prenuncia uma centelha de esperança. Mas ainda lhe resta um temor. Como reagiria Aquele que por não ter nem um pecado poderia lançar a pedra? Finalmente, levanta os olhos, e os dela encontram os dEle. Ele não precisaria dizer nada para que ela compreendesse que Seu coração era todo ternura. Se ela pudesse dar um nome àquele par de olhos, certamente os chamaria de compaixão. Mas, diferente dEle, ela não tem o poder de ler os pensamentos. Ele falaria para acalmar sua inquietude: “Onde estão eles? Ninguém ficou para te condenar?”

Fico pensando por que Ele precisou fazer essa pergunta. Ela me parece extremamente óbvia para que pudesse ser formulada. Porém, havia algo que ainda não estava tão óbvio na mente de Maria. Ela estava diante do Único que tinha o poder de condenar; em vez disso, Ele preferiu salvar. Aqueles homens foram embora porque, por mais que quisessem, não tinham o poder de proferir uma sentença contra ela. Após entender a lição, seus ouvidos recebem as palavras que mudariam sua vida para sempre. Como a voz que falou a Elias, essas palavras não chegaram por meio de um forte vento, de um trovão ou de uma tempestade, mas como uma brisa mansa, e a sussurrar, como se estivesse soletrando uma frase, sílaba a sílaba, em um idioma não muito

inteligível: “Eu tam-bém não te con-de-no. Vai, e não pe-ques mais!”

De fato, Maria não conhecia aquela linguagem: a linguagem do amor, da ternura e da compaixão era algo novo e surpreendente. Alegria imensurável explodiu de dentro para fora, como se fosse uma forte represa estourando pela força das palavras de Cristo, fazendo jorrar um contentamento que ela nunca havia experimentado antes. Muitos dias depois, essas águas ainda transbordariam de seus olhos, caindo como cascata sobre os pés de seu Salvador. Em um segundo, ela percebeu que falaria aquela linguagem pelo resto da vida. Pela primeira vez, sua vida fez sentido. Como disse Pascal,[45] o conhecimento de Deus sem conhecimento da corrupção humana gera orgulho, e o conhecimento da corrupção humana sem o conhecimento de Deus gera desespero; mas o conhecimento de Jesus Cristo, por sua vez, fornece ao ser humano o conhecimento simultâneo de ambos. Maria conheceu Jesus Cristo, e esse conhecimento colocou o amor de Deus e sua própria corrupção na perspectiva correta. Pascal acrescenta que “a condição humana é um enigma, pois o ser humano é ao mesmo tempo miserável e grandioso”. Eu chamo isso de graça.

Mas o que realmente significavam aquelas palavras de Jesus? Ela não deveria mais cometer pecados a fim de ser salva? Ainda meditando nas ações daquele homem, que era plenamente Deus disfarçado com as vestes de um jovem galileu, como um sobressalto a resposta lhe chegou ao coração: “Eu irei, e não voltarei à vida passada não para ser salva, mas porque fui salva!” A mulher também percebeu que a misericórdia de Deus não é uma espécie de licença para o pecado; é, antes, a graça que nos causa repulsa ao pecado. Nós não a encontramos mais sendo levada seminua a uma praça sob a acusação de adultério; não a vemos dominada por demônios. Ao contrário, podemos encontrá-la constantemente entre os fiéis seguidores de Jesus; podemos vê-la ao pé da cruz, num momento em que muitos amigos haviam fugido. Os relatos dos evangelhos nos mostram que ela acompanhou o corpo de Jesus à sepultura, e estava no local na manhã da ressureição. Certamente, ela também estava no momento em que Cristo retornou ao Céu, deixando seu coração repleto de saudade e com a forte impressão de que seu lar estava em algum ponto do Universo, para onde Jesus estava subindo,

numa comitiva cheia de anjos. Podemos imaginá-la desfrutando de uma alegria imensurável; afinal, como disse Richard Foster: “na vida espiritual só uma coisa produzirá a autêntica alegria: a obediência. [...] A alegria vem pela obediência a Cristo, e resulta de obediência a Cristo. Sem obediência, a alegria é oca e artificial”.[46] Maria compreendeu que o caminho do pecado leva à morte, mas a obediência que nasce como fruto da graça conduz à vida!

Em seu livro *Cristianismo Puro e Simples*, C. S. Lewis busca explicar o que conduz uma pessoa à salvação. Acredito que vale a pena transcrever algumas de suas palavras:

> Se lhe agrada colocar as coisas sob essa perspectiva, Cristo nos oferece algo por nada; na verdade, oferece tudo por nada. Num sentido, toda a vida cristã se baseia em aceitar essa oferta extraordinária. A dificuldade está em chegar ao ponto de reconhecer que tudo o que fazemos e podemos fazer se resume a nada. [...] num outro sentido [...], é claro que deixar tudo nas mãos de Cristo não significa que devemos parar de nos esforçar. Confiar nEle significa tentar fazer tudo o que Ele disse. [...] Os cristãos sempre tiveram o costume de polemizar sobre o que conduz o cristão à sua morada: se as boas ações ou se a fé em Cristo. [...] A Bíblia encerra a discussão quando junta as duas coisas numa única sentença admirável. A primeira metade diz: “Ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor” — o que dá a ideia de que tudo depende de nós e de nossas boas ações; mas a segunda metade complementa: “Pois é Deus que efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar” — o que dá a ideia de que Deus faz tudo e nós, nada. Esse é o tipo de coisa com a qual nos defrontamos no cristianismo. Fico perplexo, mas não surpreso.[47]

Creio que é isso que aconteceu com Maria. No momento em que Jesus disse: “Eu também não te condeno”, Ele estava lhe assegurando o direito à eternidade. Ela não fez nada para que isso fosse possível. De fato, ela não precisava fazer nada para que isso se tornasse possível. Imaginar que podemos obter a salvação a partir do que fazemos, é

considerar que temos condições de pagar um preço inestimável. Por outro lado, não podemos esquecer que a afirmação de Jesus não encerra no “Eu também não te condeno”. Ele completa: “vai, e não peques mais”. Nesse sentido, há algo que podemos fazer, e isso está no campo da decisão. Eu tenho que decidir se quero ou não ser salvo. E a minha decisão não se torna patente a partir de uma mera confissão de fé, mas a partir das minhas ações.

Jacques Doukhan afirma que “muito frequentemente os cristãos superenfatizam a cruz, a graça e o amor de Deus em detrimento de sua justiça. Resumindo a religião em emoções ou espiritualidade, esquecem as repercussões históricas da salvação”.[48] Por sua vez, Ellen White comenta que “a conversão tem-se tornado uma perplexidade para muitos, por causa das doutrinas de molde a confundir que são ensinadas quanto ao *que é religião*. [...] Ir a Cristo não requer penoso esforço mental e agonia. É simplesmente aceitar os termos da salvação os quais Deus fez claros em Sua Palavra”.[49] Por outro lado, ela também afirma que “os filhos de Deus [...] não raro embaraçam a operação da Providência em seu favor, porque consideram que prudência e penoso esforço pouco têm que ver com religião”.[50] Honestamente, não acredito que a pessoa que não se esforça para ir à igreja, estudar a Bíblia, manter comunhão com Cristo e testemunhar tenha sinceramente tomado a decisão de ir para o Céu. Ou ela está enganando a si mesma ou não compreendeu o que Deus espera dela. Às vezes, manter comunhão com Cristo envolve atitudes como acordar mais cedo e dormir mais tarde, e eu não daria a isso um nome mais adequado do que *penoso esforço*. Porém, há outra questão a considerar. Maria não havia sido salva desde os encontros anteriores com Cristo? Por exemplo, nas ocasiões em que Jesus a libertou de demônios? Acredito que mais importante do que formular essa pergunta, é pensar na paciência de Jesus para alcançar completamente o coração dela.

As ações e palavras de Cristo, culminando com aquela madrugada na praça do templo, fizeram-lhe crer em algo que o apóstolo Paulo escreveria mais tarde: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”[51] Ela também entendeu algo que João escreveu em uma de suas cartas, cujo pensamento parafraseado pode ser apresentado da seguinte forma: o

ideal é que não pequemos, mas em face da condição humana é impossível viver sem pecados. Contudo, isso não é uma desculpa para pecar. Ao contrário, uma vez que retornamos da morte para a vida, o pecado na vida de um fiel seguidor de Jesus não passa de um acidente de percurso. No entanto, quando isso acontecer, não somos abandonados. É por isso que os evangelhos não podem ser lidos como aqueles livros que lemos apenas uma vez. Como disse Roberto Badenas: “Estes textos não foram escritos para serem arquivados, mas para nos questionar em nossas atuações diárias. Se me atrevo a contá-los à minha maneira é porque sei que antes de serem escritos foram vividos e contados. E foram escritos precisamente para serem contados e vividos de novo, indefinidamente.”[52] Finalmente, nas palavras de João, “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, *o Justo.*”[53] O coração de Maria percebeu isso naquela madrugada, na praça; e o meu, a cada vez que (re)leio esta história.



[1] Lucas 15:1.

[2] Lucas 19:7.

[3] Lucas 19:10.

[4] A. Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Luke* (Londres: T&T Clark International, 1896).

[5] S. H. Horn, (Editor) *The Seventh-day Adventist Bible Dictionary* (Washington, DC: Review and Herald, 1979), p. 1181.

[6] Morris Venden, *Como Jesus Tratava as Pessoas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989), p. 75.

[7] S. H. Horn (editor), *The Seventh-day Adventist Bible Dictionary* (Washington, DC: Review and Herald, 1979), p. 1182.

[8] Francis D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1978), v. 5, p. 764.

[9] João 7:45-53.

[10] Lucas 11:37; 14:1.

[11] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 391.

[12] Francis D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review

and Herald, 1978), v. 5, p. 766.

[13] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 325.

[14] Ellen G. White, “A Sabedoria e a Compaixão de Jesus”, *The Signs of the Times*, 23 de outubro de 1879.

[15] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 245.

[16] Lucas 7:42.

[17] Lucas 7:43.

[18] Lucas 7:48, 50.

[19] J. M. Boice, *The Gospel of John: The Coming of The Light* (Grand Rapids, MI: Baker, 2005), v. 1, p. 34

[20] Doug Batchelor, *Aos Pés de Jesus: O Evangelho Segundo Maria Madalena* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), p. 22.

[21] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 398 (itálicos acrescentados).

[22] Deuteronômio 10.

[23] Deuteronômio 5:27.

[24] Deuteronômio 5:28, 29.

[25] Diferentemente dos deuses das nações vizinhas a Israel, que eram vingativos, enciumados e ficavam irados quando os homens deixavam de lhes render homenagem, a Bíblia afirma que Deus é zeloso e que a Sua ira é, em última instância, um ato de amor. Isso contrariava a visão da época, porque não se acreditava que os deuses amavam os homens, nem tampouco que tinham interesse em se relacionar com eles.

[26] Esses dados foram obtidos a partir do BibleWorks Software. Trata-se de um programa de computador que auxilia a pesquisa bíblica.

[27] Juízes 11.

[28] Isaías 29:13.

[29] Citado por Philip Yancey, *Sinais da Graça* (São Paulo: Mundo Cristão, 2011), p. 199.

[30] Lucas 8:2.

[31] Mateus 27:56; Marcos 15:40.

[32] Mateus 27:61; 28:1; Marcos 15:47.

[33] Marcos 16:9.

[34] João 21:18.

[35] João 8:4, 5.

[36] Deuteronômio 22:23, 24.

[37] Roger Fredrikson, “John”, em L. J. Ogilvie, *The Preacher’s Commentary Series* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1985), v. 27, p. 150.

[38] A. W. Pink, *Exposition of the Gospel of John* (Swengel, PA: Bible Truth Depot, s/d), p. 420.

[39] H. D. M. Spence-Jones, *The Pulpit Commentary: The Gospel of St. John* (Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2004), v. 1, p. 374.

[40] Citado por Philip Yancey, *O Jesus que Eu Nunca Conheci* (São Paulo: Vida, 2004), p. 23.

[41] Paul Tournier, *Culpa e Graça: Uma Análise do Sentimento de Culpa e o Ensino do Evangelho* (São Paulo: ABU, 1985).

[42] J. M. Boice, *The Gospel of John: An Expositional Commentary* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2005), p. 605.

[43] Paul Tournier, *Culpa e Graça: Uma Análise do Sentimento de Culpa e o Ensino do Evangelho* (São Paulo: ABU, 1985).

[44] Philip Yancey e James Calvin Chaap, (organizadores) *Muito Mais que Palavras: Como os Mestres da Literatura Influenciaram Escritores Cristãos* (São Paulo: Vida, 2005), p. 15.

[45] Comentado por William Lane Craig, *Apologética Contemporânea: a Veracidade da Fé Cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2012), p. 62.

[46] Richard Foster, *Celebração da Disciplina: O Caminho do Crescimento Espiritual* (São Paulo: Vida, 1983).

[47] C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2005).

[48] Jacques Doukhan, *Secrets of Revelation: The Apocalypse Through Hebrew Eyes* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002), p. 65.

[49] Ellen G. White, *Para Conhecê-Lo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001[CD-Rom]), p. 113.

[50] Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 324.

[51] Romanos 8:31.

[52] Roberto Badenas, *Encontros: Você Vai se Surpreender Com o Poder do Amor* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006), p. 6, 7.

[53] 1 João 2:1.



A GRAÇA QUE BASTA

A cruz é imposta a cada crente. O primeiro sofrimento com Cristo, ao qual ninguém escapa, é o chamado que nos chama para fora das vinculações com o mundo. É a morte do velho ser humano no encontro com Jesus Cristo. Quem entra no discipulado entrega-se à morte de Jesus, expõe sua vida à morte. [...] Quando Cristo chama um homem, Ele o manda vir para morrer.

Dietrich Bonhoeffer

Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro.

Paulo de Tarso

Embora seja um homem que ainda não chegou ao que chamamos de meia-idade, sou do tempo em que se enviavam e recebiam cartas de papel. Num momento em que, de certo modo, o papel está se tornando obsoleto, os adolescentes, e mesmo alguns adultos, podem considerar algo *pré-histórico* e completamente ultrapassado o envio de uma carta. Minha esposa e minha irmã, por exemplo, colecionavam papéis de carta. Aliás, fico me perguntando que menina não tinha uma coleção dessas na década de 80.

Lembro-me de algumas cartas que enviei para minha esposa e tantas outras que recebi. Não porque morávamos longe um do outro – de fato, eu só precisava caminhar 1.000 metros para chegar à sua casa –, mas porque essa era uma prática comum entre os namorados daquela época. Sinto que a coisa não mudou, apenas trocamos o papel pelo computador, e isso tem um valor para a nova geração semelhante ao que tinha o envio de cartas de papel para aquela geração.

Sem querer ser saudosista – ou talvez querendo –, acredito que havia

uma grande vantagem no envio de cartas. É que a personalidade e os sentimentos do escritor saltavam com mais facilidade das palavras, e isso por uma série de fatores: a própria escolha do papel, a caligrafia, a estrutura do texto, as margens, tudo isso atribuía um tom pessoal que, a meu ver, perdeu-se quase completamente com a chegada da era digital. Preciso deixar claro que não tenho nada contra o computador e os *e-mails*; ao contrário, esses recursos facilitaram tanto a minha vida que mal consigo me imaginar sem eles.

Acho interessante o fato de que enviar cartas é algo tão intrinsecamente ligado à história humana que, apesar de ser uma prática milenar, jamais caiu na obsolescência; ao contrário, com a chegada do computador, nunca enviamos e recebemos tantas cartas. Por exemplo, já me ocorreu de abrir minhas caixas de entrada do Gmail e Hotmail, e chegar a contar quase 50 cartas em um só dia. Tenho colegas que chegam a receber mais de 100! Com um pouco de humor, preciso dizer que tenho a impressão de que nem ícones famosos das décadas de 1970 e 1980, em toda a sua glória, receberam tantas cartas assim em um só dia.

Não apenas as cartas são um tipo de escrita praticado há milênios, elas eram o tipo mais comum de escrita na antiguidade. Uma estudiosa do Novo Testamento disse certa vez que: “A carta era um dos tipos mais comuns de escrita no período romano. Era o meio pelo qual os monarcas e imperadores administravam seus domínios, e pelo qual as autoridades judaicas em Jerusalém mantinham integrados o culto e a comunidade do povo judeu até a destruição do templo.”[1]

Quando penso nessas questões, chego à conclusão de que Paulo utilizou um dos meios mais comuns que tinha à disposição para a pregação do evangelho. Fico pensando no que aconteceria se fizéssemos o mesmo hoje com os *e-mails*, Facebook e Twitter. A propósito, fiquei refletindo, recentemente, em uma afirmação que encontrei na internet, atribuída ao pastor John Piper. Segundo essa afirmação, a maior contribuição do Facebook e do Twitter será mostrar, no dia do juízo, que falta de tempo não era problema para a oração. Acho que estou ficando de calças curtas. Preciso explicar mais uma vez que não tenho problemas com a tecnologia, mas com a maneira como a

utilizamos no nosso cotidiano.

Dentre os gêneros literários da Bíblia, não creio que haja outro mais pessoal do que a carta. Considerando que, conforme comenta o teólogo Eugene Boring,[2] praticamente o Novo Testamento poderia ser resumido nesses dois gêneros: carta e evangelho, essa porção das Escrituras chega até nós com um tom bastante pessoal. Além disso, as cartas de Paulo são responsáveis por ocupar praticamente metade de todo o espaço do Novo Testamento. Ter isso em mente é importante, porque, segundo F. F. Bruce, "de todos os escritores do Novo Testamento, Paulo é o que gravou sua própria personalidade de modo mais inconfundível em seus escritos".[3] É por essa razão, acrescenta Bruce, "que ele tem assegurado um lugar entre os grandes escritores de cartas da literatura mundial [...], porque elas expressam de modo tão espontâneo, e por isso eloquente, seu pensamento e sua mensagem". Às vezes, eu me pego pensando por que ele escreveu tanto. Encontro uma alternativa de resposta nas palavras de Antônio Campos: "Escrever um livro é como mandar cartas aos amigos. Por que se escreve uma carta? Porque não se pode falar, nem calar."[4] Paulo escrevia para amigos, e o fazia porque não podia estar lá para orientá-los ou mesmo para uma boa conversa depois de uma deliciosa refeição: ele não podia calar. O fato é que, por essas e outras razões, o apóstolo é admirado e estudado não apenas dentro do universo cristão, mas também fora dele.

A essa altura, estou me sentindo forçado a admitir que, à exceção de Jesus, Paulo é o meu personagem bíblico preferido, e, por isso, tive a alegria de dedicar algum tempo pesquisando um pouco mais a respeito de sua vida e de suas cartas. O resultado dessa pesquisa é o livro *Retórica e Teologia nas Cartas de Paulo*, já mencionado.

Sinto, nesse momento, a necessidade de dissolver uma dúvida que acomete os leitores de Paulo. Devemos chamar os seus escritos de cartas ou epístolas? Diversos estudiosos tentaram estabelecer esse tipo de distinção, a exemplo de um especialista nos escritos paulinos, chamado Édouard Cothenet.[5] Ele afirma que a carta tem um valor mais pessoal, mais informativo, como dar notícias; a epístola seria algo mais elaborado. Assim, ele conclui que Filemom seria uma carta, e Romanos, uma epístola. No entanto, o especialista admite que essa divisão não é

tão simples assim. Em vez disso, é melhor reconhecer que não é possível fazer essa diferenciação nas cartas de Paulo e que os termos carta e epístola podem ser usados indistintamente. Desse modo, tanto faz dizer Carta a Filemom ou Epístola a Filemom, assim como Carta aos Romanos ou Epístola aos Romanos.

Lendo algumas biografias de Paulo, observei que os autores acabam atribuindo a ele alguns títulos que o identificam de alguma forma: *Paulo, o apóstolo*; *Paulo, o escritor de cartas*; *Paulo, o teólogo* e *Paulo, o missionário*, são alguns exemplos de uma lista que pode se tornar bem maior. Acredito que cada um desses apostos retrata um pouco do que Paulo era. Na verdade, ele era tudo isso. No entanto, uma dessas biografias traz um aposto que, a meu ver, representa de maneira mais completa quem foi o apóstolo e o caráter da sua missão: Paulo, *o apóstolo da graça,* de F. F. Bruce. Não que exista um problema nos demais títulos. Absolutamente não. Quem escreve sabe como é difícil atribuir título aos textos. Mas porque se existe algo que Paulo enfatizou em seu ministério é a graça misteriosa, insondável e incomensurável de Jesus Cristo. Há outro detalhe que também preciso dizer. Cada autor, por opção, metodologia, espaço, ou outra coisa qualquer, decide que aspecto da vida de Paulo enfatizar, e geralmente o aspecto enfatizado acaba aparecendo no título do livro.

Uma das características que mais me encanta nas cartas de Paulo é que não apenas ele fala de maneira espontânea, apaixonada e eloquente, mas ele faz tudo isso com um estilo que o torna único no Novo Testamento. Ele usa constantemente aquelas expressões que nós chamamos de hipérboles. Para mim, por uma razão muito clara, não apenas ele quer falar da graça de Deus, mas ele quer falar de uma forma que a enalteça acima da imaginação mais fértil: a graça é maior do que qualquer coisa que possamos imaginar.

Para se ter uma ideia do quanto Paulo aprecia falar da graça de Cristo, basta saber que das quase 200 ocorrências da palavra “graça” na Bíblia, ele a utiliza cerca de 90 vezes. Em outras palavras, ele é responsável por praticamente metade das ocorrências da palavra graça em todas as Escrituras. Acertadamente, afirmou Bruce: “a contribuição mais destacada de Paulo ao mundo [...] foi sua apresentação das boas novas da graça gratuita”. Pode parecer uma redundância a expressão

“graça gratuita”, mas Bruce explica que ela é gratuita “no sentido de que é oferecida às pessoas, para ser aceita apenas pela fé”.[6] Para mencionar apenas um exemplo de como Paulo apresenta a graça de Jesus, basta observar o que ele diz em Romanos 5:20: “Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, *superabundou* a graça”. Uma tradução alternativa para a segunda parte do verso seria: “onde abundou o pecado, a graça abundou *muitíssimo mais”*.

Faço agora uma pergunta: como entender o que Paulo quer nos ensinar sobre a graça de Cristo? Penso que uma resposta seria: analisando como a graça agiu na sua vida; como a graça lhe ajudou a superar os sofrimentos, os naufrágios, os açoites, a oposição, a solidão, as prisões, o frio, a escassez de pão, o espinho na carne e, finalmente, o martírio.

Mudança de rumo

Se quisermos entender como a graça transformou a vida de Paulo, a estrada para Damasco é o ponto de partida. Talvez, alguns sugerissem que começássemos antes; afinal, como um fanático fariseu acabou se tornando um ardoroso cristão? É exatamente essa pergunta que me leva a Damasco. Somente algo sobrenatural e profundamente tocante poderia mudar os rumos de Paulo. Pela primeira vez, ele percebeu que “a Palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes”.[7] Foi naquele encontro que ele deixou de meramente ter conhecimento de Deus para ter uma relação concreta com Ele. Paulo desistiu de tudo por amor a Cristo, porque compreendeu que Cristo deixou tudo por amor a ele.

Acredita-se que o melhor traço biográfico de Paulo é a afirmação que encontramos em Filipenses 3:5-6: “circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível”. Essa é a única vez em que Paulo utiliza a palavra “fariseu”, parece que na tentativa de mostrar como era a sua vida antes da conversão. As palavras “lei”, “zelo”, “justiça que há na lei” e

“perseguidor” demonstram o quanto ele estava preso ao sistema de regras imposto pelos fariseus. O farisaísmo fez de Paulo um homem frio, feroz, cheio de orgulho e mais preocupado com a reputação e as formas externas de sua religião do que com o bem-estar das pessoas e a religião interior. Estava carregado de preconceito e ódio em relação à missão de Jesus de Nazaré, e de seus seguidores. No calor do zelo pela sua própria religião e da avidez de dar um basta naqueles que lhe estavam roubando os adeptos, Paulo tinha sabor de sangue em sua boca.

Olhando friamente, a conversão de Paulo ao cristianismo era tão impossível quanto “um camelo passar pelo fundo de uma agulha”; mas, como disse Jesus: “Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível”.[8] Desde o início, Deus enxergou em Paulo o que eu jamais perceberia: uma sinceridade de propósito guardada em seu coração a sete chaves. De fato, “o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração”.[9] As vívidas imagens do testemunho e da coragem de Estevão calaram fundo na mente de Paulo e começaram a abalar as estruturas de sua resistência. Nas palavras de Ellen White, “alguém, mais poderoso que Satanás, escolhera Saulo para tomar o lugar do martirizado Estêvão, a fim de pregar e sofrer pelo Seu nome e propagar extensamente as novas da salvação por meio de Seu sangue”.[10]

Os argumentos dos sacerdotes silenciaram, por algum tempo, as impressões provocadas na mente de Paulo pela morte de Estevão. Mas o Espírito Santo continuou a insistir, de modo que “todas estas coisas tinham apelado altamente a Saulo, e às vezes se lhe alojara na mente uma quase avassaladora convicção de que Jesus era o prometido Messias. Nessas ocasiões, ele havia lutado noites inteiras contra essa convicção e sempre terminara por manter a crença de que Jesus não era o Messias, e que Seus discípulos eram fanáticos iludidos”.[11]

Finalmente, o encontro em Damasco. O que aconteceu ali, naquele dia, é um sinal de que a graça desconhece limites para alcançar um pecador. O orgulho, o ódio e o preconceito de Paulo e nem mesmo todas as forças do mal reunidas não seriam capazes de ofuscar o brilho do amor de Deus, estampado na face e nos olhos de Jesus Cristo. A

conversão de Paulo é um exemplo vívido da imagem que precisamos ter de Deus, de Seu caráter e da maneira como Ele lida com o pecador: simplesmente, Deus não desiste.

A Bíblia nos informa que Paulo caiu do cavalo diante do brilho avassalador que descia do céu. Com o orgulho abatido, subitamente percebeu que estava lutando contra uma força infinitamente maior que sua resistência: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” Creio que, prontamente, Paulo compreendeu que Aquele com quem falava Se identificava com aqueles que seriam perseguidos por ele. A pergunta era inevitável: “Quem és, Senhor?” A resposta foi como uma inundação de luz: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues.”

O primeiro sinal de que Paulo se rendeu a Cristo é que ele obedeceu à ordem: “Levanta-te e entra na cidade. Lá te será dito o que te convém fazer.” A vida inteira Paulo estava acostumado a dizer aos outros o que deviam fazer. A primeira lição apreendida é que, a partir de agora, Alguém lhe diria o que fazer. Como disse William Barclay, “o cristão é um homem que cessou de fazer o que quer fazer e começou a fazer o que Cristo quer que ele faça”.[12] Mais tarde, Paulo expressaria esse pensamento nas seguintes palavras: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim.”[13]

Já em Damasco, e cego, Paulo dependeria da atuação da igreja a quem estava perseguindo. Durante três dias, sem visão e sem qualquer desejo de provar alimento ou água, ele deve ter se lembrado das últimas palavras de Estevão: “Senhor, não lhes imputes este pecado!” Possivelmente, isso trouxe algum tipo de alento à sua mente culpada. Porém, seus pensamentos visitavam constantemente a morte desse homem inocente, o brilho no céu e o Filho do Homem em pé para honrar a coragem de um fiel servo Seu; por mais que se esforçasse, a perseguição aos crentes não se apagava de sua memória – tanta gente morreu sob suas ordens! No entanto, mais torturante era a lembrança: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues.” Em suas orações, rogava insistente perdão pelos seus pecados. De repente, uma visão lhe traz algum refrigério à alma: “Ele viu que entrava um homem chamado Ananias, e punha sobre ele a mão, para que tornasse a ver.”[14] Não posso esconder minha surpresa ao perceber as primeiras palavras que

Ananias dirige àquele que, até então, era conhecido como o perseguidor dos irmãos. “Então Ananias foi, entrou na casa e, impondo-lhe as mãos, disse: irmão Saulo!”[15] Pela primeira vez, Paulo era chamado de irmão por aqueles a quem antes perseguia. Este é um maravilhoso exemplo do que a graça pode fazer.

O livro de Atos nos conta que as cenas seguintes envolveram a recuperação da visão, o batismo, uma refeição com os novos amigos, a permanência com os discípulos em Damasco durante alguns dias, e, em seguida, uma visita às sinagogas a fim de pregar que Jesus era o Filho de Deus, e a decorrente admiração dos ouvintes: “Não é este o que em Jerusalém perseguia os que invocavam este nome, e para isso veio aqui, com o fim de os levar presos aos principais sacerdotes?”[16] Daí em diante, uma curiosa inversão: de perseguidor a perseguido; de assassino e cheio de ódio a alvo da ira dos seus antigos comparsas, e do consequente desejo de vingança e de morte. Paulo já estava do outro lado. Se conversão é mudança de rumo, não vejo uma conversão maior descrita na Bíblia.

Os sofrimentos pelo evangelho

Em seu livro *Cristianismo Puro e Simples*, C. S. Lewis menciona que os escritores antigos, em geral, afirmavam a existência de sete virtudes, dentre as quais quatro eram essenciais: a prudência, a temperança, a justiça e a fortaleza. Quero me deter nessa última. Segundo esse autor, a fortaleza envolve dois tipos de coragem. O primeiro tipo leva uma pessoa a enfrentar o perigo, e a segunda leva uma pessoa a suportar a dor.[17]

Paulo era um homem experimentado na dor e nas provações, de modo que podemos facilmente atribuir a ele essa virtude mencionada acima. Não há como ler suas cartas e se manter insensível diante das listas de sofrimentos que ele apresenta, especialmente na segunda carta aos coríntios. A longa lista inclui cansaço, prisões, açoites, perigos de morte, ferimentos por varas, apedrejamento, naufrágios, a fúria do mar, fatigantes jornadas, perigos de rios, de salteadores, a oposição dos da própria nação, perigos no deserto, no mar, entre falsos irmãos, vigílias,

fome, sede, frio, nudez, e, além de tudo isso, o peso de cuidar das igrejas de Cristo. Quem imaginou que em algum momento a vida de Paulo foi fácil, não considerou atentamente o capítulo 11 de 2 Coríntios.

Como ele conseguiu suportar tudo isso? Conheço pessoas que, por muito menos, começam a dizer coisas do tipo: “Onde está Deus?”, “Será que Deus não está vendo que estou sofrendo por causa dEle, por ser fiel a Ele, e mesmo assim não faz nada?” Durante minha jornada cristã, já me peguei fazendo perguntas dessa natureza por motivos bem menores. Quando leio a Bíblia, observo que, em geral, as pessoas que tiveram de enfrentar provas mais intensas são exatamente aquelas que mantiveram sua fé intacta. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego diante da fornalha e da morte iminente não titubearam um instante sequer: “Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar; Ele nos livrará da fornalha de fogo ardente, e da tua mão, ó rei; se não, fica sabendo ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste”.[18] Daniel, ao tomar conhecimento de que seria lançado na cova dos leões, decidiu orar “e dava graças diante do seu Deus, como também antes costumava fazer”.[19] O que os levou a suportar a prova? O senso da presença de Deus. O salmista disse: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra e da morte, não temerei mal algum, *porque Tu estás comigo.*”

De fato, Jesus veio passear no meio da fornalha para ficar ao lado de Seus três amigos. Um anjo foi enviado para passar a noite com Daniel na cova dos leões. Mas, e quanto a Paulo? Com exceção de suas visões, não encontramos em suas cartas qualquer relato de que Deus apareceu ao seu lado em seus momentos de prova. Em todo caso, encontramos uma segura afirmação de sua convicção da presença de Deus em sua vida, numa outra lista de sofrimentos: “Quem nos separará do amor de Cristo? A *tribulação*, ou a *angústia*, ou a *perseguição*, ou a *fome*, ou a *nudez*, ou o *perigo*, ou a *espada*?”[20] Citando o Salmo 44:22: “Por amor de Ti somos entregues à morte o dia todo; fomos considerados como ovelhas para o matadouro”, Paulo demonstra sua compreensão de que a vida cristã não é uma jornada de férias, em que sorrimos e desfrutamos de calmaria o tempo todo; ao contrário, embora experimentemos uma paz interior que “excede todo entendimento”, o

mundo lá fora é um turbilhão de desafios. Porém, podemos vencer cada um deles; afinal, “em todas essas coisas somos mais do que vencedores”. E qual a razão para tanta certeza? Paulo dá a receita: “*por meio* daquele que nos amou”. Não é pela nossa força, mas *por meio da onipotência* de Deus; não é pela nossa sabedoria, mas *por meio da onisciência* de Deus; não é pelo nosso dinamismo, mas *por meio da onipresença* de Deus.

Portanto, a pergunta “Quem nos separará do amor de Cristo?” deve nos fazer pensar em duas coisas. Primeira, nenhum desses sofrimentos mencionados por Paulo pode fazê-lo desistir de amar a Deus; segundo, nenhuma dessas situações pode fazer Deus desistir de amar Paulo. Conforme expressou Philip Yancey, em seu livro *Sinais da Graça*, a graça de Deus significa exatamente que não podemos fazer Deus nos amar mais ou menos,[21] muito menos as circunstâncias ou qualquer outra força no Universo. Os anjos não são capazes de fazer com que Deus nos ame mais, e muito menos os demônios são capazes de fazer Deus nos amar menos.

Como Dean Stanley afirmou certa vez, a vida de Paulo, à exceção da vida de Cristo, é sem precedente na história do mundo.[22] Nenhum santo ou mártir o superou. Não são exageros de sua parte e nem indícios de autocomiseração os comentários feitos para defender-se da acusação de que não é um legítimo apóstolo de Cristo, simplesmente porque não era testemunha ocular de seu ministério. As emoções estão agitadas ao afirmar: “São ministros de Cristo? (falo como fora de mim) eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; em açoites, mais do que eles; em prisões, muito mais; em perigo de morte, muitas vezes.”[23] Uma tradução alternativa, e que provavelmente reflete melhor o pensamento de Paulo, é: “São servos de Cristo? – falo como se a razão estivesse fora de mim – eu, *muit*o mais: em trabalhos, eu *muito abundantemente mais*! Em prisões, eu *muito abundantemente mais*! Em açoites, eu *muitíssimo abundantemente mais*! Em riscos de morte, eu *muitíssimas vezes*!”

Quando penso na vida de Paulo, não posso deixar de perceber o quanto minha vida é assustadoramente mais fácil. Sou pastor e, como todo pastor, tenho muitos compromissos: as viagens constantes, os treinamentos, etc., mas nada comparado com a vida de Paulo. Logo

após sua conversão, ele já precisou enfrentar a fúria de inimigos que até poucos dias atrás eram seus amigos mais íntimos, bem como a solidão do deserto durante três anos, e todo o desconforto decorrente disso. À semelhança de Jesus, porém, e de outros heróis que vieram antes dele, a agitação de seu ministério só poderia ser suportada depois desse período de preparo. De fato, “desejava estar a sós com Deus para examinar o coração, aprofundar o arrependimento, e preparar-se, pela oração e estudo, para empenhar-se em uma obra que lhe parecia demasiado grande e demasiado importante para realizar”.[24]

Grosso modo, poderíamos dividir os sofrimentos de Paulo em três categorias: o sofrimento físico, o sofrimento emocional e o sofrimento gerado pelo cuidado das igrejas. Embora essa terceira categoria possa ser incluída em uma das anteriores, não seria justo fazê-lo, tendo em vista que o próprio Paulo a separa dos demais sofrimentos. Na verdade, as duas primeiras categorias se encaixam na terceira, uma vez que foi por causa do cuidado com as igrejas que Paulo se submeteu a todo tipo de perigo. Kenneth Chafin, refletindo sobre o cuidado de Paulo com as igrejas, faz o seguinte comentário: “Eu sei quanta energia, amor, cuidado, oração, trabalho, estudo, espera, encontros e discursos estão envolvidos no cuidado de uma única congregação. E Paulo tinha sobre ele o peso de todas as igrejas. Esse único verso descreve a carga mais pesada que ele suportou. Se multiplicássemos o preço do cuidado com os coríntios pelo custo do cuidado com as demais congregações, então sua declaração sobre o ‘cuidado das igrejas’ seria apenas um eufemismo clássico.”[25]

Um bom e resumido comentário do que Paulo enfrentava constantemente é apresentado por Henry Spence, em seu comentário de 2 Coríntios: “Os labores eram muitos, tanto do corpo quanto da mente; quase incessante labuta era continuada por anos. Viajar, pregar, escrever, foram uma constante pressão sobre toda a sua natureza. Privações, sofrimentos, perigos e perseguições eram ainda mais dolorosos para suportar.”[26]

Ao pensar sobre essas questões, dirijo minha atenção para a maneira como Paulo reagiu às pressões. Lendo e relendo suas cartas, pude observar que, em vez de reclamações, alegria, gratidão e esperança

transbordam de seu coração. Declarações como “para mim tenho por certo que *as aflições* deste tempo presente *não são para comparar com a glória* que em nós há de ser revelada”,[27] “sabemos que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus”,[28] “pelo que *sinto prazer* nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo”,[29] “porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro”,[30] demonstram seu estado de espírito. Antes, porém, que se pense que Paulo é alguma espécie de masoquista – afinal, nós não encontramos pelas esquinas pessoas afirmando que sentem prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições e nas angústias –, é bom atentar para sua afirmação de que tem por perda “todas as coisas, *pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus*”.[31] Em outras palavras, acredito que Paulo está tentando dizer que se ele pudesse evitar todos os sofrimentos e, ao mesmo tempo, crescer na excelência do conhecimento de Cristo, ele evitaria; porém, não sendo possível, ele prefere sofrer.

Avançando em minhas leituras, notei que, constantemente, Paulo deixa transparecer os pensamentos que invadem sua mente e que alimentam sua esperança: Jesus está sempre em evidência! Claramente, percebemos que ele atribui a Cristo todas as vitórias. Assim, declarações como “mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo”,[32] “posso todas as coisas naquele que me fortalece”,[33] “já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim”,[34]são alguns poucos exemplos de sua implícita confiança de que ele não lutava sozinho.

Ter em mente a vida do apóstolo Paulo e me deparar com exortações do tipo “Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração”,[35] “Regozijai-vos sempre”,[36] “Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”[37] se tornou um desafio diário à minha fé. Mas nada tão provocativo quanto: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos.”[38] Ouvindo dessa forma, com tanta ênfase, parece que o conselho está vindo de uma pessoa que só tinha motivos para sorrir. Mas é exatamente isso que está acontecendo! Para Paulo, só havia motivos para sorrir. Por quê? Vou deixar que ele mesmo explique: “Porque eu sei em quem tenho

crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia."[39] Isso não é tudo. Ele tem mais a dizer: "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente."[40]

Embora eu aprecie a tradução dessa última declaração de Paulo, acredito que ela ofuscou um pouco o brilho das palavras gregas[41] utilizadas por ele. Como mencionei no início deste capítulo, Paulo é bastante enfático em suas afirmações, de modo que repetições, uso de superlativos, advérbios de intensidade, hipérboles, pleonasmos intencionais são marcas de seu estilo. Em relação a 2 Coríntios 4:17, uma tradução alternativa que reflete melhor a força das palavras utilizadas por ele ficaria assim: "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória, o qual não poderia ser descrito nem por todas as hipérboles do mundo juntas." Em outras palavras, Paulo está dizendo que os sofrimentos deste mundo, comparados com a glória porvir, são tão insignificantes, que mais se parecem com uma sessão de cócegas!

Outro detalhe chama minha atenção quando analiso a injunção "Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos."[42] Num primeiro momento, ela pode nos passar a impressão de que Paulo estivesse vivenciando um instante de calma e, por isso, um tom tão alegre nessa carta aos filipenses. Em seu livro *Prisoner of Joy* (Prisioneiro da Alegria), Jack Hayford e Joseph Snider analisam as cartas que Paulo escreveu enquanto estava aprisionado em Roma.[43] Segundo eles, Filipenses é a carta da alegria: Paulo fala de sua alegria no evangelho; alegria em Jesus Cristo; alegria na disciplina e alegria na bondade. Naturalmente nos perguntamos como alguém pode estar tão alegre em condições tão desfavoráveis como é o caso de estar em uma prisão. Podemos responder a essa pergunta com apenas uma palavra: graça.

Embora aprisionado, Paulo encontra palavras para encorajar os irmãos da igreja de Filipos. Já escrevendo as últimas sentenças da carta, seu coração se dilata em sincero amor e profundo cuidado para com seus filhos na fé, que se transformam em palavras tão tocantes que me fazem lembrar o que Rainer Maria Rilke afirmou em seu livro *Cartas a*

um Jovem Poeta: “Não acredite que quem procura confortá-lo vive serenamente entre as palavras simples e tranquilas que às vezes fazem bem a você. A vida dele tem muita dificuldade e tristeza, e permanece bem atrás da que você leva. Não fosse assim, ele jamais teria conseguido encontrar essas palavras.”[44] Embora a vida de Paulo apresentasse muita dificuldade e motivos para tristeza, ele decidiu viver alegre. Essa é uma questão de escolha! Quanto às palavras tocantes, estou me referindo a Filipenses 4:19: “E o meu Deus suprirá todas as vossas necessidades segundo a Sua gloriosa riqueza em Cristo Jesus.” Para usar a própria linguagem de Paulo, que nos consolemos uns aos outros com essas palavras.

O espinho e a graça

Retornando à lista de sofrimentos encontrada na segunda carta aos coríntios, nos deparamos com algo que tem sido ponto de discussão durante séculos. O que seria afinal o misterioso espinho na carne? As opiniões se dividem. Há quem diga que seja um símbolo das provas espirituais de Paulo, tais como a tentação para desconfiar de Deus ou cair em desespero. Essa tem sido uma hipótese sustentada desde a Reforma.[45] Porém, outro grupo prefere associar o espinho na carne a um problema físico, mais especificamente uma doença, dentre as quais se menciona a oftalmia, um tipo de inflamação nos olhos.

Henry Spence demonstra sua crença nessa hipótese ao dizer que “somente colocando lado a lado uma grande quantidade de passagens bíblicas é que podemos quase irresistivelmente ser guiados à conclusão que agora a maioria tem adotado, ou seja, que se trata de uma oftalmia aguda e desfigurante, originada pelo brilho ofuscante da luz que o envolveu impetuosamente em Damasco”.[46] Há, ainda, aqueles que preferem manter-se em silêncio diante da escassez de evidência que nos aponte a identidade do espinho na carne de Paulo. Um deles é Ralph Martin, famoso estudioso de Paulo. Ele afirma que “a discussão desse verso [2 Coríntios 12:7] não conduzirá a uma certeza em relação ao que era o espinho na carne de Paulo”.[47] Ele acrescenta que a partir da evidência disponível, a questão deve permanecer sem resposta. O

conhecido dicionário bíblico da Universidade de Yale, Estados Unidos, também segue nessa direção: “O significado mais específico desse espinho não pode ser determinado com certeza.”[48]

Apesar da controvérsia por trás desse “espinho na carne”, acredito que há o mínimo de evidência que nos permita associá-lo a um problema de saúde relacionado aos olhos. Ellen White deixa transparecer essa compreensão ao afirmar que “[Paulo] devia levar sempre em seu corpo as marcas da glória de Cristo, *em seus olhos*, que tinham sido cegados pela luz celestial”.[49] Compreender o espinho na carne como um problema nos olhos pode explicar a intrigante afirmação encontrada em Gálatas 4:15: “Que é feito, pois, da vossa exultação? Pois vos dou testemunho de que, se possível fora, teríeis arrancado os próprios olhos para mos dar.” Essa declaração deixa nas entrelinhas a ideia de que Paulo tivesse um problema nos olhos; afinal, que razão haveria para que os gálatas arrancassem seus próprios olhos a fim de os darem a ele, caso tivesse olhos sãos? Além disso, a seguinte afirmação, que também aparece na carta aos gálatas: “Vede com que *letras grandes* vos escrevi de meu próprio punho”,[50] pode dar a entender que a razão de escrever com letras grandes esteja relacionada à sua dificuldade para ver e escrever letras pequenas. Em última instância, acredito que gastar tempo tentando entender a identidade do espinho na carne é como procurar o sentido das coisas primeiro na forma e não no conteúdo. Mais importante que isso é perceber as lições que o episódio nos traz.

O primeiro aspecto que precisamos notar é que Paulo deixa claro que o espinho na carne não era um fim em si mesmo. Se você pudesse lhe fazer uma pergunta enquanto ele escrevia sua segunda carta aos coríntios, essa pergunta não deveria ser algo do tipo: “Paulo, *por que* você acha que Deus te deu esse espinho na carne?”, mas “Paulo, *para que* você acha que Deus te deu esse espinho na carne?” A resposta está lá: “*para que* não me exaltasse pelas excelências das revelações”.[51] Como todo ser humano, Paulo também corria o risco de achar que suas realizações eram um sinal de que ele era realmente muito talentoso. Nesse caso, o espinho na carne demonstrou ser para ele um benefício, e não um prejuízo. Porém, conforme nos advertem os teólogos Chafin e Ogilvie, “Paulo nunca veio a sentir que o espinho em si era uma coisa

boa; em vez disso, ele acreditava que era ‘um mensageiro de Satanás’. Mas ele chegou a um ponto em sua vida em que podia ver como a graça de Deus podia transformar algo ruim em uma coisa boa”.[52]

Na época de Paulo, a autoexaltação era algo muito comum. A escritora Helen Elsom nos informa, por exemplo, que quando o imperador mandava uma carta para uma cidade em sua capacidade oficial, a saudação incluía todos os seus títulos para mostrar sua autoridade.[53] Apesar de conhecer e seguir o modelo das cartas da época, há um detalhe que Paulo deixa muito claro: “Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo.”[54] Em todo caso, a declaração que o apóstolo faz em 2 Coríntios 12:7 demonstra que, em alguns momentos, ele deve ter se sentido tentado a agir de forma diferente, de modo que o espinho na carne representa para ele as lentes pelas quais pôde perceber algo que nenhum ser humano deveria perder de vista: a consciência de sua fragilidade. A constatação é tão carregada de luz que o impele prontamente à afirmação: “De boa vontade me gloriarei *nas minhas fraquezas*, para que em mim habite o poder de Cristo.”[55] Para mim, esse senso que Paulo tem de sua própria fraqueza é uma de suas virtudes que o torna digno de nossa admiração. Como disse Taylor Caldwell, “honremos os que em seus corações sabem que não são grandes, pois que eles respeitam e reverenciam a grandeza”.[56]

Porém, não posso deixar de pensar no desejo de Paulo de que esse importuno espinho na carne fosse removido. Três vezes ele orou para que o Senhor o afastasse dele. Talvez tenhamos aqui uma alusão às três vezes em que Jesus pediu ao Pai para que removesse o cálice que Ele deveria beber. O escritor Ralph Martin chama a atenção para a importância que os judeus atribuíam ao número três quando relacionado a bênçãos (At 10:16; Jo 21:17).[57] Em todo caso, o fato de Paulo orar mais de uma vez fazendo o mesmo pedido demonstra o quanto ele gostaria de ver sua súplica atendida. Em vez disso, ele ouve a contundente declaração: “a Minha graça te basta”.

O que exatamente significa isso? Fiz essa pergunta a mim mesmo há três anos, enquanto preparava um trabalho sobre os escritos de Paulo.

Nessa expressão, encontramos um papel misterioso e surpreendente da graça divina. Deus não está tão interessado em remover aquelas situações que nos incomodam quanto está interessado em nos dar a força para suportá-las. Nem sempre Deus atende nossas orações da maneira que esperamos, mas sempre responde. Enquanto Paulo estava preocupado em se livrar de um espinho na carne, Deus estava preocupado em lhe ensinar a viver pela graça.

Em uma de suas palestras na Universidade de Glasgow, William Barclay dá alguns exemplos de como a graça, que ele chama de graça toda-suficiente, pode agir nas situações comuns do cotidiano. São quatro ao todo. Primeiro, *a graça é suficiente para a fragilidade física*. Ele menciona que John Wesley pregou cerca de 42 mil sermões em toda a vida, viajava em média 7.200 km por ano, o que representava um deslocamento de 95 a 110 km por dia (sem os meios de transporte que temos hoje), para pregar três sermões em lugares diferentes. Ainda assim, aos 83 anos de idade, John Wesley escreveu em seu diário: “Fico maravilhado comigo mesmo. Nunca estou cansado, quer pregando, escrevendo ou viajando.” Segundo, *a graça é suficiente para a dor física*. Para deixar claro esse exemplo, Barclay conta a história de uma jovem acometida de uma dilacerante e incurável doença. Um bom homem foi visitá-la, tendo em mãos um livro com o qual gostaria de presenteá-la. Esse livro falava sobre a alegria cristã para aqueles que estavam enfrentando provas. Ela lhe agradeceu o presente, respondendo que já conhecia o livro. Ele, então, perguntou-lhe se já o havia lido. Ao que ela respondeu: “Eu o escrevi”. Terceiro, *a graça é suficiente para a oposição*. Em toda a sua vida, Paulo jamais se viu isento de oposição. Mas nenhum obstáculo fez com que ele voltasse atrás. Quarto, *a graça é suficiente para enfrentar a difamação e a calúnia*. Nesse ponto, Barclay relata um episódio em que um homem arremessou um balde d’água sobre Arquelau, o macedônio. Tendo ficado em silêncio diante da afronta, um amigo seu lhe perguntou como havia conseguido suportá-la serenamente. Ele respondeu: “Ele não atirou água em mim, mas no homem que ele pensou que eu fosse”. Barclay conclui: “este é o trabalho da graça toda-suficiente”.[58]

Essas pessoas não se livraram do “espinho”, mas foram sustentadas

pela graça. A propósito, elas tinham consciência daquilo que Charles Swindoll mencionou em seu livro *O Despertar da Graça*: só existe uma senha para entrar no Céu, e essa senha é a graça de Cristo.[59] Paulo afirma que suportou todas essas dificuldades, e, além disso, o cuidado das igrejas do Senhor. Essa parece ser uma boa razão para que ele enalteça tanto a graça de Cristo em todas as suas cartas. Vou mencionar Romanos 5 apenas como um exemplo, mas a graça maravilhosa de Jesus aparece de Romanos a Hebreus, como uma espécie de papel timbrado. Não é possível ler as palavras de Paulo sem reconhecer o timbre da graça por trás de cada uma delas. Em alguns momentos, o timbre encontra as palavras, e formam uma união tão perfeita como a união entre a mão e a luva. É o que acontece em Romanos 5:

> [...] se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, *abundou* para com *muitos*. [...] Pois se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse [Adão], *muito mais* os que recebem a *abundância* da graça, e o dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens, para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens, para justificação e vida. [...] Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse. Mas onde o pecado abundou, *superabundou* a graça, para que, assim como o pecado reinou pela morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo nosso Senhor (itálicos acrescentados).[60]

Não é necessário ser um analista de discurso a fim de perceber o que está acontecendo nessa passagem. O estilo de Paulo salta de suas afirmações. Ele não mede esforços para enaltecer a graça. Ou, dizendo de outro modo, ele não mede palavras. Expressões como *muito mais*, *abundou*, *abundância*, *superabundou*, por mais enfáticas que sejam, ainda não refletem necessariamente o que a graça de Jesus Cristo representa para ele. Em meus estudos sobre a linguagem de Paulo, percebi que o que as versões da Bíblia em português traduziram como *muito mais* refletiria melhor as palavras originais se adotássemos a tradução *excessivamente mais*. Nesse caso, algumas afirmações

ganhariam mais força, por exemplo: “*excessivamente mais* a graça de Deus e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, *abundou* para com *muitos*”; “*excessivamente mais* os que recebem a *abundância* da graça, e o dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo”.

Há outra questão importante relacionada a essa passagem: a vinculação que Paulo estabelece entre algumas palavras. De um lado negativo, ofensa e morte; do lado positivo, graça e vida. Outras combinações podem ser feitas. A principal delas é que a graça está sempre ligada a Jesus Cristo, e, portanto, mesmo o símbolo supremo de derrota, a morte, torna-se emblema de vitória quando se trata da morte de Cristo. Por isso, Paulo não hesita em mostrar que a graça é sempre mais forte que a morte, sempre excelsa, sempre abundante!

Em suas palestras, Louie Giglio tem chamado a atenção de jovens do mundo inteiro em face de seu carisma e a maneira apaixonada de falar da grandeza de Deus. Amante apaixonado da astronomia, Giglio apresenta fotos de diversas galáxias e nos faz pensar em alguns detalhes que deveriam despertar um senso maior de reverência a Deus diante das coisas incríveis que Ele criou. Por exemplo, a Via Láctea, apenas uma entre os bilhões de galáxias que povoam o Universo, possui bilhões de estrelas. Com base na informação do Dr. David Block, astrônomo da Universidade Wits, em Joanesburgo, África do Sul, Louie comenta que, se contássemos as estrelas da Via Láctea, uma por segundo, levaríamos 2.500 anos para contar todas elas. Nesse momento, como nunca havia acontecido antes, sofri um forte impacto diante da afirmação que encontramos em Isaías 40:26: “Levantai ao alto os olhos e vede. Quem criou estas coisas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, *todas bem contadas*, as quais *Ele chama pelo nome*; por ser Ele grande em força e forte em poder, nem uma só vem a faltar.”

Em igual estado de estupefação, o intrigante personagem Eliú, do livro de Jó, afirma boquiaberto: “Quão grande é Deus, e nós não O compreendemos! O número dos Seus anos não se pode calcular.”[61] Paro e penso, se não posso contar ao menos as estrelas de apenas uma entre bilhões de galáxias, quanto mais contar o número dos anos de

Deus: inconcebível! Ponho-me a exclamar algo simples e que consigo entender muito bem: Ele é Deus, e eu, apenas uma criatura! A graça é insondável, indescritível, misteriosa, incrível, toda-suficiente e irresistível porque Jesus é tudo isso. Para Giglio, a graça de Jesus é astronômica. Ela é o bastante. Concordo com ele. Paulo também.

O apóstolo foi impressionado pela graça de tal maneira, que é impossível não perceber as mudanças que ela provocou em sua vida. Para mencionar apenas três exemplos, chama a minha atenção a profunda compaixão demonstrada a Onésimo, um escravo que estava precisando de um mediador entre si e seu senhor, Filemom. As palavras de Paulo a esse homem rico e senhor de escravos são tão tocantes, que quase imagino lágrimas de puro afeto acompanhando cada pensamento. Qualquer um que leia essa carta sem pressa, observará o tom caloroso com que Paulo emprega cada frase. O toque pessoal é tão visível quanto o sol ao meio-dia. Surpreendentemente, pronomes de primeira pessoa aparecem de forma constante no texto. E o nobre desejo de ajudar um pobre fugitivo, recebendo-o como um filho, evidencia um coração no qual habita o amor de Deus: “Pois bem, ainda que eu sinta plena liberdade em Cristo para te ordenar o que convém, prefiro, todavia, solicitar *em nome do amor*, sendo o que sou, Paulo, o velho e, agora, até prisioneiro de Cristo Jesus; sim, solicito-te em favor de *meu filho Onésimo*, que gerei entre algemas.”[62]

Outro exemplo dos resultados que a graça provocou na vida de Paulo tem que ver com a sua mudança de atitude em relação ao jovem evangelista Marcos. O livro de Atos menciona que, certa vez, houve uma forte desavença entre Paulo e Barnabé. Paulo convidou Barnabé para uma viagem em que eles visitariam todas as igrejas que haviam plantado. Barnabé queria levar Marcos, porém enfrentou os protestos de Paulo, que alegou a sua disposição vacilante, demonstrada numa situação anterior em que desistiu de uma jornada por temer as dificuldades pelas quais deveria passar. O resultado é que Barnabé foi para um lado, levando Marcos consigo, e Paulo foi para outro, acompanhado de Silas. Mais tarde, escrevendo a Timóteo, o apóstolo demonstra uma mudança de opinião: “Somente Lucas está comigo. Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério”[63]. A que

se deve essa mudança? À graça!

Como terceiro exemplo, destaco a autenticidade de Paulo como ministro e mestre. Ao escrever sua última carta, 2 Timóteo, consciente de que se avizinhava o martírio, o apóstolo nos presenteia com uma linda confissão de fé: “porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que Ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia”.[64] E, mais adiante, Ele continua: “quanto a mim, já estou sendo derramado como libação, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé”.[65] Para mim, isso é suficiente para perceber que o ministério de Paulo não é uma farsa. Para usar as palavras de C. S. Lewis, o apóstolo viveu um cristianismo puro e simples. No entanto, tenho algo mais a dizer. Volto um pouco as páginas da minha Bíblia até 1 Timóteo, e me deparo com um conselho que está registrado no capítulo 6: “combate o bom combate da fé”,[66] e chego à conclusão de que Paulo é aquele tipo de pastor e professor que não pede de seus liderados aquilo que ele mesmo não faz. A exortação “combate o bom combate da fé” encontra sua contraparte: “eu combati o bom combate da fé”. Isso é um exemplo de graça!

Os três episódios acima ocorreram no fim do ministério de Paulo, e eles traduzem claramente o que ele decidiu fazer da graça de Cristo; porém, fico maravilhado ao olhar para os mesmos episódios com lentes que captam as cenas ao reverso: o que a graça de Cristo fez de Paulo! Embora Paulo fosse um homem fluente nas palavras, de modo que dificilmente se calaria diante de uma situação, ele chega a um ponto em que sua compreensão alcança um limite: a graça se fundamenta no amor, e esse amor é incompreensível. Falando dos privilégios que alcançaram os gentios como resultado dos propósitos de Deus para eles em Jesus Cristo,[67] Paulo comenta em sua carta aos efésios:

> Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no Céu como sobre a Terra, para que, segundo a riqueza da Sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o Seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é

a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer *o amor de Cristo*, *que excede todo entendimento*, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.[68]

Consciente do grande amor com que Cristo nos amou, e de Seu extremo sacrifício em favor da raça humana, Paulo vê como insignificantes seus sofrimentos. Desse modo, antes de mencionar a passagem acima, suas palavras aos efésios são: “Portanto, vos peço que *não desfaleçais nas minhas tribulações* por vós”.[69] O espinho na carne parece já não incomodar mais. O amor de Cristo torna pequenas as provas do dia a dia. E, para usar as palavras de F. F. Bruce, “Paulo, com certeza, conhecia o amor de Cristo como única força propulsora em sua vida. Onde o amor é a força propulsora, não há nenhuma sensação de pressão, conflito ou imposição para fazer o que é certo; a pessoa que é impelida pelo amor de Jesus e capacitada pelo Seu Espírito, faz a vontade de Deus, de coração”.[70]

Na teologia de Paulo, observamos que amor e graça são tão indissociáveis quanto as duas faces de uma moeda. Em sua bênção apostólica à igreja de Corinto, percebemos claramente a perfeita unidade entre graça, amor e comunhão: “A *graça* do Senhor Jesus Cristo, e o *amor* de Deus, e a *comunhão* do Espírito Santo sejam com todos vós.”[71] Temos duas tríades nesse verso: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, de um lado; graça, amor e comunhão, de outro. O segundo trio é tão inseparável quanto o primeiro. Resta, apenas, uma questão: por que a ordem de Paulo é Filho, Pai e Espírito Santo e não Pai, Filho e Espírito Santo? George Shillington, professor na Universidade Menonita do Canadá, explica que “a *graça* de Cristo abre o coração do homem para o *amor* de Deus; o amor de Deus revelado em Cristo cria uma comunidade por meio da atividade dinâmica do Espírito”.[72] Em outras palavras, o amor a Deus e ao próximo que brota no coração do ser humano é fruto da graça de Cristo. Por isso, não surpreende a declaração que Paulo faz em sua carta aos efésios: “Eu, Paulo, sou o prisioneiro de Cristo Jesus, *por amor de vós*, gentios.”[73]

A graça de Cristo transformou a vida de Paulo, e essa transformação é percebida, entre outras coisas, no amor altruísta demonstrado às

igrejas, tendo a Cristo como seu modelo supremo de amor que se entrega. O belo poema encontrado em 1 Coríntios 13 atribui características humanas (ou seriam características divinas?) ao amor como se quisesse transformá-lo numa pessoa: o amor é paciente, é benigno, não arde em ciúmes, não é vaidoso, não é orgulhoso, não age com imprudência, não é egoísta, não é áspero e é sempre pronto a perdoar. E, de fato, é uma pessoa no sentido de que essa Pessoa é a fonte de todo o amor que sustenta o Universo. Uma antiga canção de Billy Crockett, “Portrait of Love” (Retrato de Amor) ilustra muito bem esse pensamento. Acredito que vale a pena transcrever a letra:

Retrato de Amor
Billy Crockett

Ele não ficaria sentado tempo suficiente,
Para que fizessem seu retrato.
Seu coração foi criado para mover sua vida,
Ao dobro da velocidade do amor.
Os artistas que tentaram congelar seu estilo,
Na tela ou na pedra,
Perceberam que a vida real
Ainda não é vida,
Mesmo quando essa vida está só.

Um artista itinerante, chamado Paulo,
Pintou a verdade com palavras.
A verdade que ele viu foi um amor ardente,
Que conforta e perturba.

A cada ano ele crescia, até perceber:
O quadro não podia esperar.
Sem qualquer som,
O homem sentou,
E começou a pintar:

O amor é paciente, o amor é gentil.

Nunca inveja, livre de orgulho.
O amor jamais se esgotará;
O amor permanecerá;
O amor é esperançoso, o amor não é cego.
O amor é fiel, todo o tempo.
O amor é Alguém, e,
Se você abrir os olhos, perceberá:
O amor está vivo!

O amor resistirá à prova do tempo.
Resistirá quando o tempo tiver passado.
Apenas, olhe para o retrato pintado:
É o Filho, o enviado do Pai.

Ele é paciente, ele é gentil.
Nunca inveja, livre de orgulho.
Ele jamais se esgotará;
Ele permanecerá;
O amor é esperançoso, o amor não é cego.
O amor é fiel, todo o tempo.
O amor é Alguém, e,
Se você abrir os olhos, perceberá:
O amor está vivo!

De fato, para Paulo o amor estava vivo, e se manifestou na graça preciosa de Cristo. O final de seu quadro não poderia ter sido pintado de maneira mais arrebatadora: “agora permanecem a fé, a esperança e o amor, esses três; porém, o maior destes é o amor”. Um dia, a fé não será mais necessária; um dia, nós não teremos mais que esperar; mas o amor permanecerá para sempre como um emblema da graça misteriosa de Jesus.

Ao final de sua vida, nenhum espinho consegue roubar a paz de um ancião que experimentou toda a sorte de provações. No momento de sua execução, “o apóstolo estava a olhar para o grande além, não com incerteza ou terror, mas com jubilosa esperança e anelante expectativa. Ao encontrar-se no lugar do martírio, não viu a luzente espada do

carrasco nem a verde relva que tão logo lhe havia de receber o sangue; olha, através do calmo céu azul daquele dia de verão, para o trono do Eterno. Sua linguagem foi: Ó Senhor, Tu és o meu conforto e galardão! Quando poderei tocar-Te? Quando poderei ver-Te por mim mesmo, sem um véu obscuro de permeio?”[74]Antes disso, escrevendo aos filipenses, ele fala em sinal de confiante triunfo: “Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o *prêmio* da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”. Para Paulo, a graça de Jesus é o que lhe permite olhar para o prêmio, o qual lhe será dado na manhã da ressurreição. O seu viver foi Cristo, e o morrer, um lucro. Essa é a graça toda-suficiente, a graça excelsa, a graça abundante: a graça que basta.



[1] Helen Elsom, “O Novo Testamento e a Escrita Greco-Romana”, em Robert Alter e Frank Kermode (organizadores), *Guia Literário da Bíblia* (São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997), p. 611.

[2] Eugene Boring, *An Introduction to the New Testament: History, Literature, Theology* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2012).

[3] F. F. Bruce, *Paulo, o Apóstolo da Graça: Sua Vida, Cartas e Teologia* (São Paulo: Shedd, 2003), p. 11.

[4] Antônio Campos, *Território da Palavra: Artigos e Cartas aos Amigos* (Recife: Bagaço, 2006).

[5] Édouard Cothenet, *Paulo: Apóstolo e Escritor* (São Paulo: Paulinas, 1999), p. 18.

[6] F. F. Bruce, *Paulo, o Apóstolo da Graça: Sua Vida, Cartas e Teologia* (São Paulo: Shedd, 2003), p. 14.

[7] Hebreus 4:12.

[8] Mateus 19:26.

[9] 1 Samuel 16:7.

[10] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 56.

[11] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 64.

[12] William Barclay, *The Daily Study Bible Series: The Acts of the Apostles* (Philadelphia: The Westminster Press, 2000), p. 71.

[13] Gálatas 2:20.

[14] Atos 9:12.

[15] Atos 9:17.

[16] Atos 9:21, 22.
[17] C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2006).
[18] Daniel 3:17, 18.
[19] Daniel 6:10.
[20] Romanos 8:35.
[21] Philip Yancey, *Sinais da Graça* (São Paulo: Mundo Cristão, 2011).
[22] Citado por H. D. M. Spence-Jones, *The Pulpit Commentary*: *2 Corinthians* (Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2004), p. 266.
[23] 2 Coríntios 11:23.
[24] Ellen G. White, *Paulo: O Apóstolo da Fé e da Coragem* (Campinas, SP: Certeza Editorial, 2005), p. 38.
[25] K. L. Chafin, "1, 2 Corinthians", em L. J. Ogilvie, *The Preacher's Commentary Series* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1985), v. 30, p. 279.
[26] H. D. M. Spence-Jones, *The Pulpit Commentary: 2 Corinthians* (Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2004), p. 283.
[27] Romanos 6:23.
[28] Romanos 8:28.
[29] 2 Coríntios 12:10.
[30] Filipenses 1:21.
[31] Filipenses 3:8.
[32] 1 Coríntios 15:57.
[33] Filipenses 4:13.
[34] Gálatas 2:20.
[35] Romanos 12:12.
[36] 1 Tessalonicenses 5:16.
[37] 1 Tessalonicenses 5:18.
[38] Filipenses 4:4.
[39] 2 Timóteo 1:12.
[40] 2 Coríntios 4:17.
[41] Não podemos nos esquecer de que a Bíblia foi escrita em hebraico, aramaico e grego. Quando o material é traduzido, a adaptação do texto para a nova língua faz com que percamos alguns detalhes pelo fato de, às vezes, não termos na língua de chegada expressões que equivalham perfeitamente à língua de partida. Em todo caso, vale ressaltar que isso não impede, em hipótese alguma, que a mensagem central chegue na íntegra. O que perdemos são apenas algumas marcas de estilo dos autores.
[42] Filipenses 4:4.
[43] J. W. Hayford, e J. Snider, *Prisoner of Joy: Living in Christ's Fullness and Freedom: A Study of the Prison Epistles* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1997).
[44] Citado por Brennan Manning, *O Obstinado Amor de Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2007).
[45] A. Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the*

Corinthians (Nova York: Scribner, 1915), p. 350.

[46] H. D. M. Spence-Jones, *The Pulpit Commentary: 2 Corinthians* (Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2004), p. 291.

[47] R. P. Martin, “2 Corinthians”, em Bruce M. Metzger, D. A Hubbard, G. W. Barker, *Word Biblical Commentary* (Dallas: Word, 2002), v. 40, p. 411.

[48] H. R. Balz e G. Schneider, *Exegetical Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990), v. 3, p. 255.

[49] Ellen G. White, *História da Redenção* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 275.

[50] Gálatas 6:11.

[51] 2 Coríntios 11:7.

[52] K. L. Chafin, “1, 2 Corinthians”, em L. J. Ogilvie, *The Preacher’s Commentary Series* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1985), v. 30, p. 284.

[53] Helen Elsom, “O Novo Testamento e a Escrita Greco-Romana”, em Robert Alter, Frank Kermode, (organizadores) *Guia Literário da Bíblia* (São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997), p. 612.

[54] Gálatas 6:14.

[55] 2 Coríntios 12:9.

[56] Taylor Caldwell, *Médico de Homens e de Almas: A História de São Lucas* (Rio de Janeiro: Record, 2008), p. 174.

[57] R. P. Martin, “2 Corinthians”, em Bruce M. Metzger, D. A Hubbard, G. W. Barker, *Word Biblical Commentary* (Dallas: Word, 2002), v. 40, p. 417.

[58] William Barclay, *The Letters to the Corinthians* (Philadelphia: Westminster, 2000), p. 259.

[59] Charles Swindoll, *O Despertar da Graça* (São Paulo: Mundo Cristão, 2009), p. 49.

[60] Romanos 5:15, 17-21.

[61] Jó 36:26.

[62] Filemom 1:8-10.

[63] 2 Timóteo 4:11.

[64] 2 Timóteo 1:12.

[65] 2 Timóteo 4:6, 7.

[66] 1 Timóteo 6:12.

[67] A. T. Lincoln, “Ephesians”, em Bruce M. Metzger, D. A Hubbard, G. W Barker, *Word Biblical Commentary* (Dallas: Word, 2002), v. 42, p. 201.

[68] Efésios 3:14-19.

[69] Efésios 3:13.

[70] F. F. Bruce, *Paulo: O Apóstolo da Graça* (São Paulo: Shedd Publicações, 2003), p. 16.

[71] 2 Coríntios 13:13.

[72] V. G. Shillington, *Believers Church Bible Commentary: 2 Corinthians* (Scottdale, PA: Herald Press, 1998), p. 255.

[73] Efésios 3:1.

[74] Ellen G. White, *História da Redenção* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 317,

318.



A GRAÇA QUE RESTAURA

O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem... dAquele que tudo criou, emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo, até o maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.

Ellen White

E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E Aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.

João

Eu havia começado bem aquele 13 de fevereiro de 2007. Estava na sala do diretor do seminário onde trabalho, e diversos planos meus aprovados por ele demonstravam que aquele seria um bom ano. O dia estava agradável. Após minha devoção pessoal, desjejum, banho e um beijo de despedida na esposa, saí de casa com a doce sensação de viver mais um dia comum. Porém, como diria a escritora Joan Didion, “a vida se transforma rapidamente. / A vida muda num instante. / Num instante comum”.[1] Depois de uma conversa demorada, oramos, e então deixei sua sala para as atividades do dia. Não caminhei 50 metros, e precisei retornar por solicitação sua. Sentei-me novamente. O semblante carregado e a maneira como me olhava eram evidência de que algo de errado estava acontecendo. Finalmente, criou coragem, e me passou a notícia de que havia recebido uma ligação a qual informava que meu pai

havia falecido naquela manhã.

Os dias seguintes me fizeram avaliar muita coisa. Primeiro, eu queria entender o que havia levado Deus a permitir que aquilo acontecesse. As primeiras perguntas que fiz foram do tipo “por quê?”. Estarrecido por não encontrar respostas, comecei uma série de leituras: a Bíblia era a base, mas diversos outros livros e autores desfilaram diante dos meus olhos, de modo que à medida que encontrava consolo na Bíblia, também me concentrava no relato de escritores que decidiram contar como superaram a morte de um ente querido. Foi assim que me deparei com Joan Didion, escritora americana que conta como reagiu à morte de seu esposo e também escritor, John Gregory Dunne.

Observando os artigos de uma pequena livraria instalada em uma loja de conveniências na cidade de João Pessoa, vi seu livro, cujo título é *O Ano do Pensamento Mágico*. Não gostei desse título, e não teria comprado o livro se a única informação que tivesse dele se resumisse nessa frase de capa. Mas as imagens chamaram minha atenção. Sobretudo, uma que se encontra na contracapa: uma foto antiga de família. Decidi ler a sinopse, e percebi que a obra se tratava de uma espécie de diário pessoal, cujo ponto de partida é a véspera do Natal de 2003, noite em que o casal havia chegado à casa em que moravam, após uma visita à sua única filha, hospitalizada com um quadro de choque séptico, coma induzido e, portanto, sobrevivendo por meio de aparelhos. Naquela mesma noite, durante o jantar, John, o marido de Joan, “sofre um acidente vascular fatal. Em um segundo, num piscar de olhos, se interrompe, para sempre, uma relação de quarenta anos”. Essas últimas palavras, retiradas da sinopse, fizeram-me começar a ler o livro ali mesmo. Queria ouvir uma artista das palavras narrando como lidou com uma situação tão inesperada quanto uma morte súbita.

O fato é que a carga existencial das primeiras páginas foi lançada sobre mim como o peso de um caminhão com um forte carregamento. Apesar disso, tirei muita coisa boa dali. Afinal, como disse Paulo: “julgai todas as coisas, retendo o que é bom”.[2] Acabei me identificando com alguns sentimentos da autora: “eu não estava esperando por uma parada cardíaca na mesa de jantar”,[3] ela diz em determinado lugar. Mais adiante, outro pensamento refletia o meu sentimento: “Basta que falte

uma pessoa no mundo para que o mundo inteiro fique vazio”.[4]

Em contrapartida, dias depois, pouco a pouco comecei a me cansar com a leitura, por observar uma posição pessimista diante da morte, como se tudo acabasse ali; desse modo, resolvi me debruçar sobre o livro de Apocalipse para, uma vez mais, alimentar o coração com a esperança de que a morte não é o fim, mas um intervalo. A primeira vez em que li Apocalipse 21:4 após a morte de meu pai, foi como tomar uma overdose de um poderoso estimulante, cujo efeito perdura até hoje: “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram”. Em nenhum momento, permiti que o estudo da Bíblia fosse substituído por outros livros; ao contrário, cheguei a um ponto em que decidi suspender algumas leituras a fim de gastar mais tempo com determinadas porções das Escrituras, sobretudo o último livro.

Um novo Éden

Da primeira desobediência do homem, e o fruto
Daquela árvore proibida, cujo sabor mortal
Trouxe a morte ao mundo, e todas as nossas aflições
Com a perda do Éden, até que um grande Homem
Nos restaurasse, e reconquistasse o bem-aventurado lugar.
John Milton (1608-1674)

Em seu tocante poema *Paraíso Perdido*, John Milton reconta a história da entrada do pecado no Universo, desde a queda de Lúcifer, passando pela queda do homem e a consequente perda de seu inocente lar, a dor provocada a todos os homens em face do pecado, até a restauração de todas as coisas. O autor destaca que, por um instante, Satanás pensou que Deus destruiria o mundo diante da afronta de Adão e Eva, os quais, fazendo uso de sua livre vontade, imergiram a terra num vale de aflições. Em vez disso, com um maravilhoso plano, Deus decidiu salvar a humanidade, por meio de Seu Filho. Em determinado trecho do poema, Milton diz:

Além de qualquer comparação o Filho de Deus foi visto
Mais glorioso; nEle toda a glória de Seu Pai
Está substancialmente expressa, e em Sua face
Divina compaixão visivelmente apareceu
Amor sem fim, e *graça* sem medida.

Comentando esses versos, Jerry Newcombe afirma que “essa história coloca a história do Universo em perspectiva. Não se pode entender o que o mundo realmente é sem entender a queda e a redenção do homem, as quais estão inseparavelmente ligadas à queda de Satanás e seus demônios”.[5] De fato, a Bíblia está tão preocupada em explicar o que aconteceu com o mundo após o pecado, que mal iniciamos a leitura de Gênesis e já encontramos o relato da queda do homem. Apenas dois capítulos são reservados para falar da criação e de um mundo perfeito.

O primeiro personagem do capítulo 3 é a serpente. Em hebraico, a palavra “serpente” está em posição de destaque, no início da frase. Esse é o lugar muito comumente reservado para os verbos, nessa língua. Moisés quer deixar claro que a sequência do relato vem como resultado da ação da serpente. No capítulo 4, temos o primeiro caso de morte. E o que veio depois, todos nós conhecemos por experiência!

Em Apocalipse, temos algo semelhante. Os dois últimos capítulos trazem a descrição de uma recriação e um mundo perfeito. O que, porém, nos aguarda, só será conhecido das pessoas que chegarem ali. Afinal, nenhuma linguagem humana poderia descrever a grandeza do que Deus tem preparado para Seus filhos. Trata-se de algo infinitamente maior do que eu e você podemos imaginar, incomensurável, indescritível e arrebatador. Por ora, o livro de Apocalipse nos fornece alguns vislumbres, que são suficientes para que eu deseje o novo Éden com uma intensidade maior do que tudo que já desejei aqui na Terra. E, como disse C. S. Lewis, “se descubro em mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que fui criado para um outro mundo”.[6]

Exilado para a solitária ilha de Patmos, a mente de João se encontrava absorta em pensamentos que nada tinham a ver com a humanidade. Como observou Ellen White, “o Filho de Deus o encontrou

ali, e sua visão esteve repleta de cenas de glória imortal".[7] Por mais que ele tente descrever a grandeza desse lugar, às vezes o máximo que consegue é dizer que um *novo* céu, uma *nova* terra e uma *nova* Jerusalém nos esperam. O próprio Jesus confirma a ideia: "faço *novas* todas as coisas".[8] O uso repetitivo do adjetivo *novo* me causa uma forte impressão de que o texto está tentando dizer: "nós começaremos tudo outra vez!" Deixo a imaginação fluir por um instante, e rapidamente me vêm à memória outros substantivos que são radicalmente afetados pelo uso desse adjetivo: *novo* relacionamento com Deus (afinal, poderemos vê-lo face a face), *novo* relacionamento com meus semelhantes (pois, num mundo perfeito, as desavenças jamais existirão), *novo* vigor, *novo* corpo, *nova* vida! Tudo será novo. Tudo será diferente. Não se trata de uma versão melhorada da vida aqui na Terra: é *nova* vida, de fato! Como disse Philip Yancey:

> Quando Jesus vivia na Terra fez os cegos verem e os aleijados andarem; Ele vai voltar para governar num reino que não terá enfermidades nem incapacidades. Na Terra Ele morreu e ressuscitou; na Sua volta, a morte não existirá mais. [...] Na Terra Ele veio como um bebê nascido numa manjedoura; Ele vai voltar na figura deslumbrante descrita no livro do Apocalipse.[9]

Em uma de suas obras, Agostinho de Hipona estabelece uma bela comparação entre a efemeridade dos nossos dias e a infinitude da eternidade. Ele diz que "estes dias não têm um ser verdadeiro; eles se vão quase antes de chegar; e quando vêm, não podem continuar; comprimem-se uns contra os outros; seguem uns aos outros, e não são capazes de interromper o próprio curso". Em contrapartida, ele afirma que anseia por um lugar "onde não haverá morte, onde não haverá fracasso, onde o dia não há de passar, havendo de perdurar, um dia que não é precedido de um ontem, nem expulso por um amanhã".[10]

Entretanto, conforme mencionou Stanford Orth, o que mais se destaca na descrição de João em Apocalipse 21 é o novo relacionamento de Deus com Seu povo.[11] Nessa nova relação, a oposição entre Céu e Terra não existe mais. Como disse certa vez Don Fleming,

“frequentemente Deus é retratado como habitando no Céu e Seu povo na Terra. Na eternidade tal distinção não vai existir, porque Deus agora habita com Seu povo numa ordem de vida jamais experimentada antes [...], na qual Deus e Seu povo vivem juntos na mais íntima comunhão. Tudo isso é possível porque os efeitos do pecado na ordem anterior foram removidos”.[12]

Os profetas do Antigo Testamento já haviam chamado a atenção para o novo relacionamento que Deus estabelecerá com Seu povo. Deus havia anunciado por meio de Ezequiel: “O Meu tabernáculo estará com eles; Eu serei o seu Deus, e eles serão o Meu povo”.[13] O mesmo profeta nos apresenta outra declaração surpreendente: “Dezoito mil côvados em redor; e o nome da cidade desde aquele dia será: O Senhor Está Ali”.[14] Nichol comenta que “a cidade do futuro, a Nova Jerusalém, que João vê descendo do Céu, da parte de Deus, demonstra similaridades impressionantes com a cidade da visão de Ezequiel”.[15] O fato de que essa cidade será a habitação dos *filhos de Israel* e de que o Senhor está ali reforça a ideia de união entre Deus e Seu povo.

Em Isaías, encontramos prenúncios de que a vida atual com suas limitações chegará a um fim. A presença de Deus banirá não apenas o mal, mas todas as suas consequências. A linguagem de João é um eco da voz de Isaías, alguns séculos antes:

> *Tragará a morte para sempre*, e, assim, *enxugará o Senhor Deus as lágrimas de todos os rostos*, e tirará de toda a Terra o opróbrio do Seu povo, porque o Senhor falou (Is 25:8).
>
> Os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo; *alegria eterna* coroará a sua cabeça; gozo e alegria alcançarão, e *deles fugirá a tristeza e o gemido* (Is 35:10).
>
> Mas *vós folgareis e exultareis perpetuamente* no que Eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo, regozijo. E exultarei por causa de Jerusalém e Me alegrarei no Meu povo, e *nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor* (Is 65:18, 19).

Há algo bastante intrigante em Apocalipse. Diversos estudiosos perceberam que sua estrutura está organizada de tal maneira que

encontramos no centro do livro o tema do grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás. No capítulo 12, há uma guerra entre o dragão e Miguel. No verso 10, o dragão é retratado como aquele que foi expulso do Céu e atirado para a Terra, “o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus”. No entanto, a boa notícia de triunfo aparece logo no verso seguinte: “Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro”. Mervyn Maxwell, em seu livro *Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse*, comenta que “este autêntico grito de louvor acha-se localizado no próprio centro do Apocalipse, ou afastado um ou dois versos do referido centro”.[16] Por sua vez, Ranko Stefanovic afirma:

> O segredo da vida vitoriosa dos seguidores de Cristo, sua vitória sobre Satanás vem pela virtude do que Cristo realizou na cruz. O sangue de Cristo produz a vitória. O tema do Apocalipse não é uma batalha militar (ou batalhas), nem algum evento político (ou eventos), mas a vitória final sobre o pecado e Satanás, a vitória conduzida pelo Cordeiro que foi morto. Em Seu sangue, há vitória garantida. A morte de Cristo, no Apocalipse, é um evento passado, mas também uma realidade presente.[17]

Em outras palavras, no centro do Apocalipse está a cruz de Cristo. O novo Éden de Apocalipse 21 e 22 só é possível por causa da cruz de Apocalipse 12, e isso se chama graça! Ellen White afirma que “na restauração final de todas as coisas, quando houver ‘um novo céu e uma nova Terra’, será restabelecido [o Éden], mais gloriosamente adornado do que no princípio”.[18] Para tornar isso possível, foi necessário que o mesmo Deus que entrou no primeiro jardim do Éden para perguntar: “Adão, onde está você?”, viesse ao jardim do Getsêmani, e absorvesse toda a maldade do mundo sobre os Seus ombros, a fim de conduzir-nos a um jardim do Éden restaurado. Entre o jardim do primeiro Éden e o jardim do Éden renovado está o jardim do Getsêmani.

Nos meses que se seguiram à morte do meu pai, gastei tempo refletindo sobre essas questões. Como gosto de escrever, várias vezes rabisquei um papel a fim de tentar registrar meus sentimentos. Como resultado, tenho armazenado em meu computador alguns poemas e

crônicas. Em um desses poemas, relembro um episódio em que eu e ele estávamos caminhando pela Alameda São Boaventura, no bairro do Fonseca, na cidade de Niterói, RJ. Ele segurava firmemente a minha mão (ou, talvez, eu estivesse segurando a dele), enquanto eu observava o movimento dos carros. Aprendi algo a respeito de Deus naquela noite em que íamos ao culto de oração. Quero compartilhar:

De mãos dadas

Um menino caminhava
Na avenida agitada
Com seu pai
De mãos dadas.

O céu
As estrelas
Incertezas
Numa Noite.

A Igreja
O Trajeto
O Silêncio
Insistente
O olhar,
Transcendente
O desejo, ardente!
Fora de si, absorto:
Onde, onde Ele está?

(a vida continuava aqui embaixo...
os carros iam e vinham,
iam e vinham a vida, as vidas
os seus condutores,
cada um para seu destino,
sem saber que sua corrida frenética e desenfreada os tornava escravos daquilo que imaginavam ser os donos (não houve lugar para

sinais de pontuação)
Em alguns momentos,
paravam,
na avenida,
não para observar o que é importante observar da vida,
mas porque uma luz vermelha indicava
que, naquele instante,
era perigoso prosseguir:
imaginei uns a chorar; outros, a sorrir...
talvez, alguns aproveitassem para um momento
compulsório de reflexão!

assim são os carros,
assim, as pessoas,
a avenida:
a vida!

Imanente,
Olhei para o Céu,
Para encontrar a Resposta
A Vida
A Mente
Avidamente!

Ele olhou para mim,
E então pude ver:
O brilho nos olhos!
E nos encontramos...
Eu, meu Pai e...
Assim, percebi:
Deus, comigo,
De mãos dadas!

No intervalo

Jesus veio ao mundo para religar o Céu e a Terra, para que

pudéssemos andar de mãos dadas, durante o intervalo entre a cruz e o novo Éden. Esse intervalo se apresenta como uma espécie de interlúdio que prenuncia um acontecimento de grande magnitude. Em suas visões, João também teve uma experiência semelhante. A visão que inicia no capítulo 11:19 segue até o capítulo 14:20, e passa por quatro cenas importantes.[19]

Na primeira cena, Apocalipse 11:19, menciona-se a arca da aliança. No Antigo Testamento, ela era símbolo da presença de Deus, um sinal de Seu amor para com Seu povo e a segurança de Sua promessa de guardá-los enquanto enfrentavam as jornadas e as batalhas do deserto. Ela aparece em Apocalipse para mostrar que o cuidado de Deus é o mesmo para com Sua igreja do tempo do fim.

Na segunda cena, capítulos 12 e 13, a visão descreve forças do mal se unindo para perseguir o povo de Deus. Na quarta cena (14:14-20), encontramos uma referência à volta de Jesus. Logo no verso 14, lemos: "Olhei, e vi *uma nuvem branca*, e assentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro, e na mão uma foice afiada". Esse texto nos lembra da afirmação que João fez na abertura do livro: "Eis que vem *com as nuvens*, e todo olho o verá".[20] Pulei a terceira cena, justamente porque ela relata o intervalo entre o conflito descrito na segunda cena e a volta de Jesus, exposta na quarta cena.

Nesse intervalo, descrito em Apocalipse 14:1-13, temos dois elementos que nos indicam como devemos agir enquanto aguardamos a volta de Jesus. Primeiro, João vê o Cordeiro e os 144 mil em pé no monte Sião; segundo, ele vê três anjos voando no céu e proclamando mensagens de advertência. O primeiro quadro me faz pensar em algo de que não podemos nos esquecer: se, por um lado, "manter expectativas baixas nos livra da decepção e do desapontamento", como disse Gordon Livingston;[21] por outro, acalentar altas expectativas nos ensina que podemos alcançar o inimaginável. Precisamos manter constantemente as altas expectativas de estar um dia em pé, no monte Sião, a fim de suportarmos o intervalo. O segundo quadro me diz que não posso ficar parado enquanto espero. João viu três anjos voando no meio do céu e *proclamando mensagens de advertência*. Esse é o nosso trabalho. Ainda

há muito a fazer por aqui. Como disse C. S. Lewis, certa vez, “se você estudar a história, verá que os cristãos que mais trabalharam por este mundo eram exatamente os que mais pensavam no outro mundo”.[22]

Ao tomar parte do serviço de adoração todos os fins de semana, saio do culto sempre com a forte impressão de que a igreja tem consciência desse intervalo. Fico observando, por exemplo, os grandes hinos da fé cristã. Boa parte deles tematiza a nossa esperança de um novo Éden, e essa esperança é o combustível que nos mantém em pé durante o intervalo: “Guerras e fomes nos dão a entender: Breve Jesus voltará! Graves sinais já nos fazem saber: Breve Jesus voltará!”,[23] “Ouve as harpas, que harmonia! Ouve as hostes a cantar! Peregrino, que alegria! Vais em breve para o lar!”,[24] “Anunciai pelas montanhas, e proclamai por terra e mar; anunciai pelas montanhas que Cristo vai voltar”,[25] “Que feliz reunião teremos lá no lar”[26], “Mas ‘té então, eu seguirei cantando, ‘té então contente eu hei de estar, até o dia em que a cidade eu veja, e ouça a Deus chamar-me ao lar”.[27]

Gosto de pensar que um dia não precisaremos mais cantar esses hinos. E não os cantaremos por duas razões muito simples. A primeira é que toda a descrição que eles fazem do futuro que nos aguarda não será mais uma esperança, mas a doce realidade; segundo, o intervalo terá passado. No lugar deles, a Bíblia nos diz que cantaremos um *cântico novo*. Duas vezes o Apocalipse fala de um *cântico novo*[28]. Porém, o que mais me encanta é o fato de que o livro dá uma prévia da letra do hino que cantaremos naquela feliz reunião: “Depois destas coisas, ouvi no Céu como que uma grande voz de numerosa multidão, que dizia: *Aleluia! A salvação e a glória e a honra e o poder pertencem ao nosso Deus*”.[29] A letra continua:[30]

> Aleluia!
> Pois já reina o Senhor Nosso Deus,
> O Todo-poderoso.
> Regozijemo-nos, e exultemos,
> E demos-Lhe a glória!
> Pois são chegadas as bodas do Cordeiro,
> E já a Sua noiva se aprontou.

Foi-lhe dado que se vestisse de linho fino,
Resplandecente e puro.

Por ora, a única coisa que nos resta a fazer é ensaiar. E de que maneira podemos proceder a esse ensaio? O comentário de João aos últimos versos do hino dá uma pista: “o linho fino são os atos de justiça dos santos”. Porém, o Apocalipse e toda a Bíblia deixam claro que os santos foram salvos não porque praticaram atos de justiça, mas praticaram atos de justiça porque foram salvos, porque as suas vestes foram lavadas no sangue do Cordeiro e, finalmente, porque o caráter amoroso de Cristo foi reproduzido neles.

O intervalo é um tempo de preparo; um tempo para conhecermos melhor Aquele com quem passaremos a eternidade. O livro de Apocalipse mostra que os salvos têm consciência de quem Deus é e das obras que Ele realiza. Na letra do hino que João está chamando de o Cântico de Moisés e o Cântico do Cordeiro, ouvimos a afirmação: “Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, ó Senhor Deus Todo-poderoso. Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos séculos. Quem não Te temerá, ó Senhor, e não glorificará o Teu nome? Pois só Tu és santo”.[31]

Esse cântico é chamado de o cântico de Moisés como uma forma de relembrar a grande vitória concedida ao antigo povo de Israel sobre os egípcios, registrado em Êxodo 15:1-21. Nesse hino, Moisés demonstra sua fé na ação de Deus por Seu povo: “Tu, com a Tua beneficência, guiarás o povo que remiste. Com a Tua força, o levarás à Tua santa habitação”. Mais do que isso, em Êxodo 15:2, nos deparamos com um dado intrigante: a palavra traduzida como “salvação” vem de *Yeshuah*, que é também o nome de Jesus, em hebraico. No mesmo verso, ele diz: “Este é o meu Deus”. No verso 13, Moisés declara: “Tu, com a Tua beneficência guiarás o povo que remiste. Com a Tua força o levarás à Tua habitação”.

Em outras palavras, Moisés está cantando a encarnação de Jesus, e o livramento do pecado que Ele nos concedeu por meio de Sua morte expiatória. Isso parece explicar por que João chama o cântico dos remidos de o cântico de Moisés e do Cordeiro: trata-se de uma alusão

ao cântico que Moisés cantou *em louvor ao* Cordeiro, pelo livramento não apenas dos egípcios, mas, sobretudo, pelo livramento do pecado. Nós também cantaremos esse cântico!

Porém, a essa altura surge uma pergunta inquietante. A que habitação Moisés se refere no verso 13? Temos uma pista no verso 17: “Tu os introduzirás, e os plantarás no monte da Tua herança, no lugar que Tu, ó Senhor, preparaste para a Tua habitação, *no santuário*, ó Senhor, *que as Tuas mãos estabeleceram*”. A única questão é que, nesse momento da história, ainda não havia um santuário no deserto. Portanto, embalado pelo dom de profecia, Moisés deve estar falando de outra habitação de Deus. Não seria a Nova Jerusalém? Eu creio que sim. Porém, o Senhor não habitará ali sozinho. O cântico de Moisés diz: “Tu os introduzirás, e os plantarás no monte da Tua herança”. Um sobressalto se apodera de mim ao imaginar que, nesse lugar, nós não seremos vizinhos de Deus; melhor, nós moraremos na própria habitação de Deus, e eu acho isso absolutamente maravilhoso!

Retornando à travessia do Mar Vermelho, fico chocado com o fato de que o próximo ponto de parada são as amargas águas de Mara, e mais uma vez uma situação desafiadora. Isso demonstra como é a nossa vida no intervalo: podemos celebrar uma grande vitória, e, logo em seguida, enfrentar um novo desafio. Embora em Apocalipse 15:3-4, esteja clara a alusão à experiência do livramento do povo de Israel do jugo egípcio, na mente de João existia um panorama maior: toda a jornada dos israelitas foi um preparo para a entrada em Canaã, e esse preparo envolve o conhecimento de Deus e de Suas ações em favor de Seu povo. Nas palavras de Eliú, encontramos a contundente afirmação: “Quão grande é Deus, e nós não O compreendemos!”[32] No entanto, embora pareça, a frase não é um paradoxo: “Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor; como a alva, a Sua vinda é certa; e Ele descerá sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra.”[33]

Moisés percebeu que, mesmo sem entender, vale a pena seguir os caminhos de Deus, e, por isso, podemos vê-lo orando: “Rogo-te que agora me mostres os Teus caminhos, para que eu Te conheça.”[34] Nessa oração, Moisés está assumindo que os caminhos de Deus são melhores, e que, não importa o que acontecer, ele quer continuar trilhando esses

caminhos; mais importante, porém, e isso está bem explícito, Moisés quer conhecer os caminhos de Deus porque, dessa forma, é possível conhecê-Lo ainda mais. O inverso também é verdadeiro. À medida que conhecemos melhor a Deus, mais firmemente caminhamos em Seus caminhos. Para que isso fosse uma realidade, Moisés subia constantemente o monte. Numa dessas ocasiões, ao vislumbrar a glória de Deus, a constatação sobre quem Ele é veio tão clara quanto o Sol num dia quente de verão: “Senhor, Senhor, Deus misericordioso e compassivo, tardio em irar-Se e grande em beneficência e verdade, que usa de beneficência com milhares, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado.”[35]

Tão intensa era a convicção de João quanto ao que devemos fazer durante o intervalo, que, em seu evangelho, ele relembra as palavras de Cristo: “Ora, a vida eterna é esta: que conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.”[36]

A última lágrima

Em seu comentário de Apocalipse, os estudiosos Walter Roehrs e Martin Franzmann[37] chamam a atenção para algo singular: o livro “termina (22:6-21) da mesma maneira que iniciou (1:4, 5), como uma carta, uma palavra pessoal e urgente de Cristo à igreja. [...] Três vezes a palavra urgente ouvida é: *Eis que cedo venho*”.[38]

A urgência dessas palavras me faz lembrar a última conversa que tive com meu pai, precisamente uma semana e um dia antes de ele morrer. Estávamos em sua casa. Após o jantar, conversamos como há algum tempo não conversávamos. Inicialmente, a conversa girou em torno de assuntos triviais. Pouco tempo depois, acredito que por providência divina, começamos a falar sobre o Céu. A conversa se estendeu até à 1h da madrugada. Assuntos como a volta de Jesus, 144 mil, a nova terra, e outros relacionados fizeram parte de nossa pauta. No entanto, o que mais me marcou naquela noite foi um comentário que ele fez. Havia uma compenetração no olhar, e o brilho nos olhos, quase se transformando em lágrimas, indicava que aquelas palavras vinham do coração: “Eu não sei se estarei vivo até a volta de Jesus, mas eu sei de uma coisa. Se eu

dormir, Ele vai chamar o meu nome. E então, eu vou acordar. E vou subir com Ele, e com todos vocês!”

Viajei no dia seguinte. Uma semana depois, precisei voltar. A família estava toda reunida. Dessa vez, não para um culto de pôr do sol, nem para uma troca de presentes no Natal ou no Ano-Novo, mas para uma despedida que chegou com muitos anos de antecedência. Imaginei que cuidaria dele em sua velhice, mas ele se foi antes de completar 61 anos de idade.

Nos dias que se seguiram à sua morte, decidi fazer meus devocionais usando a Bíblia do meu pai, e isso se transformou numa experiência que renovou a minha fé. Havia vários porquês em minha cabeça; mas, à medida que eu ia folheando as páginas da Bíblia, renovava-se dentro de mim um sentimento que, na falta de um nome melhor, nós o chamamos de esperança. Em muitos momentos, os olhos ficavam embaçados, sem querer parar de chorar. As águas pareciam traduzir tudo que aquele homem significou para mim. Dois versos, principalmente, fizeram o coração disparar. Atribuo isso a dois fatores: primeiro, porque o fato de estarem bem marcados me deixou claro que ele acreditava piamente na ressurreição; segundo, porque são afirmações de Paulo, e eu simplesmente amo as cartas de Paulo. Os versos são os seguintes:

> Porque sei em quem tenho crido e estou certo de que Ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia.[39]
>
> Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em Sua companhia, os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos,

pois, uns aos outros com estas palavras.[40]

Naqueles dias, cheguei à conclusão de que o viver do meu pai foi Cristo, e o seu morrer foi lucro! Afinal, eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim Se levantará sobre a Terra.[41] Quando isso acontecer, uma voz suave e melodiosa despertará meu pai do sono da morte, e não apenas ele, mas todos os nossos queridos que se foram sem dizer adeus. Em meio ao som de fortes trombetas, os seus olhos castanhos, tão claros que quase assumem um tom esverdeado, encontrarão os meus outra vez. Nesse reencontro, imagino que as primeiras palavras, que me chegarão por meio de uma voz levemente rouca e que atingirão a um só tempo os ouvidos e o coração, me dirão: “Oi, filhão, como você está bonito!” Então, um abraço, e silêncio profundo. “Palavras não são o bastante; somente o silêncio pode expressar o inexprimível!”[42]

> E, ao transcorrerem os anos da eternidade, trarão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão. Quanto mais aprendem os homens acerca de Deus, mais Lhe admiram o caráter. Ao revelar-lhes Jesus as riquezas da redenção e os estupendos feitos do grande conflito com Satanás, a alma dos resgatados fremirá com mais fervorosa devoção, e com mais arrebatadora alegria dedilharão as harpas de ouro; e milhares de milhares, e milhões de milhões de vozes se unem para avolumar o potente coro de louvor.[43]

> Durante séculos eternos, mentes imortais, *procurando entender o* mistério daquele amor *incompreensível*, maravilhar-se-ão e adorarão.[44]
>
> *O grande conflito terminou*... Todas as coisas, animadas e inanimadas... declaram que Deus é amor![45]

Que mais me resta a dizer? Que “*a graça* do Senhor Jesus seja com todos vós. Amém”.[46] E que “o *Deus de toda a graça*, que em Cristo vos chamou à Sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, Ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar”.[47]



[1] Joan Didion, *O Ano do Pensamento Mágico* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006), p. 7, 8.

[2] 1 Tessalonicenses 5:21.

[3] Joan Didion, *O Ano do Pensamento Mágico* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006), p. 188.

[4] Ibid., p. 189.

[5] Jerry Newcombe, *The Moral of the Story: Timeless Tales to Cherish & Share* (Nashville, TN: Broadman & Holman, 1996), p. 109.

[6] C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2005).

[7] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 83.

[8] Apocalipse 21:5.

[9] Philip Yancey, *O Jesus que Eu Nunca Conheci* (São Paulo: Vida, 2004), p. 239.

[10] Citado por Harold Bloom, *Onde Encontrar a Sabedoria?* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005).

[11] Stanford Orth, *La Consumación de los Tiempos* (Puebla, México: Ediciones Las Américas, 1998), p. 145.

[12] Don Fleming, *Concise Bible Commentary* (Chattanooga, TN: AMG Publishers, 1998), p. 603.

[13] Ezequiel 37:27.

[14] Ezequiel 48:35.

[15] Francis D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1978), v. 4, p. 739.

[16] C. Mervyn Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 329.

[17] Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002), p. 389.

[18] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 32.

[19] Kenneth Strand, “The Eight Basic Visions”, em Frank Holbrook, *Daniel & Revelation Committee Series*, (Silver Spring, MI: Biblical Research Institute of Seventh-day Adventists, 1992) v. 6, p. 35-50.

[20] Ranko Stefanovic comenta que a declaração de Apocalipse 14:14 relembra a visão em que Daniel viu “um como o Filho do Homem” vindo nas nuvens do céu. Essa visão de Daniel, conforme comenta Ellen White, não se refere à segunda vinda de Cristo, mas ao início do juízo pré-advento. Ela afirma que o que encontramos em Daniel 7:13, Malaquias 3:1 e na parábola das dez virgens são descrições do mesmo evento: Cristo iniciando seu ministério no lugar santíssimo do santuário celestial, em 1844 (*Cristo em Seu Santuário*, p. 100). Porém, considerando a declaração de João em Apocalipse 1:7: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá”, parece mais provável que ele esteja se referindo mesmo à segunda vinda de Cristo, em Apocalipse 14:14. Ver Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002), p. 459.

[21] Gordon Livingston, *Velho Muito Cedo, Sábio Muito Tarde: Conselhos Para Viver com*

Vitalidade, Confiança e Coragem (Rio de Janeiro: Sextante, 2007).

[22] C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2005).

[23] Hinário Adventista, nº 134.

[24] Hinário Adventista, nº 135.

[25] Hinário Adventista, nº 137.

[26] Hinário Adventista, nº 127.

[27] Hinário Adventista, nº 555.

[28] Apocalipse 5:9; 14:3.

[29] Apocalipse 19:1.

[30] Apocalipse 19:6-8.

[31] Apocalipse 15:3, 4.

[32] Jó 36:26.

[33] Oseias 6:3.

[34] Êxodo 33:13.

[35] Êxodo 34:6, 7.

[36] João 17:3.

[37] W. H. Roehrs e M. H. Franzmann, *Concordia Self-study Commentary* (St. Louis, MO: Concordia Publishing House, 1998), v. 2, p. 301.

[38] Apocalipse 22:7, 12, 20.

[39] 2 Timóteo 1:12.

[40] 1 Tessalonicenses 4:13-18.

[41] Jó 19:25.

[42] Citado por Jacques Doukhan, *Secrets of Revelation: The Apocalypse Through Hebrew Eyes* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002), p. 58.

[43] Ellen G White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 293.

[44] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 64.

[45] Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 294.

[46] Apocalipse 22:21.

[47] 1 Pedro 5:10.

CPB NA INTERNET

FAÇA SUAS COMPRAS COM COMODIDADE

APROVEITE PROMOÇÕES EXCLUSIVAS



LIVROS, REVISTAS, AUDIOLIVROS, CDS E DVDS

CONECTE-SE ATRAVÉS DAS NOSSAS REDES SOCIAIS COM MILHARES DE SEGUIDORES

ACESSE AGORA

www.cpb.com.br